AMADIS DE GAULA

(Tradução de Graça Videira Lopes, a partir do original castelhano de Garcí Rodríguez de Montalvo; no final deste ficheiro, o leitor encontrará uma [breve nota](#) sobre o romance e os problemas – autoria, nacionalidade, etc. – que coloca, bem como sobre os critérios seguidos nesta tradução)¹

PRÓLOGO

Considerando os sábios antigos, que os grandes feitos das armas deixaram em escrito, quão breve foi aquilo que com efeito verdadeiramente nelas se passou, assim como as batalhas do nosso tempo que [por] nós foram vistas nos deram clara experiência e notícia, quiseram, sobre algum cimento de verdade, compor tais e tão estranhas façanhas, com que não apenas pensaram em deixar perpétua memória aos que a elas foram afeiçoados, mas também que fossem lidas com grande admiração, como nas antigas histórias dos gregos e troianos e outros que batalharam aparece por escrito. Assim o diz Salústio, que tanto os feitos dos de Atenas foram grandes quanto os seus escritores os quiseram aumentar e exaltar. Pois se no tempo destes oradores, que mais nas cousas da fama que do interesse ocupavam os seus juízos e fatigavam os seus espíritos, acontecera aquela santa conquista que o nosso muito esforçado Rei fez do reino de Granada, quantas flores, quantas rosas por eles seriam inventadas sobre ela, assim no tocante ao esforço dos cavaleiros, nas revoltas, nas escaramuças e perigosos combates e em todas as outras cousas de confrontos e trabalhos que para tal guerra se aparelharam, como nos esforçados razoamentos do grande Rei aos seus altos homens nas reais tendas ajuntados, e as obedientes respostas por eles dadas e, sobretudo, os grandes elogios, os crescidos louvores que merece por haver empreendido e acabado jornada tão católica! Por certo, creio eu que tanto o verdadeiro como o fingido que por eles fosse contado na fama de tão grande príncipe, com justa causa, sobre tão largo e verdadeiro cimento, pudera tocar nas nuvens; como se pode crer que, pelos seus sábios cronistas, se lhes fora dado seguir a antiguidade daquele estilo em memória aos

¹ **Nota sobre a tradução:** Os capítulos XI a XVIII e XX foram traduzidos pelos [alunos do Mestrado em Estudos Portugueses de 2006/07](#) (e posteriormente revistos e uniformizados por mim), alunos cujos nomes serão indicados em cada capítulo e a quem agradeço a colaboração e o (entusiástico) empenho.

vindouros, por escrito teriam deixado, pondo com justa causa em maior grau de fama e alteza verdadeira os seus grandes feitos que os dos outros imperadores, que com mais afeição que verdade que os nossos Rei e Rainha, foram louvados; pois que tanto mais o merecem quanto é a diferença das leis que tiveram, que os primeiros serviram o mundo, que lhes deu o galardão, e os nossos o Senhor dele, que com tão conhecido amor e vontade ajudar os quis, por os achar tão dignos de porem em execução com muito trabalho e gasto o que tanto do seu serviço é; e se porventura algo cá em esquecimento ficar, não ficará perante a sua Real Majestade, onde lhes tem aparelhado o galardão que por isso merecem.

Outra maneira de mais conveniente crédito teve na sua história aquele grande historiador Titus Livius para exaltar a honra e a fama dos seus romanos: que afastando-os das forças corporais os chegou ao ardimento e esforço do coração; porque, se quanto ao primeiro ponto alguma dúvida se pode encontrar, no segundo não se encontraria; que, se ele por mui estremado esforço deixou em memória a ousadia daquele que queimou o próprio braço¹, e daquele que por sua própria vontade se deitou no perigoso lago², já por nós foram vistas outras semelhantes cousas por parte daqueles que, menosprezando as vidas, quiseram receber a morte, para a outros as tirarem, de guisa que, pelo que vimos, podemos crer no que dele lemos, ainda que mui estranho nos pareça. Mas, por certo, em toda a sua grande história não se encontrará nenhum daqueles golpes espantosos, nem encontros milagrosos que nas outras histórias se encontram, como daquele forte Heitor se conta, e do famoso Aquiles, do esforçado Troilos e do valente Ajax Thalamon, e de outros muitos de que gram memória se faz, segundo a afeição daqueles que por escrito os deixaram. Bem assim como outras mais cerca de nós, daquele assinalado duque Godofré de Bulhom no golpe de espada que na ponte de Antioquia deu e do turco armado que quase em dois pedaços fez, sendo já rei de Jerusalém. Bem se pode e deve crer ter havido Tróia, e ser cercada e destruída pelos gregos, e assim mesmo ter sido conquistada Jerusalém, com outros muitos lugares por este Duque e seus companheiros, mas semelhantes golpes como estes atribuímo-los mais aos escritores, como já disse, do que terem com efeito ocorrido verdadeiramente. Outros houve de mais baixa sorte que escreveram, que não apenas escreveram sobre algum cimento de verdade, mas nem sobre o rasto dela. Estes são os que compuseram as histórias fingidas nas quais se encontram as cousas admiráveis fora da ordem da

¹ A história de Múncio, contada por Tito Lívio, *Décadas*, (II, X, 12).

² Segundo Blecua, tratar-se-á de uma referência à história de Curtius *Décadas* (VII, 6, 1-6).

natureza, que mais pelo nome de patranhas do que de crônicas com muita razão devem ser tidas e chamadas.

Pois vejamos agora se os feitos de armas que acontecem [aí] são semelhantes àqueles que quase todos os dias vemos e passamos, e ainda na maior parte desviadas da virtude e boa consciência; e aqueles que mui estranhos e graves nos parecem saibamos que são compostos e fingidos – que tomaremos de uns e de outros que algum fruto proveitoso nos tragam? Por certo, a meu ver, outra cousa não, salvo os bons exemplos e as doutrinas que mais à nossa salvação se alegarem, porque tendo sido permitido ser imprimida nos nossos corações a graça do muito alto Senhor para a elas nos chegarmos, tomemo-los por asas com que as nossas almas subam à alteza da glória para a qual foram criadas.

E eu isto considerando, desejando que de mim alguma sombra de memória ficasse, não me atrevendo a pôr o meu fraco engenho naquilo com que os mais sábios se ocuparam, quis-me juntar com os derradeiros que as cousas mais levianas e de menor substância escreveram, por serem a isso segundo a sua fraqueza mais conformes, coligindo estes três livros de Amadis, que por falta dos maus escritores, ou compositores, mui corruptos e viciosos se liam, e traduzindo e emendando o livro quarto com as Sergas de Esplandião, seu filho, que até agora não está na memória de ninguém ter visto, que por grande fortuna apareceu num túmulo de pedra que debaixo da terra, numa ermida perto de Constantinopla foi encontrado e trazido por um húngaro mercador a estas partes de Espanha, em letra e pergaminho tão antigo que com muito trabalho puderam ler aqueles que a língua sabiam; nos quais cinco livros, como quer que até aqui mais por patranhas que por crônicas eram tidos, são, com as tais emendas, acompanhados de tais exemplos e doutrinas, que com justa causa se poderão comparar aos levianos e fracos saleiros de cortiça que com tiras de ouro e prata são revestidos e guarnecidos, para que assim tanto os cavaleiros mancebos como os mais velhos encontrem neles aquilo que a cada um convém. E se porventura nesta mal ordenada obra algum erro aparecer daqueles proibidos no humano ou no divino, disso peço humildemente perdão, pois que mantendo e crendo eu firmemente tudo aquilo que a Santa Igreja mantém e manda, mais a simples ignorância do que a obra foi disso causa.

*

Aqui se começa o primeiro livro do esforçado e virtuoso cavaleiro Amadis, filho do rei Periom de Gaula e da rainha Elisena, o qual foi corrigido e emendado pelo honrado e virtuoso cavaleiro Garcí-Rodríguez de Montalvo, regedor da nobre vila de Medina del Campo, e corrigiu-o dos antigos originais que estavam corruptos e mal compostos em antigo estilo, por falta dos diferentes e maus escritores, tirando muitas palavras supérfluas e pondo outras de mais polido e elegante estilo tocantes à cavalaria e aos seus actos.

COMEÇA A OBRA

Não muitos anos depois da paixão do nosso Redentor e Salvador Jesus Cristo, houve um rei cristão na Pequena Bretanha, chamado Garinter, o qual, seguindo a lei da verdade, de muita devoção e boas maneiras era acompanhado. Este Rei teve duas filhas de uma nobre dona sua mulher, e a mais velha foi casada com Languines, Rei de Escócia, e foi chamada a Dona da Grinalda, porque o Rei seu marido nunca lhe consentiu cobrir os seus formosos cabelos senão com uma rica grinalda, tanto era pagado de os ver. De quem foram engendrados Agrajes e Mabília, os quais, um como cavaleiro e ela como donzela, nesta grande história muita menção se faz. A outra filha, que Elisena foi chamada, muito mais formosa que a primeira foi. E como quer que de mui grandes príncipes fosse demandada em casamento, nunca com nenhum deles casar lhe prougue; antes o seu retraimento e santa vida deram causa a que todos “beata perdida” a chamassem, considerando que a pessoa de tão grande linhagem, dotada de tanta formosura, de tantos grandes demandada em casamento, não lhe era conveniente tomar tal estilo de vida. Pois o dito rei Garinter, sendo em assaz crescida idade, por dar descanso a seu ânimo, algumas vezes a monte e à caça ia. Entre as quais, saindo um dia de uma vila sua que Alima se chamava, e andando desviado das armadas e dos caçadores rezando as suas horas pela floresta, viu à sua esquerda uma brava batalha de um só cavaleiro que com dois combatia; conheceu ele os dois cavaleiros que seus vassallos eram, os quais, por serem mui soberbos e de más maneiras, e mui aparentados¹, muitos nojos² deles havia recebido. Mas o que com eles combatia não pôde conhecer, e não se fiando que a valentia de um lhe pudesse tirar o medo dos dois,

¹ Ou seja, muito bem aparentados (com muitos e poderosos parentes).

² Ofensas.

afastando-se deles, olhava a batalha, no fim da qual, pela mão daquele, os dois foram vencidos e mortos. Isto feito, o cavaleiro veio de encontro ao Rei, e como o visse sozinho, disse-lhe:

– Bom homem, que terra é esta que assim são os cavaleiros andantes assaltados?

O Rei disse-lhe:

– Não vos maravilheis disso, cavaleiro, que assim como nas outras terras há bons cavaleiros e maus, assim os há nesta; e estes que dizeis não somente a muitos não feito grandes males e desaguisados, mas ainda mesmo ao rei seu senhor, sem que deles justiça pudesse fazer: por serem muito aparentados fizeram grandes agravos e também por se acolherem nesta tão espessa montanha.

O cavaleiro lhe disse:

– Pois a esse rei que dizeis venho eu buscar de longa terra e lhe trago novas de um seu grande amigo; e se sabeis onde possa encontrá-lo, rogo-vos que mo digais.

O Rei lhe disse:

– Como quer que aconteça, não deixarei de vos dizer a verdade: sabeis certamente que eu sou o rei que procurais.

O cavaleiro, retirando o escudo e o elmo e dando-os ao seu escudeiro, foi-o abraçar, dizendo ser o rei Periom de Gaula, que muito o tinha desejado conhecer.

Mui alegres foram estes dois Reis em se terem assim juntado e, falando em muitas cousas, foram-se ao encontro dos caçadores que estavam para se acolher à vila; mas antes lhes apareceu um cervo que, muito cansado, escapara das armadas, atrás do qual ambos os Reis foram em grande correria dos seus cavalos, pensando matá-lo; mas doutra maneira aconteceu, já que, de umas espessas matas, saiu um leão que o cervo alcançou e matou; e tendo-o aberto com as suas fortes garras, bravo e mal contido contra ao Reis se mostrava. E como tal o visse o rei Periom, disse:

– Pois não estareis tão sanhudo que parte da caça não nos deixeis!

E tomando as suas armas, desceu do cavalo, que, espantado do forte leão, não queria seguir adiante, e pondo o seu escudo ante si, com a espada na mão foi-se ao leão, de tal forma que nem as grandes vozes que o rei Garinter lhe dava o puderam estorvar. O leão, então, deixando a presa, veio contra ele, e juntando-se ambos, tendo-o o leão por baixo em ponto de o matar, mas não perdendo o Rei o seu esforço, feriu-o

com a espada no ventre e fê-lo cair morto ante si; e disto o rei Garinter, muito espantado, dizia para si mesmo:

– Não sem razão tem este fama do melhor cavaleiro do mundo!

Isto feito, e recolhida toda a companhia¹, fez carregar o leão e o cervo em dois palafreiros e levá-los à vila com grande prazer. Onde, tendo sido a Rainha avisada de tal hóspede, encontraram os paços preparados com grandes e ricos atavios e as mesas postas; na mais alta se sentaram os Reis e noutra, junto com a Rainha, Elisena, sua filha; e ali foram servidos como em casa de tão rico homem se devia. Estando assim naquele solaz², como aquela infanta tão formosa fosse e o rei Periom da mesma forma, e a fama dos seus grandes feitos de armas por todas as partes do mundo divulgadas, em tal ponto e hora se olharam que a grande honestidade e a santa vida dela não resistiu a que de incurável e mui grande amor não fosse presa, e o Rei igualmente dela, que até então o seu coração, sem ter subjogado a nenhuma outra, livre tinha; de guisa que tanto um como outro estiveram todo o comer quase fora do seu sentido. Levantadas as mesas, a Rainha quis recolher à sua câmara; e levantando-se Elisena, caiu-lhe um mui formoso anel na fralda do vestido, o qual tinha tirado para lavar as mãos e, com a grande turvação, não se tinha lembrado de tornar a pôr, e baixou-se para o apanhar; mas o rei Periom, que perto dela estava, quis-lho dar, de forma que as suas mãos se tocaram por momentos e o Rei tomou-lhe a mão e apertou-lha. Elisena ficou muito corada e olhando o Rei com olhos amorosos disse-lhe devagarinho que lhe agradecia aquele serviço.

– Ai senhora! – disse ele – Não será o derradeiro, mas todo o tempo da minha vida será empregado em vos servir!

Ela foi-se atrás da sua mãe com tão grande alteração que a vista quase levava perdida; e assim esta infanta, não podendo sofrer aquela nova dor que com tanta força havia vencido o seu velho pensamento, descobriu o seu segredo a uma sua donzela, em quem muito se fiava, que havia nome Darioleta, e com lágrimas dos seus olhos e mais ainda do coração, pediu-lhe conselho em como poderia saber se o rei Periom amaria outra mulher, e se aquele tão amoroso semblante que a ela havia mostrado lhe teria vindo da maneira e com a força que no seu coração havia sentido. A donzela, espantada com tão súbita mudança em pessoa tão desviada de semelhante atitude, havendo piedade de tão piedosas lágrimas, disse-lhe:

¹ Ou seja, os homens do rei.

² Convívio, prazer

– Senhora, bem vejo que a excessiva paixão que o tirano amor pôs em vós não deixou em vosso pensamento lugar onde albergar conselho e razão; e por isso, seguindo eu não aquilo que devo ao vosso serviço mas antes a vontade e obediência, farei o que me mandais pela via mais honesta, que a minha pouca discrição e o muito desejo de vos servir puderem encontrar.

E partindo-se então ela, foi até à câmara onde o rei Periom albergava, e encontrando o seu escudeiro à porta com os panos¹ que lhe queria dar de vestir, disse-lhe:

– Amigo, ide-vos fazer al, que eu ficarei com vosso senhor e lhe darei recado.

O escudeiro, pensando que aquilo por mais honra se fazia, deu-lhe os panos e partiu-se dali. A donzela entrou na câmara do rei, que estava na cama, e que, assim que a viu, a reconheceu como a donzela com quem tinha visto Elisena falar mais do que com qualquer outra, como se em ela mais do que em outra se fiasse; e acreditando que não sem remédio para os seus mortais desejos era vinda, estremeceu-lhe o coração e disse-lhe:

– Boa donzela, o que quereis?

– Dar-vos de vestir – disse ela.

– Para o coração devia isso ser – disse ele – que de prazer e alegria muito despojado e nu está.

– De que maneira? – disse ela.

– Porque vindo eu a esta terra – disse o Rei – com inteira liberdade, temendo apenas as aventuras que das armas me podiam ocorrer, não sei de que forma, entrando nesta casa destes vossos senhores, sou chagado de ferida mortal; e se vós, boa donzela, alguma mezinha para ela me procurásseis, por mim sérieis mui bem galardoada.

– Certamente, senhor – disse ela –, por mui contente me teria em fazer serviço a tão alto homem e tão bom cavaleiro como vós sois, se soubesse como.

– Se me prometeis – disse o Rei –, como leal donzela, não o descobrir, senão onde for razão, eu vo-lo direi.

– Dizei-o sem receio – disse ela –, que inteiramente por mim guardado será.

– Pois amiga senhora – disse ele –, digo-vos que em forte hora eu vi a grande formosura de Elisena, vossa senhora, que atormentado de coitas e fadigas estou a ponto de morte, da qual, se nenhum remédio encontro, não me poderei livrar.

¹ Roupas.

A donzela, que neste caso inteiramente conhecia o coração da sua senhora, como já acima ouvistes, quando isto ouviu, ficou mui alegre e disse-lhe:

– Senhor, se vós me prometeis, como rei, guardar em tudo a verdade (que a isso, mais do que nenhum outro, sois obrigado), e como cavaleiro (já que, segundo a vossa fama, para a suster tantos afãs e perigos haveis passado), e tomá-la por mulher quando disso for tempo, eu pô-la-ei em lugar onde não apenas o vosso coração seja satisfeito, mas também o seu, que tanto ou porventura mais do que o vosso está em coita e em dor, ferido por essa mesma chaga; e se não for assim, nem vós a cobrareis, nem eu acreditarei serem as vossas palavras saídas de leal e honesto amor.

O Rei, que na sua vontade tinha já imprimida a permissão de Deus para que disto se seguisse o que adiante ouvireis, tomou a espada que cabo de si tinha, e pondo a mão direita na cruz, disse:

– Eu juro por esta cruz e espada com que recebi a ordem de cavalaria fazer o que vós, donzela, me pedis, cada que me for pedido por vossa senhora Elisena.

– Pois agora folgai – disse ela –, que eu cumprirei o que disse.

E partindo-se dele, voltou à sua senhora; e contando-lhe o que com o Rei concertara, grande alegria pôs no seu ânimo, de tal forma que, abraçando-a, lhe disse:

– Minha amiga verdadeira, quando verei a hora em que nos meus braços tenha aquele que por senhor me haveis dado!

– Já vo-lo direi – disse ela. Sabeis, senhora, como aquela câmara onde está o rei Periom tem uma porta que dá para a horta, por onde o vosso pai sai algumas vezes a recrear-se, que agora está coberta pelas cortinas, mas de que eu tenho a chave; pois quando o Rei sair dali, eu abri-la-ei, e sendo tão de noite que todos estejam sossegados no palácio, por ela poderemos entrar, sem que sejamos sentidas por ninguém; e quando for altura de sair, eu vos chamarei e conduzir-vos-ei à vossa cama.

Elisena, ouvindo isto, ficou tão atónita de prazer que não conseguia falar, até que, voltando a si, lhe disse:

– Minha amiga, em vós deixo toda a minha fazenda. Mas como se fará o que dizeis, se o meu pai está dentro da câmara com o rei Periom¹, e se se apercebesse seríamos todos em grande perigo?

– Isso – disse a donzela – deixai por minha conta, que o remediarei.

¹ A referência deve ser entendida no contexto medieval, onde a dormida em comum era usual (e mesmo, como aqui, sinal de deferência para com um hóspede ilustre).

Com estas palavras terminaram a conversa. Os reis, a rainha e a infanta Elisena passaram aquele dia comendo e ceando como antes; mas quando chegou a noite, Darioleta tomou à parte o escudeiro do rei Periom e disse-lhe:

– Ai amigo, dizei-me se sois homem fidalgo!

– Sim, sou – disse ele – e ainda filho de cavaleiro; mas porque o perguntais?

– Eu vo-lo direi – disse ela; porque queria saber de vós uma coisa, e rogo-vos que, pela fé que a Deus e a el-Rei vosso senhor deveis, ma digais.

– Por Santa Maria – disse ele –, todas as cousas que eu souber vos direi, desde que não seja com dano do meu senhor.

– Isso vos outorgo eu – disse a donzela –, que nem eu vos perguntarei nada em seu dano nem vós teríeis razão em mo dizer; mas o que eu quero saber é que me digais qual é a donzela que o vosso senhor ama com estremado amor.

– O meu senhor – disse ele – ama a todas em geral, mas por certo que não lhe conheço nenhuma que ele ame da maneira que dizeis.

Nisto falando, chegou o rei Garinter onde estavam todos e, vendo Darioleta com o escudeiro, chamou-a e disse-lhe:

– Que tens tu que falar com o escudeiro d' el-Rei?

– Por Deus, senhor, eu vo-lo direi: ele chamou-me e disse-me que o seu senhor tem por costume dormir sozinho, e por certo sente muito embaraço com a vossa companhia.

El-Rei partiu-se dela, foi ao encontro do rei Periom e disse-lhe:

– Senhor, tenho ainda muitas cousas da minha fazenda para tratar e levanto-me à hora das matinas; por isso, e para não vos causar incómodo, tenho por bem que fiquéis sozinho na câmara.

O rei Periom disse-lhe:

– Fazei, senhor, como melhor vos aprouver.

– Assim me apraz – disse ele.

Então percebeu ele que a donzela lhe dissera a verdade, e mandou logo os seus reposteiros¹ tirarem a sua cama da câmara do rei Periom. Quando Darioleta viu que tudo, com efeito, vinha ao que desejava, foi-se a Elisena, sua senhora, e contou-lhe tudo o que se passara.

¹ Funcionários encarregados da “reposte”, ou seja, alojamento, guarda-roupa, etc.

– Amiga senhora – disse ela –, agora creio, pois que Deus assim o propicia, que isto, que no presente engano parece, será adiante algum grande serviço seu; e dizei-me o que faremos, que a grande alegria que tenho me tira grande parte do juízo.

– Senhora – disse a donzela –, façamos esta noite o que está combinado, que a porta da câmara de que vos falei tenho-a aberta.

– Pois a vós deixo o cargo de me levar quando for tempo.

E assim estiveram até que todos foram dormir.

CAPÍTULO I

Como a infanta Elisena e a sua donzela Darioleta foram à câmara onde estava o rei Periom.

Quando todos sossegaram, Darioleta levantou-se e, tomando Elisena da sua cama, nua tal como estava, apenas com a camisa, cobriu-a com um manto e saíram ambas para a horta. O luar estava muito claro. A donzela olhou então para a sua senhora e, abrindo-lhe o manto, olhou o seu corpo e disse-lhe, rindo:

– Senhora, em boa hora nasceu o cavaleiro que esta noite vos terá; e bem diziam que esta era a mais formosa donzela de rosto e de corpo que então se conhecia.

Elisena sorriu e disse:

– Assim o podeis dizer por mim, que nasci em boa ventura para ser chegada a tal cavaleiro.

E assim chegaram à porta da câmara. E como quer que Elisena se dirigisse para a coisa que mais amava no mundo, tremia-lhe todo o corpo e a palavra, que não conseguia falar; e tocaram na porta para a abrir. O rei Periom que, com a grande fadiga que tinha no seu coração, bem como com a esperança que a donzela lhe tinha dado, não tinha podido dormir, naquela altura, já cansado e vencido pelo sono, adormecera; e sonhava que alguém entrava naquela câmara por uma falsa porta, sem ele saber quem, e lhe metia as mãos nos costados e, tirando-lhe o coração, o deitava a um rio. E ele dizia: "Porque fizestes tal crueza?" "Isto não é nada, dizia esse alguém, que aí vos fica outro coração que eu vos tomarei, ainda que não seja por minha vontade" O Rei, com a grande coita que em si sentia, acordou espavorido e começou a benzer-se. Nesta altura haviam já as donzelas aberto a porta e entravam por ela, e como ele o sentiu, temeu-se

de traição por causa do que sonhara, e levantando a cabeça viu, por entre as cortinas, a porta aberta, do que ele nada sabia, e com o luar que por ela entrava viu o vulto das donzelas. Então, saltando da cama onde jazia, tomou a sua espada e o escudo e dirigiu-se contra aquela parte onde as tinha visto. Darioleta, quando assim o viu, disse-lhe:

– Que é isso, senhor? Tirai as vossas armas, que contra nós pouca defesa vos terão.

O Rei, que a conheceu, olhou e viu Elisena, sua muito amada, e deitando a espada e o escudo por terra, cobriu-se com um manto que ante a cama tinha e com o qual algumas vezes se levantava, e foi tomar a sua senhora nos braços; e ela o abraçou como aquele que mais que a si amava. Darioleta disse-lhe:

– Ficai, senhora, com esse cavaleiro, que ainda que vós como donzela até agora de muitos vos defendestes, e ele também de muitas outras se defendeu, não bastaram as vossas forças para vos defenderdes um do outro.

E Darioleta, procurando a espada do Rei onde ele a tinha deixado e tomando-a como sinal da jura e promessa que lhe tinha feito em razão do casamento de sua senhora, saiu para a horta. O Rei ficou sozinho com a sua amiga e, ao lume das três tochas que estavam na câmara, olhava-a, parecendo-lhe que toda a formosura do mundo se juntara nela e tendo-se por mui bem aventurado de Deus lha ter trazido em tal estado; e assim abraçados se foram deitar no leito.

Onde aquela que tanto tempo, com tanta formosura e juventude, pedida por tantos príncipes e grandes homens, se tinha defendido, ficando com liberdade de donzela, em pouco mais de um dia, quando o seu pensamento mais afastado e desviado estava disso, o qual amor, rompendo aquelas fortes amarras da sua honesta e santa vida lhe fez perder, tornando-se de ali em diante dona. Por onde se dá a entender que assim as mulheres, apartando os seus pensamentos das cousas mundanais, menosprezando a grande formosura com que a natureza as dotou, a fresca juventude que em muito grau a acrescenta, os prazeres e deleites que com as grandes riquezas de seus pais esperavam gozar, querem por salvação de suas almas ficar em pobres casas fechadas, oferecendo com toda a obediência as suas livres vontades, a que sujeitas das alheias sejam, vendo passar o seu tempo sem nenhuma fama nem glória do mundo, como sabem que as suas irmãs e parentes o gozam, assim devem com muito cuidado tapar as orelhas, fechar os olhos, escusando-se de ver parentes e vizinhos, recolhendo-se nas devotas contemplanções, nas orações santas, tomando-as por verdadeiros deleites tal como o são;

porque com as fábulas, com as vistas, danificam o seu santo propósito; para que não seja assim como o foi com esta formosa infanta Elisena, a qual, passado tanto tempo que se quis guardar, num só momento, vendo a grande formosura daquele rei Periom, mudou o seu propósito de tal forma, que se não fosse pela descrição daquela sua donzela, que quis reparar a sua honra com o matrimónio, na verdade ela estava desse modo determinada a cair na parte mais baixa da sua desonra, assim como acontece a muitas outras neste mundo de que se podia falar, que, por não se guardarem do que se disse, o fizeram e continuarão a fazer, não se guardando.

Estando pois assim estes dois amantes em seu solaz, Elisena perguntou ao Rei se a sua partida seria breve; e ele disse-lhe:

– E por que, minha senhora, o perguntais?

– Porque esta boa ventura – disse ela – que tanto gozo e descanso deu aos meus mortais desejos, já me ameaça com a grande tristeza e angústia que a vossa ausência me dará, que com ela serei mais perto da morte que da vida.

Ouvidas por ele estas razões, disse:

– Não tendes temor disso, que ainda que este meu corpo parta da vossa presença, o meu coração junto com o vosso ficará, que a ambos dará esforço, a vós para sofrer e a mim para cedo regressar, que sendo sem ele não há outra força tão dura que me possa deter.

Darioleta, que viu ser tempo de sair dali, entrou na câmara e disse:

– Senhora, sei que outra vez vos agradou mais a minha presença do que agora, mas convém que vos levanteis e vamo-nos, que é tempo.

Elisena levantou-se e o Rei disse-lhe:

– Eu morarei aqui mais do que o possais crer, e isto será por vós; e rogo-vos que não se vos olvide este lugar.

Elas foram-se às suas camas e ele ficou na sua, muito pagado da sua amiga, mas espantado com o sonho que já ouvistes; e, por ele, havia mais vontade de se ir à sua terra, onde havia ao tempo muitos sábios que semelhantes cousas sabiam soltar e declarar¹, ainda que ele mesmo soubesse algo que aprendera quando mais moço. Neste júbilo e prazer morou ali o rei Periom dez dias, folgando todas as noites com aquela sua muito amada amiga, ao cabo dos quais decidiu, forçando a sua vontade e as lágrimas de

¹ Ou seja, explicar (*soltar* os sonhos era a expressão típica medieval).

sua senhora – que não foram poucas – partir. Assim, despedido do rei Garinter e da Rainha, armado com todas as suas armas, quando quis a sua espada empunhar não a encontrou; mas não ousou perguntar por ela, embora muito lhe doesse, porque era boa e formosa; isto fazia para que os seus amores com Elisena não fossem descobertos e para não dar desgosto ao rei Garinter. E mandou a um seu escudeiro que lhe arranjasse outra espada; e assim, armado só nas mãos e na cabeça, em cima do seu cavalo, sem outra companhia que a do seu escudeiro, pôs-se a caminho direito ao seu reino. Mas antes falou com ele Darioleta, dizendo-lhe a gram coita e saudade em que deixava a sua amiga; e ele disse-lhe:

– Ai, minha amiga! Eu vo-la encomendo como ao meu próprio coração.

E tirando do seu dedo um mui formoso anel, de dois que trazia, iguais um ao outro, deu-lho para que lho levasse e ela o trouxesse pelo seu amor. Assim ficou Elisena com muita saudade e grande dor do seu amigo, tanto que se não fora por aquela donzela, que a esforçava muito, com grande dificuldade poderia suportar; mas falando com ela algum descanso sentia.

E assim foram passando o tempo até que Elisena se sentiu grávida, perdendo o comer, o dormir e a mui formosa cor. Aí foram as coitas e as dores maiores, e não sem causa, porque naquele tempo era por lei estabelecido que qualquer mulher, por grande que fosse o seu estado e senhoria, se fosse encontrada em adultério, não podia de nenhuma guisa escusar a morte. Este tão cruel e péssimo costume durou até à vinda do mui virtuoso rei Artur, que foi o melhor rei dos que ali reinaram, e a revogou no tempo em que matou Froiã às portas de Paris. Mas muitos reis reinaram entre ele e o rei Lisuarte que esta lei sustiveram. E como quer que o rei Periom, por aquelas palavras que com a sua espada prometera, como vos foi dito, perante Deus fosse sem culpa, não o era perante o mundo, havendo sido tão ocultas; assim, pensar de o fazer saber a seu amigo não podia ser, sendo ele tão mancebo e tão orgulhoso de coração que nunca tomava folgança em nenhuma cousa senão em ganhar honra e fama, que nunca passava o seu tempo senão em andar de uns lugares para os outros como cavaleiro andante. Assim que nenhum remédio achava para a sua vida, não lhe pesando tanto perder a vista do mundo com a morte como a daquele seu amado senhor e amigo verdadeiro; mas aquele mui poderoso Senhor, por permissão do qual tudo isto se passava para o seu santo serviço, deu tal esforço e discrição a Darioleta que a sua ajuda bastou para tudo reparar, como agora ouvireis.

Havia naquele palácio do rei Garinter uma câmara afastada, de abóbada, sobre um rio que ali passava, e que tinha uma porta de ferro pequena por onde algumas vezes saíam as donzelas a folgar ao rio, e que estava vazia sem albergar ninguém; a qual, por conselho de Darioleta, Elisena pediu a seu pai e mãe, para reparação da sua má disposição e vida solitária, que sempre procurava ter, e para rezar as suas horas sem que fosse estorvada por ninguém, salvo por Darioleta, que suas dores sabia, para que a servisse e acompanhasse; o que ligeiramente por eles lhe foi outorgado, crendo ser sua intenção apenas reparar o corpo com mais saúde e a alma com vida mais estreita; e deram a chave da porta pequena à donzela, que a guardasse e a abrisse quando a sua filha por ali se quisesse distrair. E assim, aposentada Elisena aí onde ouvistes, um pouco mais descansada por se ver em tal lugar – que no seu parecer antes ali que noutra lugar o seu perigo reparar podia – tomou conselho da donzela sobre o que se faria do que parisse.

– O quê, senhora?! – disse ela – Que padeça, para que vós sejais livre!

– Ai, Santa Maria! – disse Elisena – E como consentirei eu em matar aquilo que foi engendrado pela cousa do mundo que mais amo?

– Não cureis disso, – disse a donzela – que se vos matarem não o deixarão a ele.

– Ainda que eu como culpada morra, – disse ela – não hão-de querer que a criatura inocente padeça.

– Deixemos agora de falar mais disso – disse a donzela –, que grande loucura seria que, para salvar uma cousa sem proveito, vos condenásseis a vós e ao vosso amado, que sem vós não poderia viver; e vivendo vós e ele, outros filhos tereis que o desejo deste vos fará perder.

Como esta donzela fosse mui sisuda¹ e guiada pela mercê de Deus, quis dar remédio ao apuro. E foi desta guisa: arranjou quatro tábuas tão grandes que, como uma arca, pudessem encerrar uma criatura com os seus panos, e tão comprida como uma espada; e fez trazer certas cousas para fazer um betume com que as pudesse juntar, sem que nela água alguma entrasse; e guardou tudo debaixo da sua cama sem que Elisena desse conta, até que, com as suas próprias mãos, juntou as tábuas com aquele fraco betume e fez uma arca tão perfeita e tão bem formada como se a tivesse feito um mestre; então a mostrou a Elisena e disse:

– Para que vos parece que isto foi feito?

¹ Sensata, sabedora.

– Não sei – respondeu ela.

– Sabê-lo-eis – disse a donzela – quando for mister.

Ela disse:

– Pouco daria por saber cousa que se faça ou diga, que perto estou de perder o meu bem e alegria.

A donzela teve grande dó de a ver assim e, vindo-lhe as lágrimas aos olhos, saiu da sua frente para que não a visse chorar. Pois não tardou muito que a Elisena chegasse o tempo de parir e sentindo as dores como cousa tão nova, tão estranha para ela, em grande amargura foi o seu coração posto, como aquela a quem convinha não se poder queixar nem gemer, o que dobrava a sua angústia; mas ao fim de certo tempo quis o Senhor poderoso que sem perigo seu parisse um filho; e tomando-lho a donzela nas mãos viu que era formoso, se ventura tivesse; mas não tardou em pôr em execução o que convinha, tal como antes o pensara, e envolveu-o em mui ricos panos e pô-lo perto da sua mãe e trouxe ali a arca de que já ouvistes; e disse-lhe Elisena:

– Que quereis fazer?

– Pô-lo aqui e lançá-lo ao rio – disse ela –, e porventura guarecer¹ poderá.

A mãe tinha-o nos seus braços, chorando feramente e dizendo:

– Meu filho pequeno, quão grave me é a vossa coita!

A donzela tomou tinta e pergaminho e fez uma carta que dizia: “Este é Amadis sem Tempo, filho de rei”. E dizia ela sem tempo porque pensava que logo seria morto, e este nome era ali muito prezado porque assim se chamava um santo a quem a donzela o encomendou. Esta carta cobriu toda de cera e, posta numa corda, pô-la ao pescoço do menino. Elisena tinha o anel que o rei Periom lhe dera quando dela se partiu, e meteu-o na mesma corda de cera; e pondo o menino dentro da arca, puseram-lhe a espada do rei Periom, a que ele tinha deixado no chão na primeira noite que ela com ele dormira, como ouvistes, e que tinha sido guardada pela donzela, e pela qual o rei, mesmo não a encontrando, não tinha ousado perguntar, para que o rei Garinter não ficasse anojado com aqueles que entravam na câmara.

Isto assim feito, pôs a tábua de cima tão junta e bem calafetada que nem água nem outra cousa ali poderia entrar; e tomando-a nos seus braços e abrindo a porta, pô-la no rio e deixou-a ir; e como a água era grande e brava, pronto a passou ao mar, que não distava dali mais de meia légua. Nesta sazão aparecia a alva e aconteceu uma

¹ Salvar-se, sobreviver.

formosa maravilha, daquelas que o Senhor mui alto, quando Lhe praz, costuma fazer: que no mar ia uma barca em que um cavaleiro de Escócia ia com sua mulher, que da Pequena Bretanha levava, parida de um filho que se chamava Gandalim; e o cavaleiro tinha por nome Gandales; e indo a mais andar sua via contra Escócia, sendo já manhã clara, viram a arca que ia nadando por cima da água; e chamando quatro marinheiros mandou-lhes que pronto baixassem um batel e lhe trouxessem aquilo, o que prontamente foi feito, como quer que a arca já mui longe da barca houvesse passado. O cavaleiro tomou a arca, tirou a cobertura e viu o donzel, que em seus braços tomou; e disse:

– Este de algum bom lugar é.

E dizia isto pelos ricos panos e o anel e a espada, que mui formosa lhe pareceu; e começou a maldizer a mulher que por medo tão cruelmente havia desamparado tal criatura; e guardando todas aquelas cousas, rogou a sua mulher que o fizesse criar, a qual lhe fez dar a teta daquela ama que a Gadalm, seu filho, criava; e ele tomou-a com gram vontade de mamar, coisa de que o cavaleiro e a dona muito se alegraram. E assim seguiram pelo mar com bom tempo propício, até que aportaram a uma vila de Escócia, que tinha nome Antália, e dali partindo, chegaram a um seu castelo, dos bons daquela terra, onde fez criar o donzel como se fosse seu próprio filho, e assim o criam todos que fosse, que dos marinheiros não se pôde saber sua fazenda, porque na barca, que era sua, a outras partes navegaram.

CAPÍTULO II

Como o rei Periom ia pelo caminho com seu escudeiro, com o coração mais acompanhado de tristeza do que de alegria.

Partido o rei Periom da Pequena Bretanha, como já vos foi contado, de muita angústia era o seu ânimo muito atormentado, tanto pela grande saudade que sentia da sua amiga, que muito de coração amava, como pelo sonho que já ouvistes, que em tal sazão lhe tinha acontecido. E assim, chegado ao seu reino, enviou chamar todos os seus ricos-homens e mandou aos bispos que consigo trouxessem os clérigos mais sabedores que havia nas suas terras, isto para que o sonho explicassem.

Como os seus vassallos tivessem sabido da sua vinda, tanto os chamados como muitos outros a ele vieram, com grande desejo de o ver, que de todos era mui amado, e

muitas vezes eram os seus corações atormentados ouvindo os grandes confrontos de armas em que ele se metia, temendo de o perder, e por isso todos o desejavam ter consigo; mas não o conseguiam, que o seu forte coração não era contente senão quando o corpo punha em grandes perigos. O Rei falou com eles do estado do reino e nas outras cousas que cumpriam a sua fazenda, mas sempre com triste semblante, o que a eles fazia grande pesar; e despachados os negócios, mandou que volvessem a suas terras, e fez ficar consigo três clérigos que soube que mais sabiam daquilo que ele desejava; e tomando-os consigo, foi-se à sua capela, e ali, ante a hóstia consagrada, os fez jurar que em tudo o que lhes perguntasse diriam a verdade, não temendo nenhuma cousa, por grave que se lhes apresentasse. Isto feito, mandou sair fora o capelão e ficou sozinho com eles. Então lhes contou o sonho já relatado e pediu-lhes que lhe explicassem o que dele lhe poderia acontecer. Um destes, que Ungão, o Picardo, se chamava, e que era o que mais sabia, disse:

– Senhor, os sonhos são cousas vãs, e por tal devem ser tidos; mas pois vos praz que em algo este vosso seja tido, dai-nos um prazo para que o possamos ver.

– Assim seja – disse o Rei –, e tomai doze dias para isso.

E mandou-os separar, que não se falassem nem vissem naquele prazo. E eles deitaram os seus juízos e firmezas, cada um como melhor soube, e chegado o tempo vieram para o Rei, o qual tomou à parte Alberto de Campanha e disse-lhe:

– Já sabeis o que me jurastes; agora dizei.

– Pois venham os outros – disse o clérigo –, e diante deles o direi.

– Venham – disse o Rei.

E fê-los chamar. E sendo todos juntos, disse o primeiro:

– Senhor, eu te direi o que entendo. A mim parece-me da câmara estar bem fechada e teres visto entrar pela porta mais pequena que significa estar este teu reino fechado e guardado que por parte alguma dele te entrará alguém para te tomar algo; e assim como a mão te metia pelos costados e sacava o coração e o deitava ao rio, assim te tomará vila ou castelo e o porá em poder de quem não o poderás recuperar.

– E o outro coração – disse o Rei – que me dizia que me ficava e mo faria perder sem seu grado?

– Isso – disse o mestre – parece que outro entrará em tua terra para te tomar outro tanto, mais constrangido por força de alguém que lho mande que de sua vontade; e neste caso não sei, senhor, que mais vos diga.

O Rei mandou ao outro, que Antales se chamava, que dissesse o que achava. E ele outorgou em tudo o que o outro havia dito:

– Salvo que as minhas sortes me mostram que já foi feito, e por aquele que mais te ama; e isto me faz maravilhar, porque agora mesmo nada foi perdido do teu reino, e se o fora não seria por pessoa que muito te amasse.

Ouvindo isto, o Rei sorriu um pouco porque lhe pareceu que pouco tinha dito. Mas Ungão, o Picardo, que muito mais que eles sabia, baixou a cabeça e riu-se mais de coração, ainda que poucas vezes o fizesse, que era homem esquivo e triste de seu natural. O Rei observou-o e disse-lhe:

– Agora, mestre, dizei o que souberes.

– Senhor – disse ele –, porventura eu vi cousas que não é mister de as manifestar senão a ti.

– Pois saiam todos fora – disse ele. E fechando as portas ficaram só os dois. O mestre disse:

– Sabe, Rei, que do que eu me ria foi daquelas palavras que em pouco tiveste, dizendo que já era feito por aquele que mais te ama. Agora te quero dizer aquilo que mui encoberto tens e pensas que ninguém sabe. Tu amas num lugar onde já a vontade cumpriste, e a que amas é maravilhosamente formosa.

E disse-lhe todos os seus modos como se diante de si a tivera.

– E da câmara em que vos vísis fechado isto claramente o sabeis, e como ela, querendo tirar do vosso coração e do seu aquelas coitas e angústias, quis, sem o teu conhecimento, entrar pela porta de que não te precatavas; e as mãos que nos costados metia é o ajuntamento de ambos, e o coração que sacava significa filho ou filha que haverá de vós.

– Pois, mestre – disse o Rei –, que significa que o deitava num rio?

– Isso, senhor – disse ele –, não o queiras saber, que não te tem nenhuma prol.

– Dizei-mo todavia – disse ele –, e não temeis.

– Pois que assim te praz – disse Ungão –, quero de ti fiança que por cousa que aqui diga não terás sanha daquela que tanto te ama, em nenhuma sazão.

– Eu o prometo – disse o Rei.

– Pois sabe – disse ele – que o que no rio vias lançar é que assim será lançado o filho que de vós tiver.

– E o outro coração que me fica – disse o Rei –, o que será?

– Bem deves entender – disse o mestre – um pelo outro: que é que tereis outro filho e de alguma maneira o perdereis, contra a vontade daquela que agora vos fará o primeiro perder.

– Grandes cousas me haveis dito – disse o Rei – e praza a Deus, por sua mercê, que isso dos filhos não saia tão verdadeiro como aquilo que disseste da dona que eu amo.

– As cousas ordenadas e permitidas por Deus – disse o mestre – ninguém as pode estorvar nem saber em que pararão; e por isso os homens não se devem entristecer nem alegar com elas, porque muitas vezes tanto o mal como o bem que a seu parecer delas podem ocorrer, pode suceder de forma diferente do que esperavam. E tu, nobre Rei, perdendo da tua memória tudo isto que aqui com tanto empenho quiseste saber, recolhe nela de sempre rogar a Deus que nisto e em todo o al faça o que seja em seu santo serviço, porque isso sem dúvida é o melhor.

O rei Periom ficou mui satisfeito do que desejava saber, e muito mais deste conselho de Ungão, o Picardo, e sempre perto de si o teve, fazendo-lhe muito bem e mercês. E saindo do paço encontrou uma donzela mais guarnecida de atavios que formosa que lhe disse:

– Sabei, rei Periom, que quando a tua perda cobrares, perderá o senhorio da Irlanda a sua flor.

E foi-se, que a não pôde deter. Assim ficou o Rei pensando nisto e noutras cousas.

O autor deixa de falar disto e torna ao donzel que Gandales criava, o qual Donzel do Mar se chamava, que assim lhe puseram o nome; e criava-se com muito cuidado daquele cavaleiro D. Gandales e de sua mulher, e fazia-se tão formoso que todos os que o viam se maravilhavam.

E um dia Gandales cavalgou, todo armado, que em grande maneira era bom cavaleiro e mui esforçado e sempre acompanhara el rei Languines da Escócia, no tempo em que as armas seguiam; e ainda que el rei deixasse de as seguir, não o fez ele assim, antes as usava muito. E indo assim armado como vos digo, encontrou uma donzela, que lhe disse:

– Ai, Gandales, se soubessem muitos altos homens o que eu sei agora, cortar-te-iam a cabeça!

– Porquê? – disse ele.

– Porque tu guardas a morte deles – respondeu ela.

E sabeis que esta era a donzela que tinha dito ao rei Periom que quando fosse a sua perda recobrada perderia o senhorio de Irlanda a sua flor. Gandales, que a não entendia perguntou-lhe:

– Por Deus, donzela, rogo-vos que me digais que é isso.

– Não to direi – disse ela –, mas todavia assim acontecerá

E partindo dele, foi sua via. Gandales ficou cuidando no que lhe dissera e, ao cabo de um momento, viu-a tornar mui asinha no seu palafrém, clamando em altas vozes:

– Ai, Gandales! Socorre-me que morta sou!

E olhou e viu vir após ela um cavaleiro armado com a espada na mão; e Gandales deu de esporas ao cavalo, meteu-se entre ambos e disse:

– Dom cavaleiro, a quem Deus dê má ventura, que quereis da donzela?

– Como! – disse ele – Quereis vós amparar a esta, que com engano me traz perdido o corpo e a alma?

– Disso não sei nada – tornou Gandales – mas ampará-la-ei de vós eu, porque mulheres não devem ser por esta via castigadas, ainda que o mereçam.

– Agora o vereis! – disse o cavaleiro.

E, metendo a espada na bainha, foi-se a um arvoredado, onde estava uma donzela mui formosa que lhe deu um escudo e uma lança, e deitou-se a correr contra Gandales, e Gandales a ele, e feriram-se com as lanças nos escudos, de tal modo que voaram em pedaços; e juntaram-se então dos cavalos e dos corpos tão bravamente que caíram ambos e os cavalos com eles; e cada um se levantou o mais prestes que pôde e houveram sua batalha assim a pé; mas não durou muito, porque a donzela que fugia se meteu entre eles, e disse:

– Cavaleiros, aquietai-vos!

O cavaleiro que viera após ela pôs-se logo fora do combate. E ela disse-lhe:

– Vinde à minha obediência!

– Irei de bom grado – disse ele –, como à cousa do mundo que mais amo.

E, tirando o escudo do colo e a espada da mão, fincou os joelhos ante ela; e Gandales foi disso mui maravilhado. E ela disse ao cavaleiro que ante si tinha:

– Dizei àquela donzela que está sob a árvore que se vá embora e já; senão que me talhareis a cabeça.

O cavaleiro tornou-se para ela e disse-lhe:

– Ai, malvada! Espantado estou de te não cortar a cabeça!

A donzela viu que o seu amigo estava encantado e montou no seu palafrém, chorando, e foi-se logo dali. A outra donzela disse:

– Gandales, agradeço-vos o que fizestes. Ide-vos em boa hora, que, se este cavaleiro errou contra mim, eu o perdoo.

– De vosso perdão não sei – disse Gandales –, mas não lhe quito a batalha se não se outorga por vencido.

– Quitareis, sim – disse a donzela – porque, ainda que fôsseis o melhor cavaleiro do mundo, eu faria que ele vos vencesse.

– Vós fareis o que puderdes – disse ele –, mas eu não o quitarei, se me não dizeis porque dissestes que guardava a morte de muitos altos homens.

– Antes to direi – disse ela –, porque a este cavaleiro amo eu como a meu amigo e a ti como meu ajudador.

Então o apartou e disse-lhe:

– Tu me farás preito, como leal cavaleiro, que outro por ti não o saberá, até que to eu mande.

Ele assim o outorgou e ela disse-lhe:

– Digo-te daquele que achaste no mar que será a flor dos cavaleiros do seu tempo; ele fará estremecer os fortes; ele começará todas as cousas e acabará com honra todas as em que os outros fraquejaram; ele fará tais cousas que ninguém cuidaria que pudessem ser começados e acabados por corpo de homem; ele fará que os soberbos sejam mansos; ele terá crueza de coração contra aqueles que a merecerem; e ainda mais te digo: ele será o cavaleiro que no mundo mais lealmente manterá o amor, e amará em tal lugar qual convém à sua alta proeza; e sabe que de ambas as partes vem de reis. Agora vai-te – disse a donzela –, e crê firmemente que tudo acontecerá como te digo; e se revelares isto, receberás por esse motivo mais mal do que bem.

– Ai, senhora! – disse Gandales – rogo-vos por Deus que me digais onde vos encontrarei para falar convosco sobre a sua fazenda.

– Isso não o saberás tu, nem por mim nem por outrem.

– Então dizei-me o vosso nome, pela fé que deveis à cousa do mundo que mais amais.

– Tu me conjuras tanto que eu to direi; mas a cousa que eu mais amo, sei que

mais me desama mais no mundo: é esse mui formoso cavaleiro com quem combateste. Mas não deixo por isso de o trazer à minha vontade, sem que ele outra coisa possa fazer. E sabe que o meu nome é Urganda, a Desconhecida; e agora olha-me bem e vê se me reconheces.

E ele que a tinha visto donzela, que a seu parecer não passaria dos seus dezoito anos, viu-a tão velha e tão quebrantada que se espantou de como se podia ter em cima do seu palafém. E começou a benzer-se daquela maravilha. Quando ela assim o viu, meteu mão a uma boceta que trazia no regaço; e pondo a mão por si, tornou à sua primeira forma, e disse:

– Parece-te que me acharias, ainda que me buscassem? Pois digo-te que não te dês a esse trabalho: que ainda que toda a gente do mundo me demandasse, não me achariam, se eu não quisesse.

– Assim Deus me salve, senhora – disse Gandales – eu assim o creio; mas rogo-vos por Deus que vos lembreis do donzel, que de todos é desamparado, a não ser de mim.

– Não penses nisso – disse Urganda – que esse desamparado será amparo e reparo de muitos. E eu amo-o mais de que tu pensas e espero receber dele em breve duas ajudas, em que outro não poderia pôr remédio; e ele receberá dois galardões, com que será muito alegre. E agora encomendo-te a Deus, que ir-me quero; e mais asinha me verás do que pensas.

E tomou o elmo e o escudo do seu amigo para lho levar. E a Gandales, que a cabeça lhe viu desarmada, pareceu-lhe o mais formoso cavaleiro que jamais vira. E assim se partiram um com o outro.

Onde deixaremos Urganda ir como seu amigo e contar-se-á de D. Gandales, que, partindo de Urganda, se tornou para seu castelo; e no caminho encontrou a donzela que andava com o amigo de Urganda, que estava chorando junto de uma fonte. Assim que viu Gandales, reconheceu-o e disse-lhe:

– Que é isso, cavaleiro? Como não vos fez matar aquela aleivosa a quem destes ajuda?

– Aleivosa não é ela – respondeu Gandales – mas boa e sabedora; e se fôsseis cavaleiro, eu vos faria pagar bem essa loucura que dissestes.

– Ai, mesquinha de mim! – disse ela – Como sabe a todos enganar!

– E que engano vos fez? – perguntou Gandales.

– Tomou-me aquele formoso cavaleiro que vistes, que, de seu grado, mais comigo faria vida que com ela.

– Esse engano assim fez – disse ele –, pois que fora de razão e de consciência vós e ela o tendes, segundo me parece.

– Como quer que seja, se puder, vingar-me-ei.

– Desvario pensais – disse Gandales – em querer anojá aquela que, não só antes que o obreis, mas que o penseis, o saberá.

– Agora ide-vos – disse ela –; que muitas vezes os que mais sabem caem nos laços mais perigosos.

Gandales deixou-a e foi, como de antes, seu caminho, cuidando na vida do seu donzel. E chegando ao Castelo, antes de se desarmar, tomou-o nos braços e começou-o a beijar, com lágrimas nos olhos, dizendo em seu coração:

– Meu formoso filho, queira Deus que eu chegue ao vosso bom tempo!

A este tempo tinha o donzel três anos, e sua grande formosura era tida por maravilha. E como viu seu amo chorar, pôs-lhe as mãos ante os olhos, como a querer-lhos limpar, o que muito alegrou Gandales, considerando que, crescendo mais em idade, mais se doeria da sua tristeza; e pô-lo no chão e foi-se desarmar; e daí em diante, com mais vontade curava dele; e tanto que chegou aos cinco anos, fez-lhe um arco à sua medida e outro ao seu filho Gandalim, e fazia-os atirar ante si; e assim o foi educando até à idade de sete anos.

Pois nesta ocasião el-rei Languines, passando pelo seu reino com sua mulher e toda a sua casa de uma vila à outra, chegou ao castelo de Gandales, que ficava em caminho, onde foi muito festejado. Mas ao seu Donzel do Mar, a seu filho Gandalim e a outros donzés mandou-os meter em um pátio para que o não vissem. E a rainha, que estava aposentada no mais alto da casa, olhando de uma janela, viu os donzés atirando, com seus arcos, e entre eles o Donzel do Mar, tão gentil e tão formoso que muito foi maravilhada de o ver; e como o viu mais bem vestido que todos, parecia ele o senhor. E como não viu ali ninguém da companhia de Gandales a quem perguntasse, chamou suas donas e donzelas e disse-lhes:

– Vinde e vereis a mais formosa criatura que jamais foi vista!

Pois estando todas a olhá-lo como cousa mui estranha e subida em formosura, o Donzel teve sede e, pondo o seu arco e setas por terra, foi a um cano de água para beber. E um donzel maior que os outros tomou-lhe o arco e quis atirar com ele; mas Gandalim não o

consentiu e o outro empurrou-o rudemente. Gandalim disse:

– Socorrei-me, Donzel do Mar!

E ouvindo-o, deixou de beber e foi-se contra o gram donzel, e ele lhe largou o arco; e tomou-o na mão e disse:

– Em má hora maltrataste o meu irmão!

E deu-lhe com ele por cima da cabeça um grande golpe, segundo sua força e pegaram-se ambos. Assim que o gram donzel, maltratado, começou a fugir e encontrou o aio que os guardava, que lhe perguntou:

– Que tens tu?

– Foi o Donzel do Mar – disse – que me feriu.

Então foi-se para ele com uma correia e disse:

– Como, Donzel do Mar? Já sois tão ousado que maltratais os moços? Agora vereis como vos castigarei por isso.

Ele pôs-se de joelhos ante ele e disse:

– Senhor, mais quero que me maltrateis que ver diante de mim ninguém tão ousado que faça mal a meu irmão.

E vieram-lhe as lágrimas aos olhos. O aio condoeu-se e disse-lhe:

– Se outra vez o fazeis, eu vos farei bem chorar.

A rainha viu bem tudo isto e maravilhou-se por lhe chamarem Donzel do Mar.

CAPÍTULO III

Como el-rei Languines levou consigo o Donzel do Mar e Gandalim, filho de D. Gandales

Assim estando, entrou el-rei e Gandales; e disse a rainha:

– Dizei, D. Gandales, é vosso filho aquele formoso donzel?

– Sim, senhora – disse ele.

– Pois por que o chamais Donzel do Mar?

– Porque no mar nasceu – disse Gandales –, quando eu da Pequena Bretanha vinha.

– Por Deus, pouco se parece convosco – disse a rainha.

Isto dizia ela por ser o donzel formoso à maravilha, e D. Gandales tinha mais de bondade que de formosura. El-rei, que o donzel olhava e mui formoso lhe pareceu,

disse:

– Fazei-o vir aqui, Gandales, que eu o quero criar.

– Senhor – disse ele – fá-lo-ei, mas ainda não está na idade de se separar de sua mãe.

Então foi por ele e trouxe-o e disse-lhe:

– Donzel do Mar, quereis ir com el-rei meu senhor?

– Eu irei onde me vós mandardes – disse ele – mas irá meu irmão comigo.

– Nem eu ficarei sem ele – disse Gandalim.

– Creio, senhor – disse Gandales – que os tereis de levar a ambos, que se não querem separar.

– Muito me apraz – disse el-rei.

Então o tomou junto de si e mandou chamar seu filho Agrajes, e disse-lhe:

– Filho, estes donzéis ama tu muito, que muito amo eu seu pai.

Quando Gandales isto viu, que punham o Donzel do Mar na obediência de outro que não valia tanto como ele, vieram-lhe as lágrimas aos olhos, e disse para si:

– Filho formoso, que de pequeno começaste a andar em aventuras e perigos, e agora te vejo ao serviço dos que a ti poderiam servir, Deus te guarde e guie naquelas cousas de Seu serviço e de tua grande honra, e faça verdadeiras as palavras que a sábia Urganda de ti me disse, e a mim deixe chegar ao tempo das tuas grandes maravilhas, que em armas te são prometidas.

O rei, que lhe viu os olhos cheios de água, disse:

– Nunca pensei que éreis tão louco!

– Não o sou tanto quanto o cuidais – disse ele –, mas se vos prouguer, ouvi-me um pouco ante a rainha.

Então mandaram afastar todos, e Gandales disse:

– Senhores, sabeis a verdade sobre este donzel que levais e que eu encontrei no mar.

E então contou-lhes de que maneira; e também teria dito o que de Urganda soube, se não fora o preito que tinha feito.

– Agora fazei com ele o que deveis, porque, assim Deus me salve, pelo aparato que trazia consigo, eu creio que é de mui alta linhagem.

Muito agradou ao rei sabê-lo, e preçou o cavaleiro que tão bem o guardara; e disse a D. Gandales:

– Pois que Deus tanto cuidado teve em guardá-lo, razão é que tenhamos nós o mesmo a criá-lo e a fazer-lhe bem quando chegar o tempo.

A rainha disse:

– Eu quero que ele seja meu, se vos prouguer, até porque está na idade de servir mulheres; e depois vosso será.

E o rei outorgou-lho.

No outro dia de manhã partiram-se dali, levando os donzés consigo e seguiram o seu caminho. Mas digo-vos que a rainha fazia criar o Donzel do Mar com tanto cuidado e honra como se fosse seu próprio filho. Mas o cuidado que com ele tomava não era vão, porque o seu engenho era tal, e a condição tão nobre, que muito melhor que qualquer outro e mais prestes aprendia todas as cousas. E amava tanto caça e a montaria que, se o deixassem, nunca disso se apartaria, atirando com o seu arco e cevando os cães. A rainha era tão agradada de como ele servia que não o deixava afastar da sua presença.

O autor aqui torna a contar do rei Periom e de sua amiga Elisena. Como já ouvistes, Periom estava no seu reino depois de ter falado com os clérigos que o sonho lhe explicaram; e muitas vezes pensou nas palavras que a donzela lhe dissera mas não as podia entender. Pois passando alguns dias, estando no seu paço, entrou uma donzela pela porta e deu-lhe uma carta da sua amiga Elisena, na qual lhe fazia saber que o rei Garinter, seu pai, tinha morrido, e ela estava desamparada; e que tivesse piedade dela, porque a Rainha da Escócia, sua irmã, e o Rei, seu marido, lhe queriam tomar a terra. O rei Periom, como quer que da morte do rei Garinter muito lhe pesasse, alegrou-se em pensar ir ver a sua amiga, da qual nunca perdia desejo, e disse à donzela:

– Ide-vos e dizei a vossa senhora que sem me deter um só dia logo serei com ela.

A donzela foi-se muito alegre. O Rei, preparando a gente que era necessária, partiu logo a caminho de onde Elisena estava. E tão bem andou as suas jornadas que chegou à Pequena Bretanha, onde encontrou novas que Languines havia todo o senhorio da terra, salvo aquelas vilas que a Elisena o seu pai deixara; e sabendo que ela estava numa vila que Acarte se chamava, foi-se para lá; e se foi bem recebido nem se pode contar, e ela igualmente por ele, que muito se amavam. O Rei disse-lhe que fizesse chamar todos os seus amigos e parentes porque a queria tomar por mulher.

Elisena assim fez, com grande prazer, porque naquilo consistia todo o fim dos seus desejos.

Sabida pelo rei Languines a vinda do rei Periom, e a sua vontade de casar com Elisena, mandou chamar todos os homens-bons da terra e, levando-os consigo, foi ter com ele. Tendo-se ambos saudado e recebido com cortesia, e uma vez as bodas e festas celebradas, resolveram os reis voltar para os seus reinos. E caminhando o rei Periom com sua mulher Elisena, passando perto de uma ribeira onde aposentar queriam, o rei foi-se sozinho pela margem da ribeira, pensando em como poderia fazer Elisena contar aquilo do filho que os clérigos lhe tinham dito quando lhe tinham explicado o sonho; e tanto andou pensando nisto que chegou a uma ermida onde, amarrando o cavalo a uma árvore, entrou a fazer oração; e viu dentro dela um homem velho vestido com hábitos de monge que lhe disse:

– É verdade que o rei Periom está casado com a filha do Rei nosso senhor?

– Verdade é – disse ele.

– Muito me praz – disse o bom homem –, que eu mui certo sei que dela muito amado é, de todo o coração.

– E como o sabeis vós? – disse ele.

– Da sua boca – disse o bom homem.

O Rei, pensando poder saber o que desejava, fez-se conhecer e disse:

– Rogo-vos que me digais o que dela sabeis.

– Grande erro faria – disse o bom homem –, e vós me teríeis por herege se aquilo que em confissão me disse eu o revelasse; basta o que vos digo, que vos ama de amor verdadeiro e leal; mas quero que saibais o que uma donzela, ao tempo em que chegaste a esta terra, me disse, e que me pareceu mui sábia e não o pude entender: que da Pequena Bretanha sairiam dois dragões que teriam o seu senhorio em Gaula e os seus corações na Grã Bretanha, e dali sairiam a comer as bestas das outras terras, e que contra umas seriam mui bravos e ferozes, e contra outras mansos e humildes, como se nem unhas nem corações tivessem; e eu fiquei mui maravilhado de o ouvir, mas não porque saiba a razão disto.

O rei maravilhou-se, e embora na altura não o entendesse, veio um tempo em que claramente percebeu ser assim verdade. E assim se despediu o rei Periom do ermitão, e voltou às tendas em que tinha deixado a sua mulher e companha, onde aquela noite com grande contentamento ficou. Estando no seu leito em grande prazer,

disse à Rainha o que os mestres tinham declarado do seu sonho e que lhe rogava que lhe dissesse se tinha parido algum filho. A Rainha, ouvindo isto, teve tão grande vergonha que quisera a sua morte, e negou-lho, dizendo que nunca parira. E assim daquela vez o Rei não pôde saber o que queria. No outro dia partiram dali e andaram as suas jornadas até que chegaram ao reino de Gaula; e a todos os da terra agradou a Rainha, que era uma mui nobre dona, e ali folgou o Rei mais do que soía, e teve dela um filho e uma filha; ao filho chamaram Galaor e à filha Melícia. Quando o menino teve dois anos e meio aconteceu que o rei seu pai estava numa vila perto do mar, que havia nome Bangil, e estando ele a uma janela sobre uma horta e a Rainha nela folgando com as suas donas e donzelas, tendo o menino, que já começava a andar, perto de si, viram entrar por um postigo que dava para o mar um gigante com uma mui grande maça na mão, e era tão grande e disforme que não havia homem que o visse que dele não ficasse espantado; e assim o ficaram a Rainha e sua companha, que umas fugiam por entre as árvores e outras se deixavam cair em terra tapando os olhos para não o ver. Mas o gigante dirigiu-se contra menino, que desamparado e só se viu, e chegando a ele estendeu o menino os braços rindo; e ele tomou-o entre os seus dizendo:

– Verdade me disse a donzela.

E tornou-se por donde viera, e entrando numa barca foi-se pelo mar.

A Rainha, que o viu ir e que o menino lhe levava, deu grandes gritos, mas pouco lhe aproveitou; mas a sua dor e de todos foi tão grande que como quer que o rei muito lhe pesasse não ter podido acorrer a seu filho, vendo que remédio não havia, desceu à horta para remediar à Rainha, que se estava matando porque lhe vinha à memória o outro filho que ao mar tinha lançado; e agora que com este pensava remediar a sua grande tristeza, vê-lo perdido em tal acidente, não tendo esperança de jamais o cobrar, fazia-lhe a maior raiva do mundo. Mas o rei levou-a consigo e fê-la recolher à sua câmara e quando a viu mais sossegada disse-lhe:

– Dona, agora reconheço ser verdade o que os clérigos me disseram, que este era o último coração; e dissei-me a verdade que, pela altura em que foi, não deveis de ser culpada.

A Rainha, ainda que com grande vergonha, contou-lhe tudo o que tinha acontecido com o primeiro filho, de como o deitara ao mar.

– Não tenhais aflição – disse o Rei –, pois que Deus quis que destes dois filhos pouco gozássemos, eu espero n’Ele que tempo virá em que por alguma boa ventura algo deles saberemos.

Este gigante que o donzel levou era natural de Leonis, e tinha dois castelos numa ilha, e chamava-se ele Gandalás, e não era tão fazedor de mal como os outros gigantes; antes era de bom talante, até que era sanhudo e então fazia grandes cruezas. E foi-se com o menino até ao cabo da ilha onde havia um ermitão, bom homem de santa vida. E o gigante que tinha povoado aquela ilha de cristãos, mandava-lhe dar esmola para seu mantimento; e disse:

– Amigo, este menino vos dou para que o criéis e o ensineis com tudo o que convém a um cavaleiro; e digo-vos que é filho de rei e de rainha; e proíbo-vos de jamais ser contra ele.

O homem bom disse:

– Diz, por que fizeste esta crueza tão grande?

– Isso te direi eu – disse ele –. Sabei que querendo eu entrar numa barca para ir combater Albadão, o gigante bravo que matou meu pai e me tem tomada por força a Pena de Galtares, que é minha, encontrei uma donzela que me disse: “Isso que tu queres se há-de acabar pelo filho do rei Periom de Gaula, que terá muita força e ligeireza, mais que tu”. E eu perguntei-lhe se dizia verdade. “Isso verás tu, disse ela, no tempo em que os dois ramos de uma árvore se juntarem, que agora são partidos”

Desta maneira ficou o donzel chamado Galaor em poder do ermitão e do que lhe aconteceu adiante se contará.

Neste tempo em que estas cousas se passavam, como acima ouvistes, reinava na Grã Bretanha um rei chamado Falangriz, o qual, morrendo sem herdeiro, deixou um irmão de grande bondade de armas e muita discrição, o qual Lisuarte se chamava, que com a filha do rei da Dinamarca, que se chamava Brisena, recentemente casado era, e que era a mais formosa donzela que em todas as ilhas do mar se podia encontrar. E como quer que fosse demandada por muitos altos príncipes, e seu pai, com temor dos outros, não a ousasse dar a nenhum deles, vendo ela este Lisuarte, e sabendo as suas boas maneiras e grande valentia, a todos desdenhando, com ele se casou, que por amores a servia. Morto este rei Falagriz, os altos homens da Grã Bretanha, sabendo dos feitos de armas que este Lisuarte havia feito, e da sua alta proeza de tão grande casamento haver alcançado, embarcaram por ele, para que o reino tomasse.

CAPÍTULO IV

Como o rei Lisuarte navegou pelo mar e aportou no reino de Escócia onde com muita honra foi recebido.

Ouvida a embaixada pelo rei Lisuarte, e ajudado pelo seu sogro, fez-se ao mar com grande frota, e navegando, aportou no reino de Escócia, onde foi recebido com muita honra pelo rei Languines. Este Lisuarte trazia consigo Brisena, sua mulher, e uma filha que dela tinha tido quando na Dinamarca morava, que Oriana se chamava, de cerca de dez anos, a mais formosa criatura que jamais se viu, tanto que foi a que “sem par” se chamou, porque no seu tempo nenhuma houve que lhe fosse igual; e porque andava cansada do mar, decidiu deixá-la ali, rogando ao rei Languines e à rainha que lha guardassem. Eles ficaram muito alegres com isto, e a Rainha disse:

– Crede que eu a guardarei como sua mãe o faria.

E seguindo Lisuarte velozmente com suas naus, chegou à Grã Bretanha, onde encontrou alguns que o estorvaram, como costuma acontecer em tais casos e por este motivo não se lembrou da sua filha por algum tempo; e foi rei com grande trabalho que aí gastou, o melhor rei que ali houve, e que melhor manteve a cavalaria nos seus direitos até reinar o rei Artur, que passou em bondade a todos os outros reis que antes dele foram, ainda que muitos tivessem reinado entre um e outro.

O autor deixa Lisuarte a reinar com muita paz e sossego na Grã Bretanha e torna ao Donzel do Mar, que neste tempo tinha doze anos e que, pela sua grandeza e membros, parecia ter quinze. Servia ele ante a Rainha, e tanto dela como de todas as donas e donzelas era muito amado; mas desde que ali foi Oriana, a filha do rei Lisuarte, deu-lhe a Rainha o Donzel de Mar para que a servisse, dizendo:

– Amiga, este é um donzel que vos servirá.

Ela disse que lhe prazia. E o Donzel ficou com esta palavra no seu coração de tal guisa que depois nunca da memória a afastou, que sem falta, assim como o diz esta história, nos dias da sua vida não se cansou de a servir e a ela outorgou sempre o seu coração, e este amor durou quanto eles duraram, que assim como ele a amava, assim ela o amava a ele, em tal guisa que nem uma hora deixaram de se amar. Mas o Donzel do Mar que não conhecia nem sabia como o ela amava, tinha-se por muito ousado em ter posto nela o seu pensamento pela grandeza e formosura suas, sem cuidar de ser

ousado em dizer-lhe uma só palavra; e ela, que o amava de coração, guardava-se de falar com ele mais do que com outro, para que nada suspeitassem. Mas os olhos tinham grande prazer em mostrar ao coração a cousa do mundo que mais amavam. Assim viviam encobertamente sem que de sua fazenda nenhuma cousa um ao outro dissessem.

Pois passando o tempo, como vos digo, entendeu o Donzel do Mar que já poderia tomar armas, se houvesse quem o fizesse cavaleiro; e isto desejava ele considerando que seria tal e faria tais cousas com que morresse ou, vivendo, a sua senhora o prezaria; e com este desejo foi ao Rei, que numa horta estava e, superando a vergonha, disse-lhe:

– Senhor, se vos prouguesse, tempo seria de ser eu cavaleiro.

O Rei disse:

– Como, Donzel do Mar! Já vos esforçais para manter cavalaria? Sabei que é cousa ligeira de haver e grave de manter. E quem este nome de cavalaria quiser ganhar e mantê-lo com honra, tantas e tão graves são as cousas que tem de fazer que muitas vezes o seu coração se fatiga; e se tal cavaleiro é que por medo ou cobardia deixa de fazer o que convém, mais lhe valeria a morte que viver em vergonha, e por isso teria por bem que por mais algum tempo vos sofráis.

O Donzel do Mar disse-lhe:

– Nem por tudo isso deixarei de ser cavaleiro, que se no meu pensamento não tivesse de cumprir isso que haveis dito, não esforçaria o meu coração para o ser. E pois à vossa mercê sou criado, cumprí nisto o que me deveis; senão buscarei outro que o faça.

O Rei, que temeu que assim o fizesse, disse:

– Donzel do Mar, eu sei quando vos será mister que o sejais e mais em vossa honra, e prometo-vos que o farei; e entretanto preparar-se-ão vossas armas e aparelhos. Mas a quem cuidáveis vós ir?

– Ao rei Periom – disse ele – que me dizem que é bom cavaleiro e casado com a irmã da Rainha minha senhora; e fazer-lhe-ei saber como era criado dela, e com isto pensava eu que de bom grado me armaria cavaleiro.

– Sossegai agora – disse o Rei – que quando for tempo honradamente o sereis.

E logo mandou que aparelhassem as cousas necessárias à ordem de cavalaria, e fez saber a Gandales tudo o que lhe acontecera com o seu criado, o que muito alegrou Gandales, que lhe enviou por uma donzela a espada e o anel e a carta envolta na cera

tal como encontrara na arca onde o tinha encontrado. E estando um dia a formosa Oriana com outras donas e donzelas folgando no paço enquanto a rainha dormia, estava ali com elas o Donzel do Mar, que nem ousava olhar para a sua senhora, e dizia entre si:

– Ai, Deus! Por que vos prougue de pôr tanta beleza nesta senhora e em mim tanta coita e dor por causa dela? Em forte ponto os meus olhos a olharam, pois que perdendo o seu lume, com a morte pagarão aquela grã loucura que no coração puseram.

E assim estando, quase sem nenhum sentido, entrou um donzel e disse-lhe:

– Donzel do Mar, ali fora está uma donzela estranha que vos traz doas¹ e vos quer ver.

Ele quis sair ao seu encontro, mas aquela que o amava, quando isto ouviu, estremeceu-lhe o coração, de maneira que se alguém tivesse reparado, bem pudera ver a sua grande alteração; mas não pensavam tal cousa. E ela disse:

– Donzel do Mar, ficai e entre a donzela, e veremos as doas.

Ele ficou quieto e a donzela entrou. E era a que enviava Gandales; e disse:

– Senhor Donzel do Mar, vosso amo Gandales saúda-vos muito, como aquele que vos ama; e envia-vos esta espada e este anel e esta cera, e roga-vos que useis esta espada enquanto vos durar, por seu amor.

– Ele tomou as doas e pôs o anel e a cera no seu regaço, e começou a desenvolver a espada do pano de linho que a cobria, maravilhando-se como não tinha bainha; e entretanto Oriana tomou a cera, que não cria que nela houvesse qualquer outra cousa, e disse-lhe:

– Isto quero eu destas doas.

A ele prouguera mais que tivesse tomado o anel, que era um dos formosos do mundo. E olhando a espada, entrou o rei, e disse:

– Donzel do Mar, que vos parece dessa espada?

– Senhor, parece-me mui formosa, mas não sei por que está sem bainha.

– Bem há quinze anos – disse o Rei – que não a tem.

E tomando-o pela mão, afastou-se com ele e disse-lhe:

– Vós quereis ser cavaleiro e não sabeis isso se vos pertence por direito, e quero que saibais vossa fazenda como eu o sei.

¹ Feminino de “dom”, presente.

E contou-lhe como fora encontrado no mar com aquela espada e anel metido na arca, assim como ouvistes. Disse ele:

– Eu creio no que me dizeis, porque aquela donzela disse-me que o meu amo Gandales me enviava esta espada, e eu pensei que errara a sua palavra por não me dizer quem era o meu pai. Mas a mim não pesa de quanto me dizeis, senão por não conhecer a minha linhagem, nem eles a mim. Mas tenho-me por fidalgo, que o meu coração a isso me esforça. E agora, senhor, convém-me mais do que antes a cavalaria, e ser tal que ganhe honra e prez, como aquele que não sabe de onde vem, e como se todos os da minha linhagem fossem mortos, que por tais os conto, pois me não conhecem, nem eu a eles.

O Rei pensou que seria homem bom e esforçado para todo o bem; e estando nesta falas, veio um cavaleiro que lhe disse:

– Senhor, o rei Periom de Gaula veio a vossa casa.

– Como a minha casa? – disse o Rei.

– No vosso paço está – disse o cavaleiro.

Ele foi-se para lá mui asinha, como aquele que sabia honrar a todos; e como se viram, saudaram-se ambos, e Languines disse-lhe:

– Senhor, a que viestes a esta terra tão inesperadamente?

– Vim a buscar amigos – disse o rei Periom – que os hei mister agora mais do que nunca, que o rei Abiés de Irlanda me guerreia; e está com todo o seu poder na minha terra, e acolhe-se na Deserta e vem com ele Daganel, seu coirmão, e ambos têm tanta gente ajuntada contra mim, que muito me são mister parentes e amigos, tanto por haver na guerra perdido muita gente minha, como por me faltarem outros muitos em que confiava.

Languines disse-lhe:

– Irmão, muito me pesa o vosso mal; e eu vos farei ajuda o melhor que puder.

Agrajes já era cavaleiro, e dobrando os joelhos ante seu pai, disse:

– Senhor, peço-vos um dom.

E ele, que o amava como a si mesmo, disse:

– Filho, pede o que quiseres.

– Peço-vos, senhor, que me outorgueis que eu vá defender a Rainha minha tia.

– Outorgo-to – disse ele – e enviar-te-ei o mais honradamente e o mais aposto que eu puder.

O rei Periom foi disto muito alegre. O Donzel do Mar, que ali estava, olhava muito para o rei Periom, não por pai, que o não sabia, mas pela grande bondade de armas que dele ouvira contar, e mais desejava ser cavaleiro por sua mão que por outro qualquer que no mundo fosse; e pensou que o pedido da Rainha valeria muito para isso; mas encontrando-a muito triste pela perdas da sua irmã, não lhe quis falar, e foi-se onde a sua senhora Oriana estava; e dobrando os joelhos ante ela, disse:

– Senhora Oriana, poderia eu saber por vós a causa da tristeza que a Rainha tem?

Oriana que assim viu ante si aquele que mais que a si mesma amava, sem que ele nem nenhum outro o soubesse, veio-lhe grande sobressalto ao coração, e disse-lhe:

– Ai, Donzel do Mar! Esta é a primeira cousa que me pedistes, e eu a farei de boa vontade.

– Ai, senhora! – disse ele – que eu não sou tão ousado nem digno de a tal senhora alguma cousa pedir, senão de fazer o que por vós me for mandado.

– E como?! – disse ela – tão fraco o vosso coração é que não chega para rogar?

– Tão fraco – disse ele – que em todas as cousas me falta contra vós, senão em vos servir como aquele que sem ser seu é todo vosso.

– Meu? – disse ela – Desde quando?

– Desde quando vos prougue – disse ele.

– E quando me prougue? – disse Oriana.

– Lembre-vos, senhora – disse o Donzel – que no dia em que daqui vosso pai partiu me tomou a Rainha pela mão e pondo-me ante vós disse: “ Este donzel vos dou para que vos sirva”; e dissestes que vos prazia; desde então me tenho e me terei por vosso, para vos servir, sem que outra nem eu mesmo sobre mim senhorio tenha enquanto viva.

– Essa palavra – disse ele – tomaste vós com melhor entendimento do que o fim com que foi dita, mas bem me praz que assim seja.

Ele ficou tão atónito com o prazer que disto teve, que não soube responder nenhuma cousa; e ela viu que todo o senhorio tinha sobre ele; e dele se partindo foi-se à Rainha e soube que a causa da sua tristeza eram as perdas de sua irmã, o que, voltando ao Donzel, lhe contou. O Donzel disse:

– Se a vós, senhora, vos prouguesse que eu fosse cavaleiro, iria em ajuda dessa irmã da Rainha, outorgando-me vós a ida.

– E se eu não a outorgasse – disse ela – não iríeis lá?

– Não – disse ele – porque este meu vencido coração, sem o favor de cujo é, não poderia suster-se em nenhum confronto, nem mesmo sem ele.

Ela riu-se com bom semblante e disse-lhe:

– Pois que assim vos ganhei, outorgo-vos que sejais meu cavaleiro e que ajudeis aquela irmã da Rainha.

O donzel beijou-lhe as mãos e disse:

– Pois que el rei meu senhor não me quis fazer cavaleiro, mais à minha vontade o poderia agora ser deste rei Periom, por vosso pedido.

– Eu farei o que puder – disse ela – mas mister será de o dizer à infanta Mabília, que o seu pedido muito valerá perante el Rei seu tio.

Então foi ter com ela e disse-lhe como o Donzel do Mar queria ser cavaleiro por mão do rei Periom, e que havia mister para isso do pedido delas. Mabília, que mui animosa era, e amava o Donzel do Mar de fraterno amor, disse:

– Pois façamo-lo por ele, que o merece, e venha à capela de minha mãe armado com todas as armas, e nós lhe faremos companhia com outras donzelas; e querendo el Rei Periom cavalgar para se ir, que segundo soube será antes da alva, eu enviar-lhe-ei rogar que me venha ver, e ali fará o que lhe rogarmos, que muito é cavaleiro de boas maneiras.

– Dizeis bem – disse Oriana.

E chamando as duas o Donzel disseram-lhe o que tinham acordado. Ele teve-o como mercê. Assim se partiram daquela fala em que os três isto acordaram; e o Donzel do Mar chamou Gandalim e disse-lhe:

– Irmão, leva as minhas armas todas à capela da Rainha encobertamente, que penso esta noite ser cavaleiro; e porque nesta hora me convém partir-me daqui, quero saber se quererás ir comigo.

– Senhor, digo-vos que por meu grado nunca de vós serei partido.

Ao Donzel vieram-lhe as lágrimas aos olhos, e beijou-o no rosto e disse:

– Amigo, agora faz o que te disse.

Gandalim pôs as armas na capela enquanto a Rainha ceava; e as toalhas levantadas, foi-se o Donzel à capela e armou-se com todas as suas armas, salvo na cabeça e nas mãos, e fez a sua oração ante o altar, rogando a Deus que tanto nas armas como naqueles mortais desejos que sentia pela sua senhora lhe desse vitória. Quando a

Rainha foi dormir, Oriana e Mabília, com algumas donzelas, foram ter com ele para o acompanhar; e como Mabília soube que o rei Periom queria cavalgar, enviou-lhe dizer que a viesse ver antes. E ele veio logo, e disse-lhe Mabília:

– Senhor, fazei o que vos rogar Oriana, filha do rei Lisuarte.

O Rei disse que de grado o faria, que o merecimento de seu pai a isso o obrigava. Oriana veio ante o Rei que, como a viu tão formosa, bem pensou que no mundo outra igual não se poderia encontrar; e disse ela:

– Eu vos quero pedir um dom.

– De grado – disse o Rei – o farei.

– Pois fazei-me este meu donzel cavaleiro.

E mostrou-lho, que de joelhos ante o altar estava. O Rei viu o Donzel tão formoso que muito se maravilhou; e chegando-se a ele disse:

– Quereis receber ordem de cavalaria?

– Quero – disse ele.

– Em nome de Deus; e que Ele mande que tão bem empregada em vós seja e tão crescida em honra como Ele vos cresceu em formosura.

E pondo-lhe a espora direita disse:

– Agora sois cavaleiro e podeis tomar a espada.

O Rei a tomou e deu-lha, e o Donzel a cingiu mui apostamente. E disse o Rei:

– Certamente que esta acto de vos armar cavaleiro, segundo vosso rosto e aparência, com maior honra o quisera ter feito. Mas espero em Deus que vossa fama será tal que dará testemunho daquilo que com mais honra se devia fazer.

E Mabília e Oriana ficaram mui alegres e beijaram as mãos do Rei, o qual, encomendando o Donzel a Deus, foi-se seu caminho.

Este foi o começo dos amores deste cavaleiro e desta infanta, e se, a quem o ler, esta palavras parecerem simples, não se maravilhe disso, porque não só em tão tenra idade como a sua mas em outras – que com grande discrição muitas cousas se passaram neste mundo – o grande e demasiado amor teve tal força que o sentido e a língua em semelhantes actos se lhes turvou. Assim que com muita razão eles em as dizer e o autor em mais polidas as escrever devem ficar sem culpa, porque a cada cousa se deve dar o que lhe convém.

Tendo sido armado cavaleiro o Donzel do Mar, como acima fica dito, e querendo-se despedir de Oriana, sua senhora, e de Mabília e das outras donzelas que

com ele tinham velado na capela, Oriana, a quem parecia partir-se-lhe o coração, sem o dar a entender, tirou-o à parte e disse-lhe:

– Donzel do Mar, eu vos tenho por tão bom que não creio que sejais filho de Gandales; se alguma cousa disso sabeis, dizei-mo.

O Donzel disse-lhe da sua fazenda aquilo que do rei Languines soubera, e ela, ficando mui alegre de o saber, encomendou-o a Deus. E à porta do paço encontrou ele Gandalim, que lhe tinha a lança e escudo e o cavalo, e cavalgando nele foi sua via, sem que de ninguém fosse visto, por ser ainda de noite; e tanto andou que entrou numa floresta, onde ao meio dia comeu do que Gandalim lhe levava; e sendo já tarde ouviu à sua direita umas vozes mui dolorosas, como de homem que grande coita sentia; e foi asinha para lá; e no caminho encontrou um cavaleiro morto, e passando por ele viu outro que estava gravemente ferido, e sobre ele estava uma mulher que lhe fazia dar as vozes metendo-lhe as mãos nas chagas; e quando o cavaleiro viu o Donzel do Mar, disse:

– Ai, senhor cavaleiro, acorrei-me! E não deixeis assim que me mate esta aleivosa.

O Donzel disse-lhe:

– Afastai-vos, dona, que o que fazeis não vos convém.

Ela afastou-se, e o cavaleiro ficou amortecido; e o Donzel do Mar desceu do cavalo, que muito desejava saber quem seria, e tomou o cavaleiro nos braços, e tanto que deu acordo de si, disse:

– Ó senhor, morto sou e levai-me onde haja conselho para a minha alma!

O Donzel disse-lhe:

– Senhor cavaleiro, esforçai, e dizei-me, se vos prouguer, que fortuna é esta em que estais.

– A que eu quis tomar – disse o cavaleiro –; que eu, sendo rico e de grande linhagem, casei com aquela mulher que vistes por grande amor que lhe havia, sendo ela em tudo ao contrário. E esta noite passada ia-se-me com aquele cavaleiro que ali morto jaz, que nunca o vi senão esta noite que se aposentou em minha casa; e depois que em batalha o matei, disse-lhe que lhe perdoaria se jurasse de não mais me fazer torto nem desonra; e ela assim o outorgou. Mas quando viu ir-se-me tanto sangue das feridas, que me deixava sem alento, quis-me matar, metendo nelas as mãos; assim que sou morto, e rogo-vos que me leveis aqui adiante onde mora um ermitão que curará a minha alma.

O Donzel fê-lo cavalgar diante de Gandalim; e cavalgou e foram-se indo para a ermida; mas a malvada mulher mandara dizer a três irmãos seus que viessem por aquele caminho, com receio do seu marido que atrás dela iria; e estes encontraram-na e perguntaram-lhe como andava assim. Ela disse:

– Ai, senhores, acorrei-me, por Deus, que aquele mau cavaleiro que ali vai matou esse que aí vedes e a meu senhor leva tal como morto! Ide atrás dele e matai-o, e a um homem que consigo leva, que fez tanto mal como ele.

Isto dizia ela porque, morrendo ambos, não se saberia a sua maldade, porque no seu marido não acreditariam. E cavalgando no seu palafém, foi-se com eles para lhos mostrar. O Donzel do Mar deixara já o cavaleiro na ermida e voltava ao seu caminho, mas viu como a donzela vinha com os três cavaleiros, que diziam:

– Parai, traidores, parai!

– Mentis – disse ele – que traidor não sou; antes me defenderei bem de traição, e vinde a mim como cavaleiros.

– Traidor! – disse o da frente – Todos te devemos fazer mal, e assim o faremos.

O Donzel do Mar, que tinha o seu escudo e o elmo postos, deixou-se ir ao primeiro, e homem a homem, feriu-o no escudo tão duramente que lho arrancou e ao braço que o segurava, e derribou-o a ele e ao seu cavalo tão bravamente que o cavaleiro ficou com o ombro direito partido e o cavalo, com a grande queda, uma perna, de guisa que nem um nem o outro se puderam levantar, e quebrou-lhe a lança; e deitou mão à sua espada que lhe guardara Gandalim, e deixou-se ir aos outros dois, e eles a ele; e apanharam-no no escudo, que lhe partiram, mas não o arnês, que forte era; e o Donzel feriu um por cima do escudo e cortou-lho até à embraçadura, e a espada atingiu o ombro, de guisa que com a ponta lhe cortou a carne e os ossos, que não lhe valeu o arnês; e ao retirar a espada o cavaleiro caiu em terra, e foi-se ao outro que o feria com a sua espada, e deu-lhe por cima do elmo, e feriu-o com tanta força na cabeça, que o fez abraçar na cerviz do cavalo, e deixou-se cair para não lhe esperar outro golpe; e a aleivosa quis fugir, mas o Donzel do Mar deu vozes a Gandalim que a apanhasse. O cavaleiro que em pé estava disse:

– Senhor, não sabemos se esta batalha foi a direito ou a torto.

– A direito não podia ser – disse ele –, que aquela mulher malvada matava o seu marido.

– Fomos enganados – disse ele –; e dai-nos garantias de segurança e sabereis a razão por que vos acometemos.

– A segurança – disse – vos dou, mas não vos quito a batalha.

O cavaleiro contou-lhe a causa por que a ele tinham vindo. O Donzel benzeu-se muitas vezes de o ouvir, e disse-lhes o que sabia.

– E vedes aqui o seu marido nesta ermida, que, assim como eu, vo-lo dirá.

– Pois que assim é – disse o cavaleiro – ficamos à vossa mercê.

– Isso não farei eu se não jurais, como leais cavaleiros, que levareis este cavaleiro ferido, e a sua mulher com ele, a casa do rei Languines; e direis o que aconteceu, e que a envia um cavaleiro novel que saiu hoje da vila onde ele está, e que mande fazer o que tiver por bem.

Isto outorgaram os dois, e o outro, depois que em mui mau estado o tiraram debaixo do cavalo.

CAPÍTULO V

Como Urganda, a Desconhecida, trouxe uma lança ao Donzel do Mar

Deu o Donzel do Mar o seu escudo e o seu elmo a Gandalim e foram-se sua via; e não andou muito que viu vir uma donzela no seu palafrém e trazia uma lança com uma fita; e viu outra donzela que com ela se juntou, vinda doutro caminho; e vieram ambas falando na sua direcção, e como chegaram, a donzela da lança disse-lhe:

– Senhor, tomai esta lança, e digo-vos que antes de três dias fareis com ela tais golpes, por que livrareis a casa donde primeiro saístes.

Ele maravilhou-se do que ela dizia, e disse:

– Donzela, como pode a casa morrer ou viver?

– Assim será como eu digo – disse ela –; e a lança vos dou por algumas mercês que de vós espero. A primeira será quando fizerdes uma honra a um vosso amigo, por onde será posto na maior afronta e perigo em que foi posto cavaleiro há dez anos passados.

– Donzela – disse ele –, tal honra não farei eu a um meu amigo, se Deus quiser.

– Eu sei bem – disse ela – que assim acontecerá como eu digo.

E dando esporas ao palafrém foi-se sua via; e sabeis que esta era Urganda, a Desconhecida. A outra donzela ficou com ele e disse:

– Senhor cavaleiro, sou de terra estranha, e se quiserdes, acompanhar-vos-ei até ao terceiro dia e deixarei de ir aonde está minha senhora.

– E donde sois vós? – disse ele.

– De Dinamarca – disse a donzela.

E ele viu que dizia verdade pela sua linguagem, que algumas vezes ouvira falar a sua senhora Oriana quando era criança, e disse:

– Donzela, bem me praz, se por afã não o tiverdes.

E perguntou-lhe se conhecia a donzela que a lança lhe tinha dado. Ela disse que nunca a vira senão naquele momento, mas que lhe dissera que a trazia para o melhor cavaleiro do mundo; “e disse-me que depois que de vós se partisse, que vos fizesse saber que era Urganda, a Desconhecida, e que muito vos ama”.

– Ai, Deus – disse ele – como sou sem ventura em a não conhecer; e se a deixo de procurar, é porque ninguém a encontrará sem seu grado!

E assim andou com a donzela até à noite, quando encontrou um escudeiro no caminho que lhe disse:

– Senhor, para onde ides?

– Vou por este caminho – disse ele.

– Verdade é – disse o escudeiro –; mas se vos quereis aposentar num povoado convém que o deixeis, que daqui até muito longe não se encontrará senão uma fortaleza que é do meu pai, e ali se vos fará todo o serviço.

A donzela disse-lhe que seria bem e ele outorgou-o. O escudeiro desviou-os do caminho para os guiar, e isto fazia por um costume que havia aí adiante num castelo por donde o cavaleiro havia de ir; e queria ver o que faria, que nunca vira combater cavaleiro andante. Pois chegados a sua casa, aquela noite foram mui bem servidos. Mas o Donzel do Mar não dormia muito, que a maior parte da noite esteve pensando na sua senhora que tinha deixado; e pela manhã armou-se e foi sua via com a donzela e o escudeiro. O seu hospedeiro disse-lhe que lhe faria companhia até ao castelo que havia ali adiante; assim andaram três léguas, e viram o castelo, que mui formoso parecia, que estava sobre um rio, e tinha uma ponte levadiça e ao cabo dela uma torre mui alta e formosa. O Donzel do Mar perguntou ao escudeiro se aquele rio tinha outra passagem

sem ser pela ponte. Ele disse que não, que todos passavam por ela “e nós por aí vamos passar”.

– Pois ide adiante – disse ele.

A donzela passou e os escudeiros depois, e o Donzel do Mar no fim; e ia tão firmemente pensando na sua senhora, que todo fora de si ia. Assim que a donzela entrou, tomaram-na seis peões pelo freio, armados de capelinas e couraças, e disseram:

– Donzela, convém que jureis; senão, sois morta.

– Que jurarei?

– Jurarás de não fazer amor a teu amigo em nenhum tempo se não vos promete que ajudará o rei Abiés contra o rei Periom.

A donzela deu vozes dizendo que a queriam matar. O Donzel do Mar foi para lá, e disse:

– Vilãos malvados, quem vos mandou pôr a mão em dona ou donzela, para mais nesta que vai à minha guarda?

E chegando-se ao maior deles agarrou-o pela acha, e deu-lhe tal ferida com a conreira que o fez cair em terra; os outros começaram a atacá-lo, mas ele deu a um tal golpe que o cortou até aos costados e feriu a outro no ombro e cortou-o até aos ossos do costado. Quando os outros viram estes dois mortos de tais golpes, não foram seguros e começaram a fugir; e ele tirou a um a acha que bem meia perna lhe cortou, e disse à donzela:

– Ide adiante, que mal hajam quantos têm por direito que vilãos ponham a mão em dona ou donzela.

Então seguiram adiante pela ponte e ouviram do outro cabo, da parte do castelo, grande revolta. Disse a donzela:

– Grande ruído de gente parece, e eu acharia melhor que tomásseis vossas armas.

– Não temais – disse ele –, que em lugar onde as mulheres são maltratadas, devendo andar seguras, não pode haver homem que nada valha.

– Senhor – disse ela – se as armas não tomais, não ousarei passar mais adiante.

Ele as tomou e passou adiante, e entrando pela porta do castelo, viu um escudeiro que vinha chorando e dizia:

– Ai, Deus, como matam o melhor cavaleiro do mundo, porque não faz uma jura que não pode sustentar com direito!

E passando por ele, viu o Donzel do Mar o rei Periom, que o fizera cavaleiro, assaz maltratado, que lhe haviam morto o cavalo e dois cavaleiros com dez peões sobre ele, armados, que o atacavam por todas as partes; e os cavaleiros diziam-lhe:

– Jura; senão, morto és.

O Donzel disse-lhes:

– Tirai-vos fora, gente malvada, soberba; não punhais a mão no melhor cavaleiro do mundo, que todos por ele morreréis.

Então vieram a ele um cavaleiro e cinco peões, e disseram-lhe:

– A vós também convém de jurar ou sereis morto.

– Como – disse ele – jurarei contra minha vontade? Nunca assim será, se Deus quiser.

Eles deram vozes ao porteiro que fechasse a porta. E o Donzel foi-se ao cavaleiro e atacou-o com a sua lança no escudo de maneira que o fez cair em terra por cima das ancas do cavalo, e ao cair deu o cavaleiro com a cabeça no chão, que se lhe torceu o pescoço e ficou como morto; e deixando os peões que o atacavam, foi-se ao outro cavaleiro e atravessou-lhe o escudo e o arnês e meteu-lhe a lança pelos costados, que não houve mester médico. Quando o rei Periom se viu assim socorrido, esforçou-se por se melhor defender, e com a sua espada dava grandes golpes à gente a pé. Mas o Donzel do Mar entrou tão desenfreadamente entre eles com o cavalo e desferindo com a sua espada tão mortais e esquivos golpes, que fez cair por terra a maior parte deles. Assim que com isto e com o que o Rei fazia, não tardou muito em serem todos destroçados, e alguns que fugir puderam subiram ao muro; mas o Donzel apeou-se do cavalo e foi atrás deles, e tão grande era o medo que levavam que, não o ousando esperar, atiravam-se da cerca abaixo, salvo dois deles, que se meteram numa câmara. E o Donzel, que os seguia, entrou atrás deles, e viu num leito um homem tão velho que dali não se podia levantar, e dizia gritando:

– Vilãos malvados, ante quem fugis?

– Ante um cavaleiro – disseram eles – que faz diabruras e matou a ambos os vossos sobrinhos e a todos os nossos companheiros.

O Donzel disse a um deles:

– Mostra-me o teu senhor; senão, morto és.

Ele mostrou-lhe o velho que jazia no leito. E ele começou a benzer-se e disse:

– Velho malvado, estás na hora da morte e tens tal costume? Se agora pudésseis tomar armas, provar-vos-ia que éreis traidor, que assim o sois perante Deus e vossa alma.

Então fingiu que lhe queria dar com a espada, e o velho disse:

– Ai, senhor, mercê, não me mateis!

– Morto sois – disse o Donzel do Mar – se não jurais que tal costume nunca mais em vossa vida será mantido.

Ele jurou-o.

– Pois agora disse-me porque mantíneis este costume.

– Pelo rei Abiés de Irlanda – disse ele – que é meu sobrinho, e como eu não o posso ajudar com o corpo, quisera-o ajudar com os cavaleiros andantes.

– Velho falso – disse o Donzel – que têm a ver os cavaleiros com a vossa ajuda ou estorvo?

Então deu-lhe um pontapé no leito e virou-o sobre ele, e encomendando-o a todos os diabos do inferno, saiu-se ao curral, e foi tomar um dos cavalos dos cavaleiros que matara, e trouxe-o ao Rei e disse:

– Montai, senhor, que pouco me agrada este lugar nem os que nele estão.

Então cavalgaram e saíram fora do castelo; e o Donzel do Mar não tirou o elmo para que o rei não o conhecesse; e sendo já fora disse o rei:

– Amigo senhor, quem sois que me acorrestes sendo cerca da morte e impedistes que me estorvassem muitos cavaleiros andantes, e os amigos das donzelas que por aqui passassem, que eu sou aquele contra quem haviam de jurar?

– Senhor –, disse o Donzel do Mar – eu sou um cavaleiro que teve vontade de vos servir.

– Cavaleiro –, disse ele – isso vejo eu bem, que dificilmente poderia um homem encontrar noutro tão bom socorro; mas não vos deixarei sem que vos conheça.

– Isso não tem a vós nem a mim prol.

– Pois rogo-vos por cortesia que tireis o vosso elmo.

Ele baixou a cabeça e não respondeu; mas o rei rogou à donzela que lho tirasse, e ela disse-lhe:

– Senhor, fazei o que o Rei vos pede, que tanto o deseja.

Mas ele não quis, e a donzela tirou-lhe o elmo contra a sua vontade; e quando o Rei lhe viu o rosto conheceu ser aquele o donzel que ele armara cavaleiro a rogo das donzelas; e abraçando-o, disse:

– Por Deus, amigo, agora conheço-vos eu melhor do que antes.

– Senhor – disse ele – eu bem vos reconheci por me teres dado honra de cavalaria, o que, se a Deus prouguer, vos servirei na vossa guerra de Gaula, tanto que outorgado me for, e até então não vos quisera dar-me a conhecer.

– Muito vos agradeço – disse o rei – que por mim fazeis tanto que mais não pode ser, e dou muitas graças a Deus que por mim foi feita tal obra.

Isto dizia por o haver feito cavaleiro, que da dívida que lhe havia não a conhecia nem pensava.

Falando disto, chegaram a dois caminhos, e disse o Donzel do Mar:

– Senhor, qual destes caminhos seguis?

– Este que vai para a esquerda – disse ele – que é a direita via para ir para a minha terra.

– Ide com Deus – disse ele – que eu tomarei o outro.

– Deus vos guie – disse o Rei – e lembre-vos o que me prometestes, que vossa ajuda me tirou a maior parte do pavor e me dá esperança de com ela serem remediadas as minhas perdas.

Então foi-se sua via, e o Donzel ficou com a donzela, a qual lhe disse:

– Senhor cavaleiro, eu fiquei convosco por aquilo que a donzela que vos deu a lança me disse: que a trazia o melhor cavaleiro do mundo; e tanto vi que reconheço ser verdade. Agora quero voltar ao meu caminho para ver aquela minha senhora de que vos falei.

– E quem é ela? – disse o Donzel do Mar.

– Oriana, a filha do rei Lisuarte – disse ela.

Quando ele ouviu mencionar a sua senhora, estremeceu-lhe o coração tão fortemente, que por pouco não caíra do cavalo; e Gandales que assim o viu atónito abraçou-se a ele; e o Donzel disse:

– Morto sou do coração.

A donzela, cuidando que doença fosse, disse:

– Senhor cavaleiro, desarmai-vos, que tivestes alguma coisa.

– Não é mister – disse ele –, que amiúde tenho este mal.

O escudeiro de que já ouvistes falar disse à donzela:

– Ides a casa do rei Languines?

– Sim – disse ela.

– Pois eu vos farei companhia – disse ele – que aí tenho de estar num prazo certo.

E despedindo-se do Donzel do Mar, tornaram-se pela via por onde tinham vindo; e ele foi-se pelo caminho aonde a ventura o guiava.

O autor aqui deixa de falar do Donzel do Mar e torna a falar de D. Galaor, seu irmão, que o gigante tinha levado. D. Galaor, que com o ermitão se criava, como já ouvistes, sendo já em idade de dezoito anos, fez-se valente de corpo e grande de membros. E lia sempre nuns livros que o bom homem lhe dava os feitos antigos de armas passados pelos cavaleiros, de maneira que com isso e com o natural com que nascera foi movido de um grande desejo de ser cavaleiro, mas não sabia se com direito o devia ser e rogou muito ao homem bom que o criava que lho dissesse. Mas ele, sabendo de certeza que em sendo cavaleiro haveria de combater com o gigante Albadão, vieram-lhe as lágrimas aos olhos e disse:

– Meu filho, melhor seria que tomásseis outra via mais segura para a vossa alma do que as armas e a ordem de cavalaria, que muito trabalhosa é de manter.

– Senhor – disse ele –, muito mal poderia eu seguir aquilo que contra a minha vontade tomasse; e nisto que agrada ao meu coração, se Deus me der ventura, passá-lo-ei ao seu serviço, que fora disto não quereria ficar em vida.

O homem bom, que viu a sua vontade, disse-lhe:

– Pois que assim é, eu vos digo verdadeiramente que se por vós se não perde, pela vossa linhagem não se perderá, que vós sois filho de rei e rainha; e isto não o saiba o gigante de que vos falei.

Quando Galaor isto ouviu, ficou mui alegre que mais não podia e disse:

– O pensamento que eu até aqui tinha por grande em querer ser cavaleiro tenho agora por pequeno, segundo o que me haveis dito.

O homem bom, temendo que ele se fosse embora, mandou dizer ao gigante como aquele seu criado¹ estava na idade e na vontade de ser cavaleiro, e que visse o

¹ Ou seja, aquele que ele tinha mandado criar.

que lhe convinha. Ouvido isto por ele, cavalgou e foi até lá, e encontrou Galaor muito formoso e valente, mais do que a sua idade o requeria, e disse-lhe:

– Filho, eu sei que quereis ser cavaleiro, e quero-vos levar comigo, e trabalharei para que seja muito com vossa honra.

– Pai – disse ele –, nisso será a minha vontade de todo cumprida.

Então fê-lo cavalgar num cavalo para o levar. Mas antes despediu-se do homem bom, de joelhos diante dele, rogando-lhe que se lembrasse dele. O homem bom chorava e beijava-o muitas vezes; e dando-lhe a sua benção, foi-se com o gigante. E chegados ao seu castelo, fez-lhe armas à sua medida; e fazia-o cavalgar e bafordar no campo; e deu-lhe dois esgrimadores que o desenvolvessem e o soltassem com o escudo e a espada, e fez-lhe aprender todas as cousas de armas que convinham a um cavaleiro; e nisto o manteve um ano, que o gigante viu que lhe bastava para que, sem dificuldade, pudesse ser cavaleiro.

Aqui deixa o autor de contar isto, porque em seu lugar merecido se encontrará o que este Galaor fez, e torna a contar o que aconteceu ao Donzel do Mar depois que do rei Periom e da Donzela da Dinamarca e do castelo do velho partiu. Andou dois dias sem aventura encontrar, e ao terceiro dia, à hora do meio-dia, avistou um mui formoso castelo, que era de um cavaleiro de nome Galpano, que era o mais valente e esforçado em armas que em todas aquelas partes se encontrava, assim que muito receado e temido de todos era. E juntando a sua valentia à fortaleza do castelo, mantinha um costume de homem muito soberbo, seguindo mais o serviço do inimigo mau que daquele alto Senhor que tão assinalado entre todos os outros o fizera, e que era o que agora ouvireis. As donas e donzelas que por ali passavam fazia-as subir ao castelo, e fazendo nelas a sua vontade por força, fazia-as jurar que enquanto ele vivesse não tomariam outro amigo; e se não o faziam, cortava-lhes a cabeça. E aos cavaleiros, do mesmo modo, que haviam de combater com dois irmãos seus; e se algum os vencesse, deviam combater com ele. E ele era tão forte em armas que não ousavam esperá-lo em campo. E fazia-lhes jurar que se chamariam “o vencido de Galpano” ou cortava-lhes as cabeças; e tomando-lhes quanto traziam, fazia-os ir embora a pé. Mas já Deus, anojado que tão grande crueldade durasse há tanto tempo, outorgou à Fortuna que, procedendo contra aqueles que, durante muito tempo, com grande soberba, com deleites demasiados a seu prazer e ao pesar de todos, tinha sustentado, que em breve espaço de tempo fosse ao

contrário, pagando esses maus a sua maldade, e aos outros como eles dando temeroso exemplo com que se emendassem, como agora vos será contado.

CAPÍTULO VI

Como o Donzel do Mar combateu com os peões do cavaleiro, que Galpato se chamava, e depois com os irmãos do senhor do castelo e com o mesmo senhor e o matou sem dele haver piedade.

Pois chegando o Donzel do Mar perto do castelo, viu vir direita a si uma donzela fazendo grande dó, e com ela um escudeiro e um donzel que a acompanhavam. A donzela era muito formosa e de formosos cabelos, e ia-os arrancando. O Donzel do Mar disse-lhe:

– Amiga, qual é a causa de tão grande coita?

– Ai, senhor! – disse ela –, é tanto o mal que vo-lo não posso dizer.

– Dizei-mo – disse ele –, e se com direito vos posso remediar, fá-lo-ei.

– Senhor – disse ela –, eu venho com mandado de meu senhor para um cavaleiro mancebo dos bons que agora se sabem; e tomaram-me ali quatro peões e, levando-me ao castelo, fui escarnecida por um traidor; e depois de tudo fez-me jurar que não teria outro amigo enquanto ele viver.

O Donzel do Mar tomou-a pelo freio e disse-lhe:

– Vinde comigo e dar-vos-ei direito, se puder.

E tomando-a pela rédea, foi-se com ela falando, perguntando-lhe quem era o cavaleiro a quem o mandado levava.

– Sabê-lo-eis – disse ela –, se me vingardes; e digo-vos que ele é tal que terá muita coita quando a minha desonra souber.

– E com direito – disse o Donzel do Mar.

Assim chegaram onde os quatro peões estavam. E disse-lhes o Donzel do Mar:

– Traidores malvados, por que fizestes mal a esta donzela?

– Pelo medo que tivemos – disseram eles – de vós lhe dardes direito.

– Já o vereis – disse ele.

E deitou mão à espada, e foi para eles, e deu a um, que alçava um machado para o ferir, um tal golpe que lhe cortou o braço e o deitou por terra. Ele caiu dando vozes. Depois feriu outro pelo nariz, de lado, que lho cortou até às orelhas. Quando os outros

dois viram isto, começaram a fugir para um rio por uma mata espessa. Ele meteu a sua espada na bainha, tomou a donzela pelo freio e disse-lhe:

– Vamos adiante.

A donzela disse-lhe:

– Aqui perto há uma porta onde vi dois cavaleiros armados.

– Seja – disse ele – que vê-los quero.

Então disse:

– Donzela, vinde atrás de mim e não temais.

E entrando pela porta do castelo viu um cavaleiro armado diante de si que cavalgava num cavalo; e quando saiu, encontraram atrás dele uma porta de correr. E o cavaleiro disse-lhe com grande soberba:

– Vinde, receberéis a vossa desonra.

– Deixemos isso – disse o Donzel – ao que o pode saber; mas pergunto-vos se sois o que forçou esta donzela.

– Não – disse o cavaleiro –, mas ainda que o fosse, que teria isso?

– Vingá-lo eu – disse ele –, se pudesse.

– Pois ver quero eu como combateis. E foi para ele ao melhor correr do seu cavalo, mas falhou o seu golpe. E o Donzel do Mar feriu-o com a sua lança no escudo tão fortemente que nenhuma arma que trouxesse lhe aproveitaria. E meteu-lhe o ferro nas espáduas e deu com ele morto em terra; e tirando dele a lança, foi-se ao outro cavaleiro que contra ele vinha dizendo:

– Em mau ponto cá entraste.

E o cavaleiro feriu-o no escudo, que o atravessou; mas o ferro deteve-se no arnês, que era forte; mas o Donzel feriu-o também com a sua lança no elmo e derrubou-lho da cabeça e o cavaleiro caiu por terra sem detença alguma. E como assim se viu, começou a dar grandes vozes e saíram três peões armados de uma câmara e disse-lhes:

– Matai este traidor.

Eles feriram-lhe o cavalo, de maneira que o derrubaram com ele; mas levantando-se mui sanhudo pelo seu cavalo que lhe tinham matado, foi ferir o cavaleiro na cara, com a sua lança, de tal maneira que o ferro saiu entre a orelha e o pescoço e caiu logo; e voltou aos de pé que o feriam e o haviam chagado num ombro, por onde perdia muito sangue, mas tanta era a sua sanha que não o sentia; e feriu com a espada aquele que o chagara na cabeça, de maneira que lhe cortou a orelha e a bochecha e

quanto alcançou; e a espada desceu até aos peitos; e os outros dois fugiram para o curral¹, dizendo a grandes vozes:

– Vinde, senhor, vinde, que somos todos mortos.

O Donzel do Mar montou no cavalo do cavaleiro que matara e foi atrás deles e viu a uma porta um cavaleiro desarmado que lhe disse:

– Que é isso, cavaleiro? Vieste aqui para me matar os meus homens?

– Vim – disse ele – para vingar esta donzela da força que aqui lhe fizeram, se encontrar aquele que lha fez.

A donzela disse:

– Senhor, este é aquele por quem estou escarnecida.

O Donzel do Mar disse:

– Ai, cavaleiro soberbo, cheio de vilania, agora pagareis a maldade que fizestes. Armai-vos logo, senão mater-vos-ei assim desarmado, que com os maus como vós não se deveria ter temprança.

– Ai, senhor – disse a donzela –, matai esse traidor e não deixeis que mais mal faça, que já de todo estaria a vosso cargo.

– Ah, malvada – disse o cavaleiro –, em mau ponto ele vos acreditou, que com vós veio.

E entrando num grande palácio², disse:

– Vós, cavaleiro, esperai-me e não fujais, que em nenhuma parte me podereis escapar.

– E eu digo-vos – disse o Donzel do Mar – que se eu daqui me for, que me não deixeis em nenhum lugar dos mais guardados.

E não tardou muito que o viu vir em cima de um cavalo branco, e tão armado que não lhe faltava nada, e vinha dizendo:

– Ai cavaleiro mal andante, em mau ponto vistes a donzela, que aqui perdereis a cabeça.

Quando o Donzel se ouviu ameaçar, ficou mui sanhudo e disse:

– Agora guarde cada um a sua, e aquele que a não amparar, perca-a.

Então foram um contra o outro ao melhor correr dos seus cavalos, e feriram-se com suas lanças nos escudos, que logo foram amolgados; e dos arneses o mesmo, e os ferros metidos na carne; e juntaram-se dos corpos e escudos e elmos um contra o outro

¹ Pátio

² Aposento do castelo

tão bravamente que ambos caíram por terra. Mas tanta sorte teve o Donzel que levou as rédeas na mão; e Galpano levantou-se mui maltratado, e deitaram mão às suas espadas e puseram os escudos ante si, e feriram-se tão feramente que espanto causavam aos que os olhavam. Dos escudos caíam em terra muitas rachas¹ e dos arneses muitas peças e os elmos estavam amolgados e partidos; assim que a praça onde lidavam era tinta de sangue. Galpano, que se sentiu de uma ferida que tinha na cabeça, que o sangue lhe caía sobre os olhos, saiu fora para os limpar, mas o Donzel do Mar, que mui ligeiro andava e com grande ardimento, disse-lhe:

– Que é isso, Galpano? Cobardia não te convém. Não te lembras que combates pela tua cabeça e que, se a mal guardares, a perderás?

Galpano disse:

– Espera um pouco e folgaremos, que tempo há para combatermos.

– Disso não há mister – disse o Donzel –, que eu não combato contigo por cortesia, mas para dar emenda àquele donzela que desonrastes.

E foi-o logo ferir tão bravamente por cima do elmo que lhe fez fincar ambos os joelhos; e levantou-se logo e começou-se a defender, mas não de guisa que o Donzel não o trouxesse à sua vontade, que tão cansado já estava que mal podia segurar a espada e não fazia senão cobrir-se com o escudo, o qual no braço lhe foi todo cortado, que nada dele lhe ficou. Então, não tendo outro remédio, começou a fugir pela praça, cá e lá, ante a espada do Donzel do Mar, que o não deixava folgar; e Galpano quis fugir para a torre, onde havia homens seus. Mas o Donzel do Mar apanhou-o por pouco e, agarrando-o pelo elmo, puxou-o tão fortemente que o fez cair em terra estendido, e o elmo lhe ficou nas mãos, e com a espada deu-lhe tal golpe no pescoço que a cabeça se separou do corpo. E disse à donzela:

– Oimais podereis ter outro amigo, se quiserdes, que este a quem jurastes, despachado está.

– Mercê a Deus e a vós – disse ela – que o matastes.

Ele quisera subir à torre, mas viu que subiam a escada, e cavalgou no cavalo de Galpano, que mui formoso era, e disse:

– Vamo-nos daqui.

A donzela disse-lhe:

¹ Pedacos de metal.

– Cavaleiro, eu levarei a cabeça deste que me desonrou e dá-la-ei, da vossa parte, àquele a quem o mandado levo.

– Não a leveis – disse ele – que vos causará pesar; mas levai o elmo em lugar dela.

A donzela outorgou-lho e mandou ao seu escudeiro que o tomasse; e logo saíram do castelo e encontraram a porta aberta por aqueles que por ali tinham fugido.

Pois estando no caminho, disse o Donzel do Mar:

– Dizei-me quem é o cavaleiro a quem levais o mandado.

– Sabei – disse ela – que é Agrajes, filho do rei de Escócia.

– Bendito seja Deus! – disse ele – que eu não pude fazer com que ele não recebesse este agravo; e digo-vos, donzela, que é ele o melhor cavaleiro mancebo que eu conheço até agora, e se por ele tomastes desonra, ele a tornará em honra. E dizei-lhe que um cavaleiro se lhe encomenda, que encontrará na guerra de Gaula se ele aí for.

– Ai, senhor – disse ela –, pois o amais tanto, rogo-vos que me outorgueis um dom.

Ele disse:

– Mui de grado.

– Pois dizei-me o vosso nome – disse a donzela.

– Donzela – disse ele –, o meu nome não o queirais agora saber e pedi outro dom que eu possa cumprir.

– Outro dom – disse ela – não quero eu.

– Assim Deus me ajude – disse ele –, não sois cortês em querer saber de nenhum homem nada contra a sua vontade.

– Todavia – disse ela – dizei-mo se quereis ser quite comigo¹.

Quando ele viu que não podia al fazer, disse:

– A mim chamam-me o Donzel do Mar.

E partindo-se dela o mais asinha que pôde, seguiu o seu caminho. A donzela ficou mui leda por saber o nome do cavaleiro. O Donzel do Mar ia mui chagado e saía-lhe tanto sangue que o caminho estava tinto dele, e o cavalo, que era branco, parecia vermelho em muitos lugares; e andando até à hora das vésperas viu uma fortaleza mui formosa, e contra ele vinha um cavaleiro desarmado que, quando a ele chegou, disse:

– Senhor, onde tomastes essas chagas?

¹ Cumprir o que prometeu.

- Num castelo que ali deixo – disse o Donzel.
- E esse cavalo, como o houvestes?
- Houve-o pelo meu, que me mataram – disse o Donzel.
- E o cavaleiro cujo era, que foi dele?
- Ai, perdeu a cabeça – disse o Donzel.

Então o outro desceu do cavalo para lhe beijar o pé. E o Donzel o desviou da estribeira e o outro beijou-lhe a fimbria do arnês e disse:

- Ai, senhor, seja bem-vindo, que por vós cobrei toda a minha honra.
- Senhor cavaleiro – disse o Donzel –, sabeis onde me curassem destas chagas?
- Sim, sei – disse ele –, que nesta minha casa vos curará uma donzela minha sobrinha, melhor que qualquer outra que nesta terra haja.

Então descavalgaram e foram entrar na torre, e o cavaleiro disse-lhe:

– Ai, senhor, que esse traidor que matastes teve-me ano e meio morto e escarnecido de tal forma que não tomei armas; que ele fez-me perder o meu nome e jurar que me não chamasse senão o seu vencido, e por vossa causa voltei à minha honra.

Ali puseram o Donzel do Mar num rico leito, onde foi curado das suas chagas pela mão da donzela, a qual disse que o daria por são tanto que se escusasse de caminhar por uns dias. E ele disse que em tudo o seu conselho seguiria.

CAPÍTULO VII

Como ao terceiro dia que o Donzel do Mar partiu da corte do rei Languines vieram aqueles três cavaleiros que traziam um cavaleiro numas andas mais a sua mulher aleivosa

Ao terceiro dia que o Donzel do Mar partiu da corte do rei Languines, onde foi armado cavaleiro, chegaram aí os três cavaleiros que traziam a dona falsa e o cavaleiro seu marido mal chagado numas andas. E os três cavaleiros puseram nas mãos do Rei a dona da parte de um cavaleiro novel, e contaram-lhe tudo o que tinha acontecido com ele. El Rei benzeu-se muitas vezes ao ouvir tal traição de mulher, e agradeceu muito ao cavaleiro que a enviara, que ninguém sabia que o Donzel do Mar era cavaleiro, senão a

sua senhora Oriana e as outras que já ouvistes; antes cuidavam que tinha ido ver o seu amo Gandales. El Rei disse ao cavaleiro das andas:

– Tão aleivosa como é, vossa mulher não devia viver.

– Senhor – disse ele –, vós fazei o que deveis, mas eu nunca consentirei em matar a coisa do mundo que mais amo.

E despedindo-se do rei, fez-se levar nas suas andas.

O Rei disse à dona:

– Por Deus, mais leal vos era aquele cavaleiro que vós a ele, mas eu farei com que pagueis a vossa deslealdade. E mandou-a queimar.

El Rei maravilhou-se muito sobre quem seria o cavaleiro que ali os fizera vir; e disse o escudeiro com quem o Donzel do Mar se aposentara no seu castelo:

– Por ventura será um cavaleiro novel que acompanhámos, eu e uma donzela da Dinamarca que hoje aqui chegou.

– E que cavaleiro é? – disse el Rei.

– Senhor – disse o escudeiro –, ele é mui menino e tão formoso que é maravilha de o ver, e vi-lhe fazer tanto em armas em pouco tempo que se tiver a ventura de viver será o melhor cavaleiro do mundo.

Então contou quanto dele vira, e como livrara o rei Periom de morte.

– Sabeis vós – disse el Rei –, como é seu nome?

– Não, senhor – disse ele – que ademais ele se encobre muito.

Então teve el Rei e todos mais vontade de o saber do que antes. E o escudeiro disse:

– A donzela andava mais com ele do que eu.

– Está aqui a donzela? – disse El Rei.

– Sim – disse ele – que vem à procura da filha do rei Lisuarte.

Logo mandou que ante ele viesse e contou quanto dele vira, e como o acompanhara pelo que a donzela que lhe deu a lança tinha dito que a trazia para o melhor cavaleiro que agora a poderia ter em mão.

– Tanto sei eu dele – disse ela –, mas do seu nome não sei nada.

– Ai, Deus, quem seria? – disse el Rei.

Mas a sua amiga não duvidava de quem poderia ser, porque a donzela lhe havia contado como a vinha buscar para a levar consigo. E assim que o nomeou, sentiu em si grande alteração, porque pensou que el Rei deixaria que a levasse ao seu pai e, ida, não

saberia novas tão amiúde daquele que mais do que a si mesma amava. Assim se passaram seis dias sem dele saberem novas. E estando el Rei falando com seu filho Agrajes, que queria partir para a Gaula com os seus homens, entrou uma donzela pela porta, ajoelhou-se ante eles e disse:

– Senhor, ouvi-me um pouco perante o vosso pai.

Então tomou em suas mãos um elmo com tantos golpes de espada que nenhum lugar são nele havia, deu-o a Agrajes e disse:

– Senhor, tomai este elmo em lugar da cabeça de Galpano; e dou-vo-lo da parte de um cavaleiro novel, aquele a quem mais convém trazer armas do que a outro cavaleiro que no mundo haja; e este elmo vos envia ele porque desonrou uma donzela que ia a vosso mandado.

– Como?! – disse ele – Morto é Galpano às mãos de um cavaleiro? Por Deus, donzela, maravilhas me dizeis.

– Por certo, senhor – disse ela –, esse conquistou e matou quantos havia no seu castelo e por fim combateu com ele sozinho e cortou-lhe a cabeça; e por ser coisa enojosa de trazer disse-me que bastava o elmo.

– Por certo – disse El Rei –, é esse o cavaleiro novel que por aqui passou, que decerto as suas cavalarias são mais estranhas que as outras.

E perguntou à donzela se sabia o seu nome.

– Sim, senhor – disse ela –, mas soube-o por grande arte.

– Por Deus, dizei-mo – disse el Rei –, que mui alegre me faríeis.

– Sabei, senhor – disse ela – que o seu nome é Donzel do Mar.

Quando isto ouviu o Rei ficou maravilhado, e todos os outros, e disse:

– Se ele foi procurar quem o fizesse cavaleiro não deve ser culpado, que há muito que mo rogou e eu o demorei; e fiz mal em retardar a cavalaria a quem com ela tão bem obra.

– Ai – disse Agrajes – onde o poderia encontrar?

– Ele se vos encomenda muito – disse a donzela – e manda-vos dizer por mim que o encontrareis na guerra de Gaula, se aí fordes.

– Ai, Deus, que boas novas me dizeis! – disse Agrajes –; agora tenho mais vontade de me ir, e se o encontro nunca por meu grado dele me separarei.

– Direito é – disse a donzela –, que ele muito vos ama.

Grande foi a alegria que todos tiveram das boas novas do Donzel do Mar, mas sobre todos foi a da sua senhora Oriana, ainda que mais do que todos a encobrisse. El rei quis saber das donzelas de que maneira o tinham feito cavaleiro e elas contaram-lhe tudo. E ele disse:

– Mais cortesia encontrou em vós do que em mim, pois eu não o retardava senão por ele, que o via mui moço.

A donzela contou a Agraes o mandado que lhe trazia daquela que a história adiante contará. E ele partiu com mui boa companhia para a Gaula.

CAPÍTULO VIII

Como el Rei Lisuarte enviou pela sua filha a casa d’el Rei Languines e ele lha enviou com a sua filha Mabilia, e acompanhadas de cavaleiros e donas e donzelas.

Dez dias depois da partida de Agraes chegaram aí três naus, em que vinha Galdar de Rascuil¹ com cem cavaleiros do rei Lisuarte e donas e donzelas para levar Oriana. El Rei Languines acolheu-o bem, que o tinha por bom cavaleiro e mui cordato. Ele disse-lhe o mandado d’el Rei seu senhor, como enviava pela sua filha; e para além disto, disse a el Rei, da parte d’el Rei Lisuarte, que lhe rogava que enviasse com Oriana Mabilia, sua filha, que assim como ela mesma seria tratada e honrada à sua vontade. El Rei ficou mui alegre com isto, e ataviou-as mui bem, e teve o cavaleiro e as donas e donzelas na sua corte alguns dias, fazendo-lhes muitas festas e mercês; e mandou preparar outras naus e abastecê-las com as cousas necessárias, e fez aparelhar cavaleiros e donas e donzelas, as que lhe pareceu que convinham para tal viagem. Oriana, que viu que este caminho não se poderia escusar, tratou de recolher as suas jóias; e andando a recolhê-las, viu a cera que tomara ao Donzel do Mar, e lembrou-se dele e vieram-lhe as lágrimas aos olhos e apertou as mãos com coita de amor que a forçava; e quebrando a cera, viu a carta que dentro estava, e lendo-a, achou que dizia “Este é Amadis sem Tempo, filho de rei”. Ela, tendo visto a carta, esteve pensando um pouco, e entendeu que o Donzel do Mar tinha por nome Amadis e viu que era filho de rei; tal alegria nunca em coração de pessoa entrou como no seu; e chamando a Donzela da Dinamarca, disse-lhe:

¹ Nome de clara proveniência britânica (Walter de Rothwell).

– Amiga, quero-vos dizer um segredo que não o diria senão ao meu coração e guardai-o como puridade de tão alta donzela como eu sou e do melhor cavaleiro do mundo.

– Assim o farei – disse ela –, não duvideis de me dizer o que faça.

– Pois, amiga, – disse Oriana –, ide-vos ao cavaleiro novel que sabeis; e digo-vos que o chamam Donzel do Mar, e encontrá-lo-eis na guerra da Gaula; e se chegardes antes, atendei-o e logo que o virdes, dai-lhe esta carta e dizei-lhe que aí encontrará o seu nome, aquele que escreveram nela quando foi deitado ao mar; e saiba que eu sei que é filho de rei; e pois que era tão bom quando não o sabia, agora pugne por ser melhor; e dizei-lhe que pois meu pai enviou por mim e que me levam a ele, que lhe envio dizer que se parta da guerra da Gaula e vá logo para a Grã-Bretanha, e procure viver com meu pai até que eu lhe diga o que faça.

A donzela com este mandado que ouvistes partiu e seguiu a caminho da Gaula, de que se falará a seu tempo. Oriana e Mabília, com donas e donzelas, encomendando-as el Rei e a Rainha a Deus, foram metidas nas naus; os marinheiros soltaram as âncoras e estenderam as velas, e como o tempo era propício, chegaram depressa à Grã-Bretanha, onde mui bem recebidas foram.

O Donzel do Mar esteve chagado quinze dias em casa do cavaleiro e da donzela sua sobrinha que o curava. Ao cabo dos quais, como quer que as feridas ainda fossem recentes, não quis deter-se mais aí e partiu num domingo de manhã, e Gandalim com ele, que nunca dele se afastou. Isto era no mês de Abril, e entrando por uma floresta, ouviu cantar as aves, e via flores em toda a parte, e como ele em tanto poder de amor fosse, lembrou-se da sua amiga e começou a dizer:

– Ai, cativo Donzel do Mar, sem linhagem e sem bem, e como foste tão ousado de meter o teu coração e o teu amor em poder daquela que vale mais que as outras todas em bondade e formosura e em linhagem? Oh, cativo! Por qualquer destas três cousas não devia ser ousado o melhor cavaleiro do mundo de a amar, que mais é ela formosa do que o melhor cavaleiro em armas, e mais vale a sua bondade do que a riqueza do maior homem do mundo, e eu, cativo, que não sei quem sou, que vivo com trabalho de tal loucura que morrerei amando sem lho ousar dizer.

Assim fazia seu dó e ia tão atónito que não olhava senão para o pescoço do seu cavalo; e olhou para uma espessura da floresta e viu um cavaleiro armado no seu

cavalo, aguardando um seu inimigo, o qual tinha ouvido todo aquele dó que o Donzel do Mar fazia; e como viu que se calava, parou em frente dele e disse:

– Cavaleiro, a mim parece-me que mais amais a vossa amiga do que vós, menosprezando-vos muito e louvando-a a ela; quero que me digais quem é e amá-la-ei, pois que vós não sois tal para servir tão alta senhora e tão formosa, segundo o que vos ouvi.

Disse o Donzel:

– Senhor cavaleiro, a razão vos obriga a dizer o que dizeis, mas o resto não o sabereis de nenhuma maneira. E mais vos digo: que de a amar não poderíeis ganhar nenhum bom fruto.

– De vir a um homem afã e perigo – disse o cavaleiro – por boa senhora, isso o deve receber em glória, porque ao fim ganhará com tal o galardão que espera. E pois um homem ama em tão alto lugar como vós, não se deveria aborrecer com coisa que lhe sucedesse.

O Donzel do Mar ficou confortado de quanto lhe ouviu dizer, e teve que bem lhe faziam estas palavras; e quis seguir adiante, mas o outro disse-lhe:

– Quietos, cavaleiro, que todavia convém que me digais o que vos pergunto, à força ou de grado.

– Deus não me ajude – disse o Donzel – se por meu grado vós o sabereis, nem de outro por meu mandado.

– Pois logo sois em batalha – disse o cavaleiro.

– Mais me praz isso – disse o Donzel do Mar –, do que dizê-lo.

Então apertaram os seus elmos e tomaram os escudos e as lanças, e querendo-se afastar para iniciarem a justa, chegou uma donzela que lhes disse:

– Parai, senhores, parai, e dizei-me umas novas, se as sabeis, que eu venho com grande pressa e não posso esperar o fim da vossa batalha.

Eles perguntaram que queria saber.

– Se viu algum de vós – disse ela – um cavaleiro novel que se chama Donzel do Mar.

– E que lhe quereis? disse ele.

– Trago-lhe novas de Agrajes, seu amigo, filho d’el rei de Escócia.

– Aguardai um pouco – disse o Donzel do Mar –, que eu vos direi dele.

E foi para o cavaleiro, que lhe dava vozes que se pusesse em guarda, e o cavaleiro feriu-o no escudo tão bravamente que a lança foi em pedaços pelo ar. Mas o Donzel do Mar, que lhe acertou em cheio, deu com ele e com o cavalo em terra, e o cavalo levantou-se e quis fugir, mas o Donzel do Mar tomou-o e deu-lho, dizendo:

– Senhor cavaleiro, tomai o vosso cavalo e não queirais saber de ninguém nada contra a sua vontade.

Ele tomou o cavalo, mas não pôde tão asinha cavalgar, que ficou maltratado da queda. O Donzel do Mar voltou à donzela e disse-lhe:

– Amiga, conheceis esse por quem perguntais?

– Não – disse ela –, que nunca o vi, mas disse-me Agrajes que ele se me daria a conhecer tanto que lhe dissesse que era de sua casa.

– Verdade é – disse ele –, e sabeis que sou eu.

Então desapertou o elmo e a donzela, que lhe viu o rosto, disse:

– Por certo creio que dizeis a verdade, que à maravilha vos ouvi louvar a formosura.

– Pois disse-me – disse ele –, onde deixastes Agrajes?

– Numa ribeira – disse a donzela – perto daqui, onde tem os seus homens para entrar no mar e passar à Gaula; e quis antes saber de vós, para que com ele passeis.

– Deus vo-lo agradeça – disse ele –, e agora guiai-me e vamo-lo ver.

A donzela meteu-se a caminho e não tardou muito que viram na ribeira as tendas e os cavaleiro cabo a elas; e sendo já perto, ouviram atrás de si uma vozes dizendo:

– Voltai-vos, cavaleiro, que todavia convém que me digais o que vos pergunto.

Ele voltou a cabeça e viu o cavaleiro com quem antes justara, e outro cavaleiro com ele, e tomando as suas armas, foi contra eles, que traziam as lanças baixas e ao melhor correr dos seus cavalos. E os das tendas viram-no ir tão aposto na sela que ficaram maravilhados. E certamente podeis crer que no seu tempo não houve cavaleiro que mais aposto na sela parecesse, nem mais formoso justasse, tanto que em algumas partes onde ele se queria encobrir foi descoberto por isso; e os dois cavaleiros feriram-no com as suas lanças no escudo que lho amolgaram, mas o arnês não, que era forte; e as lanças foram quebradas, e ele feriu o primeiro que antes tinha derrubado e embateu nele tão fortemente que deu com ele em terra e quebrou-lhe um braço e ficou como morto; e o Donzel perdeu a lança, mas deitou logo mão à espada e foi contra o outro

que o feria, e deu-lhe por cima do elmo, assim que a espada chegou-lhe à cabeça, e quando a puxou, quebraram-se os laços e tirou-lho da cabeça; e alçou a espada para o ferir e o outro alçou o escudo, e o Donzel do Mar deteve o golpe, e passando a espada para a mão esquerda, agarrou-lhe o escudo e tirou-lho do colo e deu-lhe com ele por cima da cabeça, que o cavaleiro caiu por terra atordoado.

Isto feito, deu as armas a Gandalim e foi-se com a donzela às tendas. Agrajes, que se muito maravilhava sobre quem seria o cavaleiro que tão depressa tinha vencido os dois cavaleiros, foi até ele e, conhecendo-o, disse:

– Senhor, sede mui bem-vindo.

O Donzel do Mar desceu do seu cavalo e foram-se ambos abraçar. E quando os outros viram que aquele era o Donzel do Mar, ficaram mui alegres. E Agrajes disse-lhe:

– Ai, Deus, que muito vos desejava ver.

E logo o levaram para a sua tenda, fê-lo desarmar e mandou que lhe trouxessem ali os dois cavaleiros, que no campo maltratados estavam. E quando ante ele vieram, disse-lhes:

– Por Deus, grande loucura começastes em cometer batalha com tal cavaleiro.

– Verdade é – disse o do braço quebrado –, mas já hoje houve tal hora em que o tive em tão pouco que não pensava falhar nele nenhuma defesa.

E contou quanto com ele lhe sucedera na floresta, excepto o dó, que não o ousou dizer. Todos riram muito da paciência de um e da grande soberba do outro. Aquele dia folgaram ali com muito prazer, e no outro dia cavalgaram e andaram tanto que chegaram a Palingues, uma boa vila que era porto de mar, fronteira¹ de Gaula; e ali entraram nas naus de Agrajes e com o bom vento que fazia cedo passaram o mar e chegaram a outra vila de Gaula, de nome Galfão; e dali se foram por terra a Baladim, um castelo onde o rei Periom estava, onde mantinha a sua guerra, tendo já perdido muita gente, e que ficou muito alegre com a vinda deles e fez-lhe dar boas pousadas; e a rainha Elisena mandou dizer ao seu sobrinho Agrajes que a fosse ver. Ele chamou o Donzel do Mar e outros cavaleiros para lá ir. O rei Periom olhou o Donzel e reconheceu que era aquele que tinha armado cavaleiro e que lhe tinha ocorrido no castelo do velho, e foi ao seu encontro e disse:

¹ Ou seja, que estava em frente, na costa oposta.

– Amigo, sede mui bem vindo, e sabei que em vós tenho eu grande esperança, tanta que já não duvido da minha guerra, pois vos tenho na minha companhia.

– Senhor – disse ele – em vossa ajuda me tereis vós enquanto durar a minha pessoa e a guerra tenha fim.

Assim falando, chegaram à Rainha, e Agrajes foi-lhe beijar as mãos, e ela ficou muito contente de o ver. E o Rei disse-lhe:

– Dona, aqui vedes o mui bom cavaleiro de que vos eu falei, que me tirou do maior perigo em que jamais fui; este vos digo que ameis mais que a nenhum outro cavaleiro.

E ela veio-o abraçar. E ele ajoelhou-se ante ela e disse:

– Senhora, eu sou criado de vossa irmã e por ela venho a servir-vos; e podeis mandar-me como ela mesma.

A Rainha agradeceu-lhe com muito amor, e olhava-o como era tão formoso, e lembrando-se dos seus filhos que tinha perdido, vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Assim que chorava por aquele que ante ela estava e não o sabia. E o Donzel do Mar disse-lhe:

– Senhora, não choreis, que em breve regressareis à vossa alegria com a ajuda de Deus e do Rei e deste cavaleiro vosso sobrinho, e de mim, que de grado vos servirei.

Ela disse:

– Meu bom amigo, vós que sois cavaleiro de minha irmã, quero que pouseis em minha casa, e ali vos darão as cousas que houverdes mister.

Agrajes queria levá-lo consigo, mas o Rei e a Rainha rogaram-lhe tanto que o outorgou. Assim ficou à guarda de sua mãe, onde lhe faziam muita honra.

El rei Abiés e Daganel, seu primo, souberam as novas destes que chegaram ao Rei Periom. E disse el rei Abiés, que era ao tempo o mais prezado cavaleiro conhecido:

– Se el rei Periom tem vontade de lidar e é esforçado, agora quererá entrar em batalha connosco.

– Não o fará – disse Daganel – porque se receia muito de vós.

Galaim, o duque de Normandia, que ali estava, disse:

– Eu vos direi como o fará: cavalguemos esta noite, eu e Daganel, e à alva apareceremos perto da sua vila com um razoável número de gente, e el rei Abiés ficará com a outra gente escondido na floresta de Galpano; e desta guisa lhe daremos esforço

a que ousará sair; e nós, mostrando algum temor, tentaremos levá-los para a floresta onde o rei estiver, e assim se perderão todos.

– Dizeis bem – disse el rei Abiés – e assim se faça.

Pois logo se armaram com toda a sua gente e entraram na floresta Daganel e Galaim, que o conselho dera, e passaram bem adiante onde el rei ficaria; e assim estiveram toda a noite; mas quando veio a manhã, el rei Periom e a sua mulher foram ver o que fazia o Donzel do Mar e encontraram-no a levantar-se e a lavar as mãos, e viram-lhe os olhos vermelhos e as faces molhadas de lágrimas, assim que bem parecia que dormira pouco de noite, e sem falta assim era, que, lembrando-se da sua amiga, considerando a grande coita que por ela lhe vinha sem ter nenhuma esperança de remédio, outra coisa não esperava senão a morte. A Rainha chamou Gandalim e disse-lhe:

– Amigo, que houve com vosso senhor, que me parece no seu semblante estar em grande tristeza? É por algum descontentamento que aqui tenha havido?

– Senhora – disse ele –, aqui recebe ele muita honra e mercê; mas tem assim de costume chorar dormindo, como agora vedes que o mostra.

E enquanto assim estavam, viram os da vila muitos inimigos e bem armados perto de si, e davam vozes “Armas, armas!”. O Donzel do Mar, que viu o alvoroço, ficou mui alegre, e el rei lhe disse:

– Bom amigo, os nossos inimigos estão aqui.

E ele disse:

– Armemo-nos e vamos vê-los.

E el Rei pediu as suas armas e o Donzel as suas; e assim que foram armados e a cavalo, foram à porta da vila, onde encontraram Agrajes, que muito se queixava porque lha não abriam, que este foi um dos cavaleiros do mundo mais vivo de coração e mais acometedor em todos os enfrentamentos, e se assim a força como o esforço o ajudasse, não haveria outro que em bondade de armas o ultrapassasse; e como chegaram, disse o Donzel do Mar:

– Senhor, mandai-nos abrir a porta.

E el Rei, a quem não prazia menos de combater, mandou que a abrissem, e saíram todos os cavaleiros, e como viram tantos inimigos seus, alguns aí houve que diziam ser loucura acometê-los.

Agrajes feriu o cavalo com as esporas dizendo:

– Agora tenha mais ventura o que mais aguentar.

E movendo-se contra eles, viu ir adiante o Donzel do Mar, e moveram-se todos em conjunto. Daganel e Galaim, que contra si os viram vir, aparelharam-se para os receber, assim como aqueles que muito desamavam. O Donzel do Mar feriu-se com Galaim que diante vinha e embateu-lhe tão fortemente que a ele e ao cavalo derrubou por terra, e teve uma perna quebrada e o Donzel quebrou a lança; e deitou logo mão à sua espada e foi contra os outros como leão sanhudo, fazendo maravilhas em dar golpes por todas as partes, assim que não ficava coisa que fosse diante da sua espada, que os derrubava por terra, a uns mortos e a outros feridos; mas tantos o feriram, que o cavalo não podia sair com ele para nenhum lado, assim que estava em grande aperto. Agrajes, que isto viu, chegou ali com alguns dos seus e fez grande dano nos contrários. El Rei Periom chegou com toda a gente mui esforçadamente, como aquele que tinha ganas de feri-los, e Daganel o recebeu com os seus mui animosamente. Assim que ficaram uns e outros misturados num só. Ali veríeis o Donzel do Mar fazendo cousas estranhas, derrubando e matando quantos diante si encontrava, que não havia homem que o ousasse acometer, e metia-se entre os inimigos fazendo neles clareira, que parecia um leão bravo. Agrajes, quando o viu estas cousas fazer, tomou consigo muito mais esforço do que antes tinha, e disse a grandes vozes para esforçar a sua gente:

– Cavaleiros, olhai o melhor cavaleiro e mais esforçado que jamais nasceu.

Quando Daganel viu como ele destruía a sua gente, foi para o Donzel do Mar como bom cavaleiro, e quis-lhe ferir o cavalo, para que entre os seus caísse, mas não pôde, e deu-lhe o Donzel do Mar tal golpe por cima do elmo, que por força se quebraram os laços e saiu-lhe da cabeça.

El rei Periom, que em socorro do Donzel do Mar chegava, deu a Daganel com a sua espada tal golpe que o fendeu até aos dentes. Então deram-se por vencidos os da Deserta e da Normandia, fugindo para onde el rei Abiés estava, e muitos diziam:

– Ai, rei Abiés, como tardas tanto que nos deixas matar?

E estando assim ferindo os seus inimigos el rei Periom e sua gente, não tardou muito que apareceu el rei Abiés de Irlanda com todos os seus, e vinham dizendo:

– Agora a eles, não fique homem que não mateis, e esforçai-vos por entrar com eles na vila.

Quando el rei Periom e os seus viram sem suspeita aqueles de que não sabiam nada, mui espantados ficaram, que estavam já cansados, e não tinham lanças e sabiam

que aquele rei Abiés era um dos melhores cavaleiros do mundo e o que mais temiam; mas o Donzel do Mar começou-lhes a dizer:

– Agora, senhores, mister é de manterdes a vossa honra. E agora se mostrarão os que têm vergonha na cara.

E fê-los recolher a todos, que andavam espalhados, e os de Irlanda vieram ferir tão bravamente que foi maravilha, como aqueles que folgados chegavam, e com grande vontade de fazer mal. El rei Abiés não deixou cavaleiro na sela enquanto lhe durou a lança; e assim que a perdeu, deitou mão à sua espada e começou a ferir com ela tão bravamente que aos seus inimigos espantava; e os seus aguentaram com ele, ferindo e derrubando os inimigos, de maneira que os do rei Periom, não os podendo já sofrer, recuavam contra a vila.

Quando o Donzel do Mar viu que a coisa estava mal parada, começou a fazer com muita sanha melhor do que antes, para que os da sua parte não fugissem em desacordo, e metia-se entre uma gente e a outra, e ferindo e matando nos de Irlanda, dava lugar a que os seus não virassem as espadas de vez. Agrajes e el rei Periom, que o viram em tão grande perigo e trabalho, ficaram sempre com ele. Assim que todos os três eram amparo dos seus e com eles tinham bastamente que fazer os contrários, que el rei Abiés metia a sua gente adiante vendo a vitória, para que junto com eles entrasse na vila, onde esperava ver a sua guerra acabada. E com esta pressa que ouvis, chegaram à porta da vila, onde, se não fora por estes três cavaleiros, juntos uns e outros entrariam; mas eles apararam tantos golpe e tantos deram, que maravilha foi poderem-nos sofrer. El rei Abiés, que pensou que a sua gente dentro com eles estava, passou adiante e viu que não era assim, do que teve muito pesar, e mais de Daganel e Galaim que soube que eram mortos; e chegou a ele um cavaleiro dos seus e disse-lhe:

– Senhor, vedes aquele cavaleiro do cavalo branco? Não fez senão maravilhas e foi ele que matou os vossos capitães e outros muitos.

Isto dizia pelo Donzel do Mar, que andava no cavalo branco de Galpano. El rei Abiés chegou-se mais e disse:

– Cavaleiro, com a vossa vinda morreu o homem do mundo que eu mais amava. Mas eu farei com que caro o pagueis, se mais quiserdes combater.

– De combater convosco – disse o Donzel do Mar – não é a hora, que vós tendes muita gente e folgada, e nós mui pouca e cansada, que maravilha seria poder-vos resistir. Mas se vós quereis vingar como cavaleiro isso que dizeis, e mostrar a

grande valentia pela qual sois louvado, escolhei entre a vossa gente os que mais vos contentarem e eu na minha, e, sendo iguais, poderíeis ganhar mais honra do que com muita sobra de gente e soberba demasiada de vir tomar o alheio sem causa nenhuma.

– Pois agora dizei – disse el rei Abiés – de quantos quereis que seja a batalha.

– Pois que em mim o deixais – disse o Donzel – eu vos farei outro desafio e pode ser que mais vos agrade: vós tendes sanha de mim pelo que eu fiz e eu de vós pelo que nesta terra fazeis; pois por nossa culpa não há razão que nenhum outro padeça, e seja a batalha entre mim e vós, e logo, se quiserdes, com tal que vossa gente assegure, e a nossa também, não se mover até ao fim dela.

– Assim seja – disse el rei Abiés.

E fez chamar dez cavaleiros, os melhores dos seus, e com outros dez que o Donzel do Mar deu, asseguraram em campo que por mal nem por bem que lhes acontecesse, não se moveriam. El rei Periom e Agrajes defendiam que a batalha não se fizesse até de manhã, porque o viam ferido, mas contrariá-lo não o conseguiram, porque ele desejava a batalha mais do que outra coisa. E isto era por duas cousas: uma, para defrontar aquele que tão louvado como melhor cavaleiro do mundo era; e a outra, porque se o vencesse, seria a guerra decidida, e poderia ir ver a sua senhora Oriana, que nela estava todo o seu coração e desejos.

CAPÍTULO IX

Como o Donzel do Mar fez batalha com el rei Abiés sobre a guerra que tinha com el rei Periom de Gaula

Concertada a batalha entre el rei Abiés e o Donzel do Mar, como haveis ouvido, os de uma parte e da outra, vendo que a maior parte do dia tinha passado, acordaram, contra a vontade de ambos, que para o outro dia ficasse, assim para preparar as suas armas como para remediar alguma coisa às feridas que tinham. E porque todas as gentes de ambas as partes estavam tão maltratadas e cansadas e desejavam um pouco de folgança para seu repouso, cada um recolheu à sua pousada. O Donzel do Mar entrou na vila com o rei Periom e Agrajes, e levava a cabeça desarmada, e todos diziam:

– Ai, bom cavaleiro, Deus te ajude e dê honra, e que possas acabar o que começaste! Ai, que formosura de cavaleiro! Neste é a cavalaria bem empregada, pois que sobre todos a mantém na sua grande altura!

E chegado ao palácio do rei, veio uma donzela, que disse ao Donzel do Mar:

– Senhor, a Rainha roga-vos que vos não desarmeis senão na vossa pousada, onde vos espera.

Isto foi por conselho do Rei, que disse:

– Amigo, ide à Rainha, e que vá convosco Agraes, que vos faça companhia.

Então foi-se o Rei para os seus aposentos e o Donzel do Mar e Agraes para os seus, onde encontraram a Rainha e muitas donas e donzelas, que os desarmaram. Mas não consentiu a Rainha que no Donzel do Mar nenhuma pusesse a mão senão ela, que o desarmou e cobriu com um manto. Nisto chegou el Rei e viu que o Donzel estava ferido, e disse:

– Por que não alongastes mais o prazo da batalha?

– Não havia mister – disse o Donzel –, que não é esta ferida por que deixe de a fazer.

Logo o curaram das chagas e lhes deram de cear. No outro dia veio de manhã a Rainha a eles com todas as suas damas e encontrou-os falando com o rei; e começou a missa, e uma vez dita, armou-se o Donzel do Mar não com aquelas armas que na lide do dia antes trouxera, que não ficaram tais que lhe pudessem aproveitar, mas de outras muito mais formosas e fortes; e despedido da Rainha e das donas e donzelas, cavalgou num cavalo fresco que à porta lhe tinham. E el Rei Periom lhe levava o elmo e Agraes o escudo e um cavaleiro ancião, que se chamava Agonão, que mui prezado fora em armas, a lança, que pela sua grande bondade passada, assim em esforço como em virtude, era o terceiro depois do rei e de filho de rei. E o escudo que levava tinha o campo de ouro e dois leões nele azuis, um contra o outro, como se se quisessem morder. E saindo pela porta da vila, viram el Rei Abiés sobre um grande cavalo negro, todo armado, sendo que ainda não atara o seu elmo. Os da vila e os da hoste todos se punham onde melhor a batalha pudessem ver, e o campo era já assinalado e o palanque feito com muitos cadafalsos em redor dele¹. Então ataram os seus elmos e tomaram os escudos. E el Rei Abiés pôs um escudo ao colo que tinha o campo azul e nele um gigante pintado e perto dele um cavaleiro que lhe cortava a cabeça: estas armas trazia

¹ Ou seja, o campo da lide estava delimitado por estacas, com uma espécie de bancadas para o público assistir.

porque combatera com um gigante que lhe entrava na sua terra e lha ermava² toda, e assim como a cabeça lhe cortou, assim a trazia figurada no seu escudo; e logo que ambos tomaram as suas armas, saíram todos do campo, encomendando a Deus cada um o seu; e eles se foram acometer sem nenhuma tardança a grande correr dos seus cavalos; como aqueles que eram de grande força e coração, aos primeiros golpes ficaram todas as suas armas torcidas, e quebrando as lanças, juntaram-se um com o outro assim os cavalos como eles tão bravamente que cada um caiu para o seu lado e todos pensaram que estavam mortos; e pedaços das lanças tinham metidos nos escudos de tal modo que os ferros chegavam às carnes; mas, como ambos fossem mui ligeiros e vivos de coração, depressa se levantaram e tiraram de si os pedaços das lanças, e deitando mão às espadas, acometeram-se tão bravamente que os que em redor estavam haviam espanto ao vê-los. Mas a batalha parecia desigual, não porque o Donzel do Mar não fosse bem feito e de altura razoável, mas porque el Rei Abiés era tão alto que nunca encontrou cavaleiro de que ele maior não fosse um palmo, e os seus membros não pareciam senão de um gigante; era mui amado pela sua gente e tinha em si todas as boas maneiras, salvo que era soberbo mais do que devia.

A batalha era entre eles tão cruel e tão intensa, sem os deixar folgar, e os golpes tão grandes que não pareciam senão de vinte cavaleiros. Eles cortavam os escudos, fazendo cair no campo grandes rachas, e amolgavam os elmos e desguarneciam os arneses. Assim que bem fazia conhecer um e o outro a sua força e o seu ardimento. E a sua grande força e bondade das espadas fizeram as suas armas tais que eram de pouca valia, de maneira que mais não faziam do que cortar nas suas carnes, que dos escudos não ficara com que cobrir-se ou amparar-se pudessem, e saía deles tanto sangue que sustentarem-se era maravilha; mas tão grande era o ardimento que consigo traziam que quase disso não se sentiam. Assim fizeram durar esta primeira batalha até à hora terça, que nunca neles se viu aparecer fraqueza ou cobardia, senão que com muito ânimo combatiam; mas o sol que lhes aquecia as armas pôs neles alguma fraqueza de cansaço, e nesta altura el Rei Abiés saiu um pouco fora e disse:

– Parai e endireitemos nossos elmos; e se quiserdes que algo folguemos, a nossa batalha não perderá tempo por isso; e como quer que eu te desame muito, prezo-te mais do que a qualquer outro cavaleiro com quem combati; mas de te eu prezar não te

² Deixava erma, destruía.

aproveita que não te faça mal, que mataste aquele que eu tanto amava, e pões-me em grande vergonha de me durar tanto esta batalha ante tantos homens bons.

O Donzel do Mar disse:

– Rei Abiés, disso tens vergonha e não de vir com grande soberba a fazer tanto mal a quem to não merece? Olha que os homens, especialmente os reis, não hão-de fazer o que podem mas o que devem; porque muitas vezes acontece que o dano e a força que aos que o não merecem querem fazer, no fim cai sobre eles e perdem tudo, e ainda por vezes a vida; e se agora querias que te deixasse folgar, assim o quiseram outros a quem tu, sem lho outorgares, muito oprimias; e para que sintas o que a eles fazias sentir, aparelha-te, que, por meu grado, não folgarás.

O Rei tomou a sua espada, e o resto do escudo, e disse:

– Por teu mal fazes este ardimento, que ele te mete neste laço do qual não sairás sem perder a cabeça.

– Agora mostra o teu poder – disse o Donzel do Mar –, que não folgarás até que a tua morte chegue ou a tua honra seja acabada.

E acometeram-se muito mais sanhudos do que antes, e tão bravos como se tivessem então começado a batalha e aquele dia não tivessem dado nenhum golpe. El rei Abiés, como mui destro fosse pelo grande uso das armas, combatia mui cordatamente, guardando-se dos golpes e ferindo onde mais podia danar. Mas as maravilhas que o Donzel do Mar fazia em andar ligeiro e acometedor e em dar mui duros golpes pôs em desconcerto todo o seu saber, e contra seu grado, não o podendo já aguentar, perdia o campo; e o Donzel do Mar acabou por lhe desfazer no braço todo o escudo, que nada dele lhe ficou, e cortava-lhe a carne por muitas partes, assim que lhe saía muito sangue e já não podia atacar, que a espada se lhe revirava na mão. E tanto ficou queixoso que, voltando quase as costas, andava buscando alguma guarida com o temor da espada, que tão cruelmente a sentia. Mas como viu que não tinha senão morte à frente, voltou a tomar a espada com ambas as mãos e foi contra o Donzel, cuidando feri-lo por cima do elmo, e ele alçou o escudo, onde recebeu o golpe, e a espada entrou tanto dentro dele que a não pôde tirar; e afastando-se, deu-lhe o Donzel do Mar a descoberto na perna esquerda tal golpe que metade dela foi cortada, e el Rei caiu estendido no campo. O Donzel foi sobre ele e tirando-lhe o elmo, disse-lhe:

– Morto és, rei Abiés, se não te outorgas por vencido.

Ele disse:

– Verdadeiramente morto sou, mas não vencido; e bem creio que me matou a minha soberba; e rogo-te que assegures que os meus homens nenhum dano recebam e levar-me-ão para a minha terra; e eu perdoo-te a ti e aos que quero mal, e mando entregar a el rei Periom quanto lhe tomei; e rogo-te que me faças trazer a confissão, que morto sou.

O Donzel do Mar, quando isto ouviu, houve dele grande dó à maravilha, mas bem sabia que não lho teria tido o outro dele, se mais pudesse. Tudo isto passado, como haveis ouvido, juntaram-se todos os da hoste e os da vila, que já eram todos seguros. E el Rei Abiés mandou dar a el rei Periom quanto lhe tomara, e ele assegurou toda a sua gente até que o levassem para a sua terra; e recebidos todos os sacramentos da santa Igreja, el rei Abiés saiu-lhe a alma, e os seus vassallos o levaram para a sua terra com grandes prantos que por ele faziam.

Aclamado o Donzel do Mar pelo rei Periom e Agrajes e por toda a sua gente, e retirado do campo de batalha com aquela glória que os vencedores em tais circunstâncias costumam ganhar, não somente pela honra mas pela restituição de um reino a quem perdido o tinha, vão-se todos à vila. E a Donzela da Dinamarca, que da parte de Oriana a ele vinha, como já se vos disse, chegara ali ao tempo em que a batalha começou; e como viu que com tanta honra a acabara, chegou-se a ele e disse-lhe:

– Donzel do Mar, vinde falar comigo à parte e dir-vos-ei de vossa fazenda mais do que vós sabeis.

Ele recebeu-a bem e afastou-se com ela indo pelo campo, e a Donzela disse-lhe:

– Oriana, vossa amiga, me envia a vós, e dou-vos da sua parte esta carta em que o vosso nome está escrito.

Ele tomou a carta, mas não entendeu nada do que ela disse, de tal modo ficou alterado quando ouviu mencionar a sua senhora; antes lhe caiu a carta das mãos e ficou debruçado na cerviz do cavalo, e estava como que fora do seu sentido. A donzela pediu a carta que no campo estava a um dos tinham ficado a olhar a batalha, e voltou para ele, estando todos a olhar o que acontecera e maravilhando-se como assim se havia turbado o Donzel com as novas da donzela; e quando ela chegou, disse-lhe:

– Que é isso, senhor? Tão mal recebeis mandado da mais alta donzela do mundo, daquela que vos muito ama e me fez sofrer tanto afã para vos encontrar?

– Amiga – disse ele –, não entendi o que me haveis dito com este mal que me ocorreu, como já outra vez ante vós me aconteceu.

A donzela disse:

– Senhor, não há mister segredos comigo, que eu sei mais da vossa fazenda e da de minha senhora que vós pensais, que ela assim o quis; e digo-vos que, se a amais, que não fazeis torto, que ela vos ama tanto que de ligeiro não se poderia contar; e sabeis que a levaram a casa de seu pai e envia-vos dizer que tanto que desta guerra vos partirdes, que vades à Grã Bretanha e procureis morar com seu pai até que ela vos mande; e diz-vos que sabe como sois filho de rei, e que não fica ela, por isso, menos alegre que vós; e que pois que não conhecendo vossa linhagem éreis tão bom, que trabalheis para o ser agora muito melhor.

E então lhe deu a carta, e disse-lhe:

– Eis aqui esta carta em que está escrito o vosso nome; e esta levastes ao colo quando vos deitaram ao mar.

Ele tomou-a e disse:

– Ai carta, como foste bem guardada por aquela senhora cujo é meu coração, por aquela por quem eu muitas vezes ao ponto da morte fui chegado; mas se dores e angústias por sua causa houve, em muito mais alegria sou satisfeito! Ai, Deus, senhor, e quando verei eu o tempo em que servir possa aquela senhora por esta mercê que me faz?!

E lendo a carta, conheceu por ela que o seu verdadeiro nome era Amadis. A donzela disse-lhe:

– Senhor, eu quero voltar logo para minha senhora, pois que executei o seu mandado.

– Ai, donzela – disse o Donzel do Mar – por Deus! Folgai aqui até ao terceiro dia¹, e de mim não vos partais por nenhuma guisa, e eu vos levarei onde vos prouguer.

– A vós vim – disse a donzela – e não farei al senão o que mandardes.

Assim foram até ao paço e encontraram na câmara do Donzel do Mar a Rainha com todas as suas donas e donzelas fazendo mui grande alegria, e nos braços delas foi assim tirado do seu cavalo e desarmado pelas mãos da Rainha. E vieram mestres que o curaram das feridas, e ainda que muitas fossem, não havia nenhuma que muito cuidado lhe desse. O Rei quisera que ele e Agraes comessem com ele, mas ele não quis senão

¹ Os vencedores guardavam e festejavam em campo durante três dias.

com a donzela para a honrar, que bem via que ela poderia remediar grande parte das suas angústias. Assim folgou alguns dias com grande prazer, em especial com as boas novas que lhe tinham vindo, tanto que nem o trabalho passado, nem as chagas presentes não o impediram que se levantasse e andasse numa sala sempre falando com a donzela, que ele retinha de forma que não partisse até que ele pudesse tomar armas e levá-la. Mas um caso maravilhoso que na altura aconteceu foi causa que, tardando ele alguns dias, a donzela sozinha se fosse, como agora ouvireis.

CAPÍTULO X

Como o Donzel do Mar foi conhecido pelo rei Periom, seu pai, e por sua mãe Elisena.

No princípio já se contou como o rei Periom deu à rainha Elisena, sendo sua amiga, um de dois anéis iguais que ele trazia na mão, que um do outro não se podiam diferenciar, e como ao tempo em que o Donzel do Mar foi deitado ao rio na arca levou ao pescoço aquele anel, e como depois lhe foi dado, com a espada, pelo seu amo Gandales. E o rei Periom havia perguntado algumas vezes à Rainha pelo anel, e ela, com vergonha de ele saber onde o pusera, dizia-lhe que o tinha perdido. Pois aconteceu que, passando o Donzel do Mar por uma sala falando com a sua donzela, viu Milícia, filha do Rei, pequena, que estava chorando, e perguntou-lhe o que tinha. A menina disse:

– Senhor, perdi um anel que o Rei me deu a guardar enquanto dorme.

– Pois eu vos darei outro – disse ele – tão bom ou melhor para lhe dares.

Então tirou do seu dedo um anel e deu-lho. Ela disse:

– Este é o que eu perdi.

– Não é – disse ele.

– Pois é o anel do mundo que mais se parece com ele – disse a menina

– Por isso é melhor – disse o Donzel do Mar – que em lugar do outro lho deis.

E deixando-a foi-se com a donzela até à sua câmara e deitou-se num leito e ela noutro que ali havia. O Rei acordou e pediu à filha que lhe desse o anel, e ela deu-lhe aquele que tinha. Ele meteu-o no dedo crendo que fosse o seu, mas viu jazer no fundo da câmara o outro que a sua filha tinha perdido, e apanhando-o, juntou-o com o outro e viu que era o que ele havia dado à Rainha, e disse à menina:

– Que aconteceu com este anel?

Ela, que muito o temia, disse:

– Por Deus, senhor, perdi o vosso, e passou por aqui o Donzel do Mar, e como viu que eu chorava deu-me esse que ele trazia e eu pensei que era o vosso.

O Rei teve suspeitas da Rainha, que a grande bondade do Donzel do Mar, juntamente com a sua mui demasiada formosura lhe tivessem dado algum pensamento indevido, e tomando a sua espada entrou na câmara da Rainha e, fechada a porta, disse:

– Dona, vós me negastes sempre o anel que eu vos havia dado, e o Donzel do Mar deu-o agora a Melícia; como pode ser isto que vedes aqui? Dizei-me de que maneira o houve, e se me mentis, a vossa cabeça o pagará.

A Rainha, que mui irado o viu, caiu a seus pés e disse-lhe:

– Ai, senhor, por Deus, mercê! Pois de mim suspeitais, agora vos direi minha coita, que até aqui vos neguei.

Então começou a chorar mui fortemente, batendo com as mãos no rosto, e disse como deitara o seu filho ao rio e que levava consigo a espada e aquele anel.

– Por Santa Maria! – disse o rei – Eu creio que este é nosso filho.

A Rainha estendeu as mãos, dizendo:

– Assim prouguesse ao Senhor do mundo!

– Vamo-nos agora lá, eu e vós – disse o Rei – e perguntemos-lhe de sua fazenda.

Logo foram ambos sozinhos à câmara onde ele estava e encontraram-no dormindo mui sossegadamente, e a Rainha não fazia senão chorar pela suspeita que tão injustamente dela se fazia. Mas o rei tomou a espada na mão, que à cabeceira da cama estava posta, e olhando-a, reconheceu-a logo como aquele que com ela muitos e bons golpes dera, e disse à Rainha:

– Por Deus, esta espada conheço eu bem, e agora acredito mais no que me dissestes.

– Ai, senhor – disse a Rainha – não o deixemos mais dormir, que o meu coração muito se queixa.

E dirigiu-se a ele, e agarrando-lhe a mão, puxou-o um pouco para si dizendo:

– Amigo senhor, acorrei-me nesta aflição e angústia em que estou.

Ele acordou e viu-a mui fortemente a chorar e disse:

– Senhora, que é isso que haveis? Se o meu serviço pode em algo remediar, mandai-mo, que até à morte se cumprirá.

– Ai, amigo – disse a rainha – pois agora acorrei-nos com a vossa palavra em dizer cujo filho sois.

– Assim Deus me ajude – disse ele – não o sei, que eu fui encontrado no mar por grande ventura.

A Rainha caiu a seus pés toda turvada e ele ajoelhou-se ante ela e disse:

– Ai, Deus! Que é isto?

E ela disse chorando:

– Filho, vês aqui o teu pai e a tua mãe.

Quando ele isto ouviu, disse:

– Santa Maria! Que será isto que ouço?

A Rainha, tomando-o nos braços, voltou-se e disse:

– É, filho, que quis Deus em sua mercê que recobrássemos aquele erro que por grande medo eu fiz; e, meu filho, eu como má mãe vos deitei ao mar, e aqui vedes o Rei que vos engendrou.

Então caiu de joelhos e beijou-lhes as mãos com muitas lágrimas de prazer, dando graças a Deus por assim o ter tirado de tantos perigos para no fim lhe dar tanta honra e boa ventura com tal pai e mãe. A Rainha disse:

– Filho, sabeis vós se haveis outro nome sem ser este?

– Senhora, sim, sei – disse ele – que ao partir-me da batalha me deu a donzela uma carta que levei envolta em cera quando ao mar fui lançado, em que diz chamar-me Amadis.

Então, tirando-a do seu seio, deu-lha, e viram como era a mesma que Darioleta tinha escrito de sua mão, e disse:

– Meu amado filho, quando esta carta foi escrita, estava eu em toda a coita e dor, e agora estou em toda a folgança e alegria; bendito seja Deus! E daqui em diante chamai-vos por este nome.

– Assim o farei – disse ele.

E foi chamado Amadis, e em outras muitas partes Amadis de Gaula. O prazer que Agrajes, seu primo, teve com estas novas, e todos os outros do reino, seria escusado dizer, que encontrando os filhos perdidos, ainda que arrevesados e mal

acostumados sejam, recebem os pais e parentes consolação e alegria. Pois olhai o que podia ser com ele, que em todo o mundo era um claro e luminoso espelho.

Assim que, deixando de falar mais disto, contaremos o que depois aconteceu.

CAPÍTULO XI¹

Como o gigante levou Galaor a ser armado cavaleiro pela mão do rei Lisuarte, o qual armou cavaleiro muito honradamente Amadis.

D. Galaor estando com o gigante, como vos contámos, aprendendo a cavalgar e a esgrimir e todas as outras cousas que convinham a um cavaleiro, sendo ele já muito dextro, e cumprido o ano que o gigante lhe pusera por prazo, disse-lhe:

– Pai, agora rogo-vos que me façais cavaleiro, pois eu acatei o que mandaste.

O gigante, que viu ser já tempo, disse-lhe:

– Filho, apraz-me fazê-lo, e dissei-me quem é de vossa vontade que o faça.

– O rei Lisuarte – disse ele – de quem tanta fama corre.

– Eu vos levarei lá – disse o gigante.

E ao terceiro dia, tendo todo o equipamento, partiram dali e seguiram o seu caminho; e ao quinto dia chegaram perto de um castelo muito forte que estava sobre água salgada, e o castelo tinha o nome de Bradoíde e era o mais formoso que havia em toda aquela terra, e estava assente num alto penhasco, e de uma parte corria aquela água e da outra havia um grande tremedal²; e da parte da água não podiam entrar senão por barca, e em frente do tremedal havia uma calçada tão ampla que podia ir uma carruagem e outra vir, mas à entrada do tremedal havia uma ponte estreita e levadiça, e quando a alçavam, ficava a água muito profunda. E à entrada da ponte estavam dois olmos altos, e o gigante e Galaor viram debaixo deles duas donzelas e um escudeiro, e viram um cavaleiro armado sobre um cavalo branco com umas armas de leões; e chegara à ponte que estava alçada e não podia passar, e dava vozes aos do castelo. Galaor disse ao gigante:

– Se vos aprouver, vejamos o que fará aquele cavaleiro.

E não tardou muito que vieram de junto do castelo no cabo da ponte dois cavaleiros armados e dez peões sem armas, e perguntaram ao cavaleiro o que queria.

¹ Capítulo traduzido por Joana Maria Lima de Oliveira

² Mantive o termo castelhano, que designará certamente areias movediças.

– Queria – disse ele – entrar ali.

– Isso não pode ser – disseram eles -, se não combaterdes connosco.

– Pois por al não pode ser – disse ele -, fazei baixar a ponte e vinde para a luta.

Os cavaleiros fizeram com que os peões a baixassem, e um deles deixou-se correr ao que levava a lança baixa, com o cavalo tão rápido quanto levá-lo pôde. E o das armas dos leões moveu-se contra ele, e feriram-se ambos bravamente; o cavaleiro do castelo quebrou a sua lança e o outro feriu-o tão duramente que o deitou por terra, e o cavalo em cima dele; e foi para o outro que entrava na ponte, e juntaram-se ambos dos corpos dos cavalos de tal modo que as lanças falharam os encontros, e o de fora foi tão fortemente de encontro ao do castelo que o derrubou a ele e ao cavalo para a água e o cavaleiro foi logo morto; e ele atravessou a ponte, e foi indo em direcção ao castelo, e os vilões alcançaram a ponte, e as donzelas de fora davam-lhe vozes que lhe estavam a levantar a ponte, e ele, que se virava para eles, viu vir contra si três cavaleiros muito bem armados, que lhe disseram:

– Em mau ponto cá passastes, ca vos convirá morrer na água como morre o que vale mais do que vós.

E deitaram-se os três a correr contra ele, e feriram-no tão bravamente que fizeram o seu cavalo ajoelhar-se e quase cair, e quebraram as lanças e caiu ferido pelos dois, mas ele feriu um deles de maneira que a armadura que trazia não lhe aproveitou, que a lança entrou nele por um costado e saiu pelo outro o ferro com um pedaço da haste; e meteu a mão à espada mui bravamente e foi ferir os dois cavaleiros, e eles a ele, e começaram entre si uma perigosa batalha; mas o das armas dos leões, que se temia da morte, lutou para se livrar deles e deu a um tal golpe de espada no seu braço direito que o fez cair por terra com a espada; e começou a fugir contra o castelo, dizendo em grandes vozes:

– Acorrei, amigos, que matam o vosso senhor.

E quando o dos dois leões ouviu dizer que aquele era o senhor, esforçou-se mais por vencê-lo, e deu-lhe um tal golpe por cima do elmo, que lhe meteu a espada na carne, de que o cavaleiro ficou tão desarmado que perdera as estribeiras e caíra se não se abraçasse ao pescoço do cavalo; e tomou-o pelo elmo e sacou-lho da cabeça, e o cavaleiro quis fugir mas viu que o outro estava entre ele e o castelo.

– Morto sois – disse o dos leões – se por preso não vos outorgais.

E ele, que teve grande medo da espada que já sentira na cabeça, disse:

– Ai, bom cavaleiro, mercê, não me mateis; tomai a minha espada e outorgo-me por

preso.

Mas o dos leões, que viu sair cavaleiros e peões armados do castelo, tomou-o pelo brocal do escudo e pôs-lhe a ponta da espada no rosto e disse:

– Mandai àqueles que voltem; senão matar-vos-ei.

Ele deu-lhes grandes vozes para que voltassem se queriam a sua vida; eles vendo o seu grande perigo assim o fizeram; e disse-lhe ainda:

– Fazei com que os peões baixem a ponte.

E logo o mandou. Então tomou-o consigo e passou a ponte com ele; e o do castelo, que viu as donzelas, conheceu uma, que era Urganda a Desconhecida, e disse:

– Ai, senhor cavaleiro, se não me amparais daquela donzela, morto sou!

– Que Deus me ajude – disse ele –, isso não farei eu; antes farei de vós o que ela mandar.

Então disse a Urganda:

– Vedes aqui o cavaleiro senhor do castelo; o que quereis que lhe faça?

– Cortai-lhe a cabeça, se vos não der o meu amigo que ali tem preso no castelo e se não me entregar a donzela que o fez prender.

– Assim seja – disse ele.

E alçou a espada para o assustar; mas o cavaleiro disse:

– Ai, bom senhor, não me mateis; eu farei quanto ela manda!

– Pois seja logo – disse ele – sem mais tardar.

Então chamou um dos peões e disse-lhe:

– Vai ver o meu irmão e diz-lhe, se me quer ver vivo, que traga logo o cavaleiro que ali está e a donzela que o trouxe.

Isto foi logo feito; e vindo o dos leões, disse-lhe:

– Cavaleiro, vedes ali a vossa amiga, amai-a, que muito afã passou para vos tirar da prisão.

– Sim, amo-a – disse ele – mais do que nunca.

Urganda foi-o abraçar, e ele a ela.

– Pois o que fareis da donzela? – disse o cavaleiro dos leões.

– Matá-la – disse Urganda -, que muito por ela sofri.

E fez um encantamento de maneira que ela, tremendo, se ia a meter na água.

Mas o cavaleiro disse:

– Senhora, por Deus, não morra esta donzela, pois por mim foi presa

– Eu a deixarei desta vez por vós, mas se me errar, tudo pagará por junto.

O senhor do castelo disse:

– Senhor, pois cumpri o que mandaste, libertai-me de Urganda.

Ela disse-lhe:

– Eu livro-vos pela honra deste que vos venceu.

O dos leões perguntou à donzela por que, por sua vontade, se metia na água.

– Senhor – disse ela -, parecia-me que tinha em cada parte uma tocha ardendo que me queimava, e queria com a água salvar-me.

Ele começou a rir e disse:

– Por Deus, donzela, grande loucura é a vossa em agir contra quem tão bem pode vingar-se.

Galaor, que tudo vira, disse ao gigante:

– Este quero que me faça cavaleiro; que se o rei Lisuarte é tão reputado, será pela sua grandeza, mas este cavaleiro merece-o pelo seu grande esforço.

– Pois chegai-vos a ele – disse o gigante -, e se não o fizer, será por seu dano.

Galaor foi até onde o das armas dos leões estava sob os olmos, e em sua companhia levava quatro escudeiros e duas donzelas; e quando chegou saudaram-se ambos e Galaor disse:

– Senhor cavaleiro, peço-vos um dom.

Ele, que o viu mais formoso do que qualquer outro que tivesse visto, tomou-o pela mão e disse:

– Seja com direito e eu vo-lo outorgo.

– Pois rogo-vos por cortesia que me façais cavaleiro sem mais tardar, e deixarei de ir ao rei Lisuarte para onde agora ia.

– Amigo – disse ele -, grande desvario farias em deixar para tal honra o melhor rei do mundo e tomar um pobre cavaleiro como eu.

– Senhor – disse Galaor – a grandeza do rei Lisuarte não me dará a mim esforço assim como o fará a vossa grande valentia que aqui vos vi fazer. E cumpri o que me prometestes.

– Bom escudeiro – disse ele -, de qualquer outra coisa que pedirdes serei eu muito mais contente do que disso que a mim não cabe nem é honra para vós.

Nessa ocasião, Urganda chegou-se a eles, como se não tivesse ouvido nada, e disse:

– Senhor, que vos parece este donzel?

– Parece-me – disse ele – o mais formoso que já vi, e pede-me um dom que nem a ele nem a mim convém.

– E o que é? – disse ela.

– Que o faça cavaleiro – disse ele -, estando a caminho para o ir pedir ao rei Lisuarte.

– Por certo – disse Urganda -, deixar ele de ser cavaleiro lhe causaria maior dano que proveito; e a ele digo que não vos quite do dom e a vós que o cumprais. E digo-vos que a cavalaria será nele melhor empregue que em nenhum de quantos agora há em todas as ilhas do mar fora, excepto uma só.

– Pois que assim é – disse ele -, seja em nome de Deus, e agora vamos a alguma igreja para fazer a vigília.

– Não é necessário – disse Galaor -, que já hoje ouvi missa e vi o verdadeiro Corpo de Deus.

– Isto basta – disse o dos leões.

E pondo-lhe a espada direita e beijando-o, disse-lhe:

– Agora sois cavaleiro, e tomai a espada de quem vos mais agradar.

– Vós ma dareis – disse Galaor -, que de outro nenhum a tomaria a meu grado.

E chamou um escudeiro para que trouxesse uma espada que tinha na mão. Mas Urganda disse:

– Não vos dará essa, mas aquela que está pendurada nesta árvore, com a qual sereis mais alegre.

Então olharam todos para a árvore e não viram nada. Ela começou a rir com vontade e disse:

– Por Deus, bem há dez anos que ali está, que nunca a viu ninguém que por aqui passasse, e agora vê-la-ão todos.

E tornando a olhar, viram a espada pendurada de um ramo da árvore; e parecia muito formosa, e tão nova como se tivesse então sido lá posta, e a bainha muito ricamente trabalhada a seda e ouro. O das armas dos leões tomou-a e entregou-a a Galaor dizendo:

– Tão formosa espada convinha a tão formoso cavaleiro, e decerto que não vos desama quem tanto tempo vo-la guardou.

Galaor ficou com ela muito contente e disse ao das armas dos leões:

– Senhor, a mim convém-me ir a um lugar que não posso escusar. Muito desejo a

vossa companhia mais do que a de qualquer outro cavaleiro, se vos aprouver, e dissei-me onde vos encontrarei.

– Em casa do rei Lisuarte – disse ele –, onde ficarei contente de vos ver, porque é razão de ali ir porque sou cavaleiro há pouco e tenho de em tal casa ganhar alguma honra, como vós.

Galaor foi disto alegre e disse a Urganda:

– Senhora donzela, muito vos agradeço esta espada que me destes; tende-me como vosso cavaleiro.

E despedido deles, voltou para onde deixara o gigante que escondido ficara na ribeira de um rio.

No meio tempo em que isto se passou, falava uma donzela de Galaor com a outra de Urganda, e dela soube como aquele cavaleiro era Amadis de Gaula, filho do rei Periom, e como Urganda, sua senhora, o fizera vir ali para que o seu amigo daquele castelo tirasse pela força das armas, que o seu grande saber não lhe aproveitava para isso, porque a senhora do castelo, que daquela arte muito sabia, o tinha primeiro encantado, e não temendo o poder de Urganda, quisera assegurar-se pela força das armas com aquele costume que o cavaleiro dos leões venceu e atravessou a ponte, como vos foi contado; e por isto tinham ali o seu amigo, que ali trouxera uma donzela sobrinha da senhora do castelo, aquela que ouvistes que na água se queria afogar. Assim ficaram Urganda e o cavaleiro falando uma parte daquele dia, e ela disse-lhe:

– Bom cavaleiro, não sabeis a quem armaste cavaleiro?

– Não – disse ele.

– Pois razão é que o saibais, que ele é de tal coração como vós, que se vos topásseis não vos conhecendo, seria grande má ventura. Sabei que é filho de vosso pai e mãe, e este é o que o gigante tomou quando era criança de dois anos e meio, e é tão grande e formoso como agora vedes; e pelo vosso e seu amor guardei tanto tempo aquela espada; e digo-vos que fará com ela o melhor começo de cavalaria que nunca fez um cavaleiro da Grã Bretanha.

A Amadis encheram-se os olhos de água, de prazer, e disse:

– Ai, senhora, dissei-me onde o encontrarei.

– Agora não há mister que o busqueis – disse ela –, que todavia convém que se passe o que está ordenado.

– Pois poderei vê-lo em breve?

– Sim – disse ela -, mas não vos será tão fácil de conhecer como pensais.

Ele deixou de perguntar mais por ele, e ela, com o seu amigo, foi-se ao seu caminho; e Amadis, com o seu escudeiro, por outro caminho, com intenção de ir a Vindilisora, onde estava na altura o rei Lisuarte.

Galaor chegou onde estava o gigante e disse-lhe:

– Pai, eu sou cavaleiro, louvores a Deus e ao bom cavaleiro que o fez.

Disse ele:

– Filho, com isso fico eu muito alegre e peço-vos um dom.

– Muito de grado o outorgo – disse ele –, conquanto que não seja estorvo para eu ir a ganhar honra.

– Filho – disse o gigante – antes, se Deus quiser, será em grande acrescentamento dela.

– Pois pedi – disse ele – que eu o outorgo.

– Filho – disse ele -, algumas vezes me ouviste dizer como Aldabão, o gigante, matou à traição o meu pai e lhe tomou a Penha de Galtares que deve ser minha. Peço-vos que me deis direito dele, que nenhum outro como vós mo pode dar; e lembrai-vos da criança que em vós fiz¹ e de como eu daria o meu corpo à morte pelo vosso amor.

– Esse dom – disse Galaor – não é para o pedirdes vós a mim; antes vos peço eu que me outorgueis essa batalha, pois tanto vos cumpre; e se dela sair vivo, todas as outras cousas que sejam em vossa maior honra e proveito, até que esta vida pague aquela grande dívida que vos deve, eu estou preparado para o fazer, e vamos logo para lá.

– Em nome de Deus – disse o gigante.

Então entraram no caminho da Penha de Galtares e não andaram muito que encontraram Urganda a Desconhecida e saudaram-se cortesmente; e disse a Galaor:

– Sabeis quem vos fez cavaleiro?

– Sim – disse ele -, o melhor cavaleiro de que nunca ouvi falar.

– É verdade – disse ela -, e vale mais do que pensais, e quero que saibais quem é.

Então chamou Gandalaz o gigante, e disse:

– Gandalaz, não sabes tu que este cavaleiro que criaste é filho do rei de Periom e da rainha Elisena, e pelas palavras que eu te disse o tomaste e criaste?

– É verdade – disse ele.

Então disse a Galaor:

¹ Ou seja, como vos criei.

– Meu amado filho, sabeis que aquele que vos fez cavaleiro é vosso irmão e é mais velho do que vós dois anos, e quando fordes até ele, honrai-o como ao maior cavaleiro do mundo e lutai para lhe serdes semelhante em ardimento e bom talante.

– É verdade – disse Galaor – que o rei Periom é meu pai e a rainha Elisena minha mãe, e que eu sou irmão daquele tão bom cavaleiro?

– Sem falta – disse ela – és.

– A Deus mercê! – disse ele. Agora vos digo que sou posto em muito maior cuidado do que antes e a vida em maior perigo, pois me convém ser tal como esse que vós, donzela, dizeis; e assim eles como todos os outros com razão o devem crer.

Urganda despediu-se deles, e o gigante e Galaor tomaram o seu caminho como dantes; e perguntando Galaor ao gigante quem era aquela tão sabedora donzela e ele contando-lhe que era Urganda a Desconhecida, e que se chamava assim porque muitas vezes se transformava e desconhecia, chegaram a uma ribeira; e por estar grande calor acordaram em descansar numa tenda que armaram; e não tardou que viram vir uma donzela por um caminho, e outra por outro, assim que se juntaram perto da tenda; e quando viram o gigante quiseram fugir, mas D. Galaor saiu a elas e fê-las voltar, sossegando-as, e perguntou onde iam. Uma disse-lhe:

– Vou por mandado de uma minha senhora ver uma batalha muito estranha de um só cavaleiro que há-de combater com o forte gigante de Penha de Galtares, para que lhe leve novas dela.

A outra donzela disse:

– Maravilho-me que digais que haja cavaleiro que tão grande loucura ousasse cometer; e embora o meu caminho seja para outra parte, quero ir convosco para ver coisa tão fora de razão.

Indo-se elas, disse-lhes Galaor:

– Donzelas, não vos canseis lá chegar, que nós vamos ver essa batalha, e vinde em nossa companhia.

Elas prometeram-lho e muito folgavam de o ver tão formoso cavaleiro com aqueles panos de cavaleiro novel, que muito mais aposto o faziam; e todos juntos ali comeram e folgaram; e Galaor sacou à parte o gigante e disse-lhe:

– Pai, a mim prazer-me-ia muito que me deixeis ir fazer a minha batalha, e sem vós chegarei mais depressa.

Isto dizia ele para que não soubessem que ele era o que havia de a fazer e que não

suspeitassem que com o seu esforço queria cometer tão grande coisa. O gigante outorgou-lho contra a sua vontade, e Galaor armou-se e fez-se ao caminho, e ambas as donzelas com ele, e três escudeiros do gigante que mandou ir com ele, que levavam as armas e o que era necessário; e assim andou tanto que chegou a duas léguas da Penha de Galtres, e ali pernitoou em casa de um ermitão; e, sabendo que era de ordem, confessou-se a ele. E quando lhe disse que ia fazer aquela batalha, ficou muito espantado e disse-lhe:

– Quem vos põe em tão grande loucura como esta, que em toda esta comarca não há tais dez cavaleiros que a ousassem cometer, tão bravo e espantoso é e sem nenhuma mercê? E vós, sendo de tal idade, pôr-vos em tal perigo, quereis perder o corpo e também a alma, visto que aqueles que conhecidamente se dão à morte, podendo escusá-lo, eles mesmos se matam.

– Pai – disse D. Galaor -, Deus fará em mim a sua vontade, mas não deixarei a batalha de maneira nenhuma.

O bom homem começou a chorar, e disse-lhe:

– Filho, Deus vos acorra e esforce, pois não quereis fazer outra coisa, e praz-me falar-vos de boa vida.

E Galaor lhe rogou que rogasse a Deus por ele. Ali aposentaram aquela noite, e no outro dia, tendo ouvido missa, armou-se Galaor e foi para a Penha que diante de si via muito alta e com muitas torres fortes, que faziam o castelo parecer muito formoso à maravilha. As donzelas perguntaram a Galaor se conhecia o cavaleiro que havia de fazer a batalha. Ele disse-lhes:

– Creio que já o vi.

Galaor perguntou à donzela que vinha da parte de sua senhora ver a batalha que lhe dissesse quem era.

– Isto não pode saber outro senão o cavaleiro que há-de combater.

E falando nisto chegaram ao castelo, e encontraram a porta fechada. Galaor chamou, e apareceram dois homens em cima da porta, e disse-lhes:

– Dizei a Albadão que está aqui um cavaleiro de Gandalaz, que vem combater com ele, e se tardar, não sairá nem entrará homem que eu não mate, se puder.

Os homens riram-se e disseram:

– Este rancor durará pouco, porque ou tu fugirás ou perderás a cabeça.

E foram-no dizer ao gigante; e as donzelas chegaram-se a Galaor e disseram:

– Senhor amigo, sois vós o lidador desta batalha?

– Sim – disse ele.

– Ai, senhor! – disseram elas -, Deus vos ajude e vo-lo deixe acabar com a vossa honra, que grande feito começais; e ficai em boa hora, que não ousaremos esperar pelo gigante.

– Amigas, não temais e vede ao que viestes ou tornai a casa do ermitão, que eu aí irei ter, se aqui não morrer.

Uma disse:

– Qualquer mal que venha, ver o quero porque vim.

Então, afastando-se do castelo, meteram-se na beira de uma floresta, de onde esperavam fugir se mal acontecesse ao cavaleiro.

CAPÍTULO XII¹

Como Galaor combateu com o grande gigante senhor da Penha de Galatares e o venceu e matou.

Chegaram as notícias ao gigante, e não tardou muito que logo saiu num cavalo, sobre o qual parecia tão grande coisa que não havia homem no mundo que ousasse olhá-lo; e trazia umas folhas de ferro tão grandes, que o cobriam desde a garganta até à cintura e um grande e muito claro elmo, e uma grande maça de ferro muito pesada com a qual feria. Ficaram muito espantados os escudeiros e as donzelas por o ver, e Galaor não era tão esforçado que então não tivesse muito medo. Mas quanto mais se aproximava dele mais o perdia. O gigante disse-lhe:

– Infeliz cavaleiro, como ousas esperar a tua morte, que não mais te verá o que aqui te enviou? E aguarda e verás como sei ferir com a maça.

Galaor ficou sanhudo e disse:

– Diabo, tu serás vencido e morto com o que trago em minha ajuda, que é Deus e a razão.

O gigante foi contra ele, que não parecia senão uma torre. Galaor foi-se a ele com a sua lança baixa e ao melhor correr do seu cavalo e atingiu-o no peito com tal força que lhe fez perder a estribeira e quebrou a lança; o gigante levantou a maça para o

¹ Capítulo traduzido por Lina Maria Reis Pereira

ferir na cabeça mas Galaor passou tão depressa que não o alcançou senão no brocal do escudo; e quebrando os braçais e o tiracolo fê-lo cair em terra, e por pouco Galaor teria caído com ele; mas o golpe dado foi tão forte que o braço não pôde suste a maça, e bateu na cabeça do seu próprio cavalo, e assim o derrubou morto, ficando ele por baixo; e querendo-se levantar, saindo debaixo dele com grande dificuldade, chegou Galaor e deu-lhe no peito do cavalo e passou sobre ele bem duas vezes antes que se levantasse; e na hora tropeçou o cavalo de Galaor no do gigante e foi cair do outro lado. Galaor saiu logo dele, que se via em aventura de morte, e deitou mão à espada que Urganda lhe dera; e deixando-se ir ao gigante que apanhava a maça do chão, deu-lhe com a espada no pau dela, cortando-o todo, que não ficou senão um pedaço que lhe ficou na mão; e com aquele pedaço o feriu o gigante com um tal golpe em cima do elmo que o fez pôr uma mão em terra, porque a maça era forte e pesada, e quem feria tinha muita força, e o elmo torceu-se-lhe na cabeça; mas ele, como fosse mui ligeiro e de coração vivo, levantou-se logo e voltou ao gigante, o qual o quis ferir outra vez, mas Galaor, que manhoso e ligeiro andava, guardando-se do golpe, deu-lhe no braço com a espada tal ferida que lho cortou até ao ombro, e descendo a espada à perna lhe cortou cerca de metade. O gigante gritou e disse:

– Ai, cativo! Escarnecido sou por um homem só!

E quis abraçar Galaor com grande fúria, mas não pôde ir adiante por causa da grande ferida da perna e sentou-se no chão. Galaor tornou a feri-lo, e como o gigante estendeu a mão para o travar, deu-lhe um golpe que lhe fez cair os dedos em terra com a metade da mão; e o gigante, que para o travar se tinha esticado muito, caiu e Galaor foi para cima dele e matou-o com a sua espada e cortou-lhe a cabeça. Então vieram a ele os escudeiros e as donzelas e Galaor mandou aos escudeiros que levassem a cabeça ao seu senhor; eles ficaram contentes e disseram:

– Por Deus, senhor, ele fez em vós boa criação, que vós ganhaste a honra e a vingança e o proveito.

Galaor montou num cavalo dos escudeiros e viu sair do castelo dez cavaleiros metidos numa corrente que lhe disseram:

– Vinde tomar o castelo, que vós matastes o gigante e nós os que o guardavam.

Galaor disse às donzelas:

– Senhoras, fiquemos aqui esta noite.

Elas disseram que lhes prazia. Então fez retirar a corrente aos cavaleiros e

acolheram-se todos ao castelo, onde havia formosas casas; e numa delas se desarmou e lhe deram de comer e a suas donzelas com ele. Assim folgaram ali com grande prazer, olhando aquela grande força de torres e muros que tão grandiosas lhes pareciam. Ao outro dia, ali se reuniram todos os das terras em redor, e Galaor saiu a eles e eles receberam-no com grande alegria, dizendo-lhe que, pois ele ganhara aquele castelo matando o gigante que por força e grande violência neles mandava, que a ele queriam por senhor. Ele agradeceu-lhes muito. Mas disse-lhes que já sabiam como aquela terra era por direito de Gandalaz, e que se ele, como seu criado, tinha ali vindo para a ganhar para ele, que lhe obedecessem por senhor como eram obrigados e ele os trataria mansa e honradamente.

– Ele seja bem-vindo – disseram eles – que, como nosso natural e como coisa sua própria cuidará de nos fazer bem, que este outro que mataste como alheios e estranhos nos tratava

Galaor recebeu menagem de dois cavaleiros, os que mais honrados lhe pareceram, para que, vindo Gandalaz, lhe entregassem o castelo; e tomando suas armas e as donzelas e um escudeiro dos dois que ali trouxe, entrou no caminho da casa do ermitão; e ali chegado, o homem bom alegrou-se muito com ele e disse-lhe:

– Filho bem-aventurado, muito deveis amar a Deus, que Ele vos ama, pois quis que por vós fosse feita tão formosa vingança.

Galaor, tomando dele a sua benção e rogando-lhe que se lembrasse dele nas suas orações, seguiu o seu caminho. Uma das donzelas lhe rogou que lhe outorgasse a sua companhia. E a outra disse:

– Não vim aqui senão para ver o fim desta batalha, e vi tanto que terei que contar por onde vá; agora quero ir a casa do rei Lisuarte para ver um cavaleiro meu irmão que aí anda.

– Amiga – disse Galaor – se lá virdes um cavaleiro mancebo que traz umas armas de uns leões, dizei-lhe que o donzel que ele fez cavaleiro se lhe encomenda, e que eu pugnarei por ser homem bom, e se eu o vir, dir-lhe-ei mais da minha fazenda e da sua do que ele sabe.

A donzela seguiu o seu caminho, e Galaor disse à outra que, pois ele tinha sido o cavaleiro que fizera a batalha, que lhe dissesse quem era a sua senhora que ali a tinha enviado.

– Se vós o quereis saber – disse ela – segui-me e mostrar-vo-la-ei daqui a cinco

dias.

– Nem por isso – disse ele – deixarei de o saber, que eu vos seguirei.

Assim andaram até que chegaram a dois caminhos; e Galaor, que ia adiante, se foi por um, pensando que a donzela fora atrás dele, mas ela tomou o outro; e isto era à entrada da floresta chamada Brananda, que separa o condado de Clara e de Gresca; e não tardou muito que Galaor ouviu umas vozes dizendo:

– Ai, bom cavaleiro, acudi-me!

Ele voltou o rosto e disse:

– Quem dá aquelas vozes?

O escudeiro disse:

– Entendo que a donzela que de nós se apartou.

– Como!– disse Galaor– Apartou-se de nós?

– Sim, senhor– disse ele-, por aquele outro caminho vai.

– Por Deus, mal a guardei.

E enlaçando o elmo e tomando o escudo e a lança, foi quanto pôde onde as vozes ouvia, e viu um anão feio em cima de um cavalo e cinco peões armados com ele de capelinas e achas e estava ferindo a donzela com um pau que trazia na mão. Galaor chegou-se a ele e disse:

– Eh, coisa má e feia, Deus te dê má ventura!

E pôs a lança na mão esquerda e foi-se a ele; e pegando-lhe no pau, deu-lhe com ele tal golpe, que caiu em terra todo atordoado; os peões foram-se a ele e feriram-no por todas as partes, e ele deu a um tal golpe com o pau no rosto, que o atirou por terra, e feriu a outro com a lança no peito, que lhe tinha a acha metida no escudo e não a podia tirar, que o passou de um lado ao outro; e caiu e ficou nele a lança; e tirou a acha do escudo e foi-se aos outros que não o ousaram esperar e fugiram por umas matas tão espessas que não pôde ir atrás deles; e quando voltou, viu como o anão montara a cavalo e disse:

– Cavaleiro, em mau ponto me feriste e mataste os meus homens.

E açoitando o cavalo foi-se quanto mais pôde por um caminho. Galaor tirou a lança do vilão e viu que estava boa, o que lhe agradou, e deu as armas ao escudeiro e disse:

– Donzela, ide vós adiante e guardar-vos-ei melhor.

E assim tornaram ao caminho, onde daí a pouco chegaram a um rio que se

chamava Bram e não se podia passar sem uma barca; a donzela, que ia à frente, encontrou a barca e passou para o outro lado; e no momento em que Galaor esperava a barca chegou o anão que ele ferira e vinha dizendo:

– À la fé, dom traidor, morto sois e deixareis a donzela que me tomastes.

Galaor viu que com ele vinham três cavaleiros bem armados e em bons cavalos .

– Como!– disse um deles– todos três iremos a um só? Eu não quero ajuda nenhuma.

E deixou-se ir a ele o mais asinha que pôde; e Galaor, que já tinha tomado as suas armas, foi contra ele e feriram-se com as lanças; e o cavaleiro do anão lhe mandou todas as suas armas, mas não foi grande a ferida, e Galaor feriu-o tão bravamente que o atirou da sela, do que os outros ficaram maravilhados e deitaram-se ambos a correr a ele ao mesmo tempo, e ele a eles, e um errou o golpe, e ele fez do escudo o seu lança peças, e Galaor feriu-o tão duramente, que lhe derrubou o elmo da cabeça e perdeu as estribeiras e esteve perto de cair. Mas o outro voltou e feriu Galaor nos peitos com a lança, e quebrou-a, e ainda que Galaor tenha sentido o golpe, muito não lhe falhou o arnês; então meteram todos a mão às espadas e começaram a sua batalha, e o anão dizia em grandes vozes.

– Matem-lhe o cavalo e não fugirá.

E Galaor quis ferir aquele a quem derrubara o elmo, e o outro levantou o escudo e a espada entrou pelo braçal bem um palmo e alcançou com a ponta a cabeça do cavaleiro e fendeu-o até às queixadas, assim que caiu morto; quando o outro cavaleiro viu este golpe, fugiu e Galaor atrás dele e feriu-o com a sua espada por cima do elmo e não o alcançou bem, e baixou o golpe à parte de trás da sela e levou-lhe um pedaço e muitas malhas do arnês, mas o cavaleiro deu de esporas ao cavalo e atirou o escudo do colo para ir mais depressa. Quando Galaor assim o viu ir, deixou-o; e quis mandar pendurar o anão pela perna, mas viu-o ir fugindo no seu cavalo o mais que podia; e voltou-se para o cavaleiro com quem justara e que ia já acordando e disse-lhe:

– De vós me pesa mais do que dos outros, porque à maneira de bom cavaleiro vós quisestes combater; não sei porque me acometestes, que não vo-lo mereci.

– É verdade – disse o cavaleiro – mas aquele anão traidor nos disse que o feriras e mataras os seus homens e que lhe tomaras à força uma donzela que queria ir com ele.

Galaor mostrou-lhe a donzela que o esperava no outro lado do rio e disse:

– Vedes a donzela; e se eu a forçara não me esperaria; mas vindo em minha

companhia, perdeu-se de mim nesta floresta e ele apanhou-a e feria-a muito mal com um pau.

– Ai traidor– disse o cavaleiro– em má hora me fez vir aqui, se me escapa!

Galaor fez-lhe dar o cavalo, e disse-lhe que atormentasse o anão, que era traidor. Então passou na barca para o outro lado e seguiu o seu caminho, guiado pela donzela; e quando foi entre a hora nona e as vésperas, mostrando-lhe a donzela um castelo muito formoso em cima de um vale, disse-lhe:

– Ali nos iremos albergar.

E andaram tanto até que lá chegaram, e foram muito bem recebidos porque era em casa da mãe da donzela e disse-lhe:

– Senhora, honrai este cavaleiro como o melhor que o escudo pôs ao colo.

Ela disse:

– Aqui lhe faremos todo o serviço e prazer.

A donzela disse-lhe:

– Bom cavaleiro, para que eu possa cumprir o que vos hei prometido tereis que aguardar aqui e logo voltarei com novas.

– Muito vos rogo – disse ele – que não me detenhais, que me faria muita pena.

Ela foi-se e não tardou muito que voltasse e disse-lhe:

– Agora cavalgai e vamo-nos.

– Em nome de Deus – disse ele.

Então tomou as suas armas e, cavalgando em seu cavalo, foi-se com ela, e andaram sempre por uma floresta; e à saída dela anoiteceu e a donzela, deixando o caminho que levavam, foi por outra parte; e passada uma parte da noite, chegaram a uma formosa vila que tinha o nome de Grandares e quando chegaram à parte do alcácer, disse a donzela:

– Agora desçamos e vinde atrás de mim, que naquele alcácer vos direi o que tenho prometido.

– Pois levarei as minhas armas? – disse ele.

– Sim – disse ela -, que nunca se sabe o que pode acontecer.

Ela foi adiante e Galaor atrás dela até que chegaram a um muro, e disse a donzela:

– Subi por aqui e entrai, que eu irei por outra parte e vos acudirei.

Ele subiu acima do muro com grande esforço e tomando o escudo e o elmo

desceu do outro lado, e a donzela se foi. Galaor entrou por uma horta e chegou a um postigo pequeno que estava no muro do alcácer e esteve ali um pouco até que o viu abrir, e viu a donzela e outra com ela, e disse a Galaor:

– Senhor cavaleiro, antes que entreis convém que me digais de quem sois filho.

– Deixai-vos disso – disse ele -, que eu tenho tal pai e mãe que, até que o valha, não ousarei dizer que sou seu filho.

– Todavia – disse ela – convém que mo digais, que não será em vosso dano.

– Sabei que sou filho do rei Periom e da rainha Elisena e que ainda há sete dias não vo-lo soubera dizer.

– Entrai – disse ela.

Entrando, fizeram-no desarmar e cobriram-no com um manto e saíram dali; e uma ia atrás e outra à frente e ele no meio; e entraram num grande palácio muito formoso, onde estavam muitas donas e donzelas nas suas camas e se alguma perguntava quem ia ali, respondiam ambas as donzelas. Assim passaram até uma câmara contínua ao palácio e, entrando, viu Galaor estar sentada numa câmara com panos muito ricos uma formosa donzela que os seus formosos cabelos penteava; e como viu Galaor, pôs na cabeça uma formosa grinalda e foi para ele dizendo:

– Amigo, sejai bem vindo como o melhor cavaleiro que eu conheça.

– Senhora – disse ele – e vós mui bem fadada, como a mais formosa donzela que jamais vi.

E a donzela que ali o guiou disse:

– Senhor, vedes aqui a minha senhora, e agora estou quite da minha promessa: sabei que se chama Aldeva, e é filha do rei de Serolis e aqui a criou a mulher do duque de Bristoia, que é irmã de sua mãe.

Depois disse a sua senhora:

– Eu vos dou o filho do rei Periom de Gaula; ambos sois filhos de reis e muito formosos; se vos muito amardes, ninguém vos levará a mal.

E saindo, Galaor folgou com a donzela aquela noite a seu prazer, e sem que mais aqui vos seja contado, porque em actos semelhantes, que à boa consciência e à virtude não são conformes, com razão se deve passar por eles ligeiramente, tendo-os naquele pequeno grau em que merecem ser tidos. Chegada, pois, a hora em que lhe conveyo sair dali, tomou consigo as donzelas e voltando para onde deixara as armas e armando-se saiu para a horta; e encontrou aí o anão que ouvistes e que lhe disse:

– Cavaleiro, em má hora cá entraste, que eu vos farei morrer e à aleivosa que aqui vos trouxe.

Então gritou:

– Saí cavaleiros, saí, que sai um homem da câmara do Duque.

Galaor subiu ao muro e montou no seu cavalo, mas não tardou muito que o anão não saísse com gente por uma porta que abriram, e Galaor, que entre todos o viu, disse para si:

– Ai, cativo, morto serei se não me vingo deste anão traidor.

E foi-se a ele para o apanhar, mas o anão pôs-se atrás de todos no seu rocim. E Galaor com a grande raiva que levava meteu-se entre todos e eles começaram a feri-lo por todo o lado; quando ele viu que não podia passar, feriu-os tão cruelmente que matou dois deles, nos quais quebrou a lança. E meteu a mão à espada e dava-lhes golpes mortais, de maneira que alguns foram mortos e outros feridos; mas antes que saísse da confusão, mataram-lhe o cavalo; ele levantou-se com grande afã, pois feriam-no por todo o lado, mas desde que ficou em pé castigou-os de tal maneira que nenhum ousava chegar-se a ele. Quando o anão o viu de pé, tratou de ferir-lo com o peito do cavalo e foi-se a ele o mais rapidamente que pôde; e Galaor afastou-se um pouco, estendeu a mão e tomou-lhe o freio e fez-lhe tal ferida com o pomo da espada no peito que o deitou por terra e ficou assim tão atordoado da queda que o sangue lhe saiu pelas orelhas e pelo nariz; e Galaor saltou para o cavalo e ao cavalgar perdeu a correia, e saiu o cavalo com ele da confusão e como era grande e corredor, antes que a apanhasse afastou-se um bom bocado; e tendo apanhado as correias quis voltar para feri-los de novo, mas viu à janela de uma torre a sua amiga que com o manto lhe fazia sinais para que se fosse. Então ele partiu, porque já tinha chegado muita gente e andou até chegar a uma floresta. Então deu o escudo e o elmo ao seu escudeiro; alguns dos homens diziam que seria bom segui-lo; outros que nada aproveitaria, pois estava na floresta, mas todos estavam espantados de ver como se tinha batido tão bravamente. O anão, que estava maltratado, disse:

– Levai-me ao Duque e eu lhe direi de quem deve tomar vingança.

Eles tomaram-no em braços e subiram-no até onde estava o Duque; e contou-lhe como encontrara a donzela na floresta e, porque a queria trazer consigo, tinha gritado, e que tinha acudido em sua ajuda um cavaleiro e que lhe tinha matado os seus homens e o tinha ferido a ele com um pau, e que depois o seguira com os três

cavaleiros para lhe tomar a donzela e como os desbaratara e vencera; finalmente contou-lhe como a donzela o trouxera ali e o havia metido na sua câmara. O Duque perguntou-lhe se conhecia a donzela; ele disse que sim. Então mandou ali vir todas as que estavam no castelo, e quando o anão a viu entre elas, disse:

– Esta é a que desonrou o vosso palácio.

– Ai traidor!– disse a donzela -, mas tu fazias-me mal e mandavas os teus homens ferirem-me, e aquele bom cavaleiro defendeu-me, que não sei se é este ou não.

O Duque ficou muito zangado e disse:

– Donzela, eu farei com que me digais a verdade.

E mandou pô-la na prisão; mas mesmo pelos tormentos e males que lhe fizeram nunca descobriu nada; e ali a deixou estar com grande angústia de Aldeva, que muito a amava e não sabia por quem o fizesse saber a D. Galaor, seu amigo.

O autor deixa aqui de contar isto, e torna a falar de Amadis e deste Galaor dirá a seu tempo.

CAPÍTULO XIII¹

Como Amadis se separou de Urganda a Desconhecida e chegou a uma fortaleza, e o que nela houve.

Partido Amadis de Urganda a Desconhecida, com muito prazer de seu ânimo em saber que aquele que fizera cavaleiro era seu irmão, e porque acreditava estar em breve onde sua senhora estava, que ainda que não a visse lhe seria de grande consolo ver o lugar onde estava, andou tanto na direcção daquela parte por uma floresta sem que povoado encontrasse que anoiteceu; e ao fim de um bocado viu ao longe um fogo que sobre as árvores aparecia, e foi para lá pensando encontrar aposento. Então, desviando-se do caminho, andou até que chegou a uma formosa fortaleza que numa torre dela apareciam pelas janelas aquelas luzes que de velas eram, e ouviu vozes de homens e mulheres como que cantando e fazendo alegrias. Chamou à porta, mas não o ouviram; e daí a pouco os da torre espreitaram por entre as ameias e viram-no a chamar. E disse-lhe um cavaleiro:

– Quem sois que a tal hora chamais?

E ele disse-lhe:

¹ Capítulo traduzido por Ana Patrícia Barros e Ana Lúcia Guerreiro

– Senhor, sou um cavaleiro estrangeiro.

– Assim parece – disse ele do muro – que sois estranho, que deixais de andar de dia e andais de noite; mas creio que o fazeis para não terdes razão de combater, que agora não encontrareis senão os diabos.

Amadis disse-lhe:

– Se em vós algum bem houvesse, algumas vezes veríeis andar de noite os que não podem deixar de o fazer.

– Agora ide-vos – disse o cavaleiro –, que não entrareis aqui.

– Assim Deus me ajude – disse Amadis –, eu cuido que não querieis homem que valesse algo em vossa companhia. Mas antes que me vá queria saber que nome tendes.

– Eu to direi – disse-lhe ele –, contando que, quando me encontrares, te batas comigo.

Amadis, que estava sanhudo, outorgou-lho. O cavaleiro disse:

– Sabei que eu tenho por nome Dardão, e que não podeis ter esta noite tanto mal que não seja pior o dia em que comigo vos encontrardes.

– Pois eu quero – disse Amadis – cumprir logo esta promessa e iluminem-nos com estas velas para que combatamos.

– Como!? – disse Dardão –; para eu ir a tal batalha havia eu de tomar armas como vós e demais assim de noite? Mal haja quem esporas calçasse e armas vestisse para ganhar honra nela!

Então afastou-se do muro e Amadis seguiu o seu caminho.

Aqui retrata o autor os soberbos e diz: Soberbos, que quereis? Que pensamento é o vosso? Rogo-vos que me digais: a formosa pessoa, a grande valentia, o ardor de coração, por ventura o herdastes de vossos pais, ou o comprastes com as riquezas, ou o alcançastes nas escolas dos grandes sábios, ou o ganhastes por mercê dos grandes príncipes? Certo é que direis que não. Pois de onde vos veio? Parece-me a mim que daquele Senhor mui alto de onde todas as cousas boas ocorrem e vêm. E a este Senhor, que agradecimentos e favores lhe dais em paga? Certamente nenhuns outros senão desprezar os virtuosos e desonrar os bons, maltratar os das suas ordens santas, matar os fracos com vossas grandes soberbas e muitos outros insultos contra o Seu serviço, crendo a vosso parecer que assim como com isto a fama, a honra deste mundo ganhais, que assim com uma pequena penitência no fim dos vossos dias a glória do outro ganhareis. Ó que pensamento tão vão e tão louco, havendo passado vosso tempo em

semelhantes cousas sem arrependimento, sem a satisfação que a vosso Senhor deveis, guardar tudo para aquela triste e perigosa hora da morte, que não sabeis quando nem em que forma virá! Direis vós que o poder e a graça de Deus é mui grande, junto com sua piedade: verdade é. Mas assim o vosso poder havia de ser para forçar com tempo a vossa ira e sanha e vos afastar daquelas cousas que Ele tanto tem como aborrecidas, porque fazendo-vos dignos, dignamente o seu perdão pudésseis alcançar, considerando que não sem causa o cruel inferno foi por Ele estabelecido.

Mas quero eu agora deixar este aparte que não vedes e pôr-me em razão convosco no presente que havemos visto e lido. Dizei-me: por que causa foi derrubado do Céu para aquele fundo abismo aquele mau Lúcifer? Não por outra razão senão pela sua grande soberba. E aquele forte gigante Membrot que primeiro toda a humanal linhagem senhoreou, porque foi de todos eles desamparado, e como animal bruto sem sentido algum, foram pelos desertos seus dias consumidos? Não por al, salvo porque com sua grande soberba quis fazer uma escada à maneira de caminho, pensando por ela subir e mandar nos céus. Pois por que diremos que foi por Hércules assolada e destruída a grande Tróia, e morto aquele seu poderoso rei Laumedonte? Não por outra coisa senão pela soberba embaixada que, por seus mensageiros, aos cavaleiros gregos enviou, que com salvo conduto ao porto de Simeonta chegaram. Muitos outros que por esta malvada soberba pereceram neste mundo e no outro contar-se poderiam com que esta razão ainda mais autorizada fosse. Mas, porque sendo mais prolixa, mais enojosa seria de ler, se deixa de contar. Somente vos será à memória trazido que, se estes que no céu e na terra, onde tão grande poder e honra tiveram, pela soberba foram perdidos, desonrados e danados, que fruto há naquelas vis palavras ditas por Dardão e por outros semelhantes? Que mando em um ou no outro têm ou lhes pode ocorrer? A história vo-lo mostrará adiante.

Partindo Amadis com grande sanha daquele mui soberbo cavaleiro Dardão, foi-se pela floresta, procurando alguma mata propícia onde pudesse albergar-se. E assim sendo, ouviu adiante de si falar, e indo rápido, aguilhando mais o seu cavalo, avistou duas donzelas em seus palafréns, e um escudeiro com elas. Ele aproximou-se delas e saudou-as. E elas lhe perguntaram de onde vinha a tal hora armado. Ele lhes contou quanto lhe acontecera desde que fora noite.

– Sabeis vós – disseram elas – que nome tem esse cavaleiro?

– Sim, sei – disse ele – que ele mo disse, e disse que se chamava Dardão.

– Verdade é – disseram elas – que ele se chama Dardão, o Soberbo, e é o mais soberbo cavaleiro que há nesta terra.

– Eu bem o creio – disse Amadis.

E as donzelas lhe disseram:

– Senhor cavaleiro, perto temos os nossos aposentos; ficai connosco.

Amadis aceitou e indo juntos chegaram a duas tendas armadas onde as donzelas haviam de aposentar-se; e ali desceram, e desarmando-se Amadis, mui alegres ficaram as donzelas da sua formosura; e cearam com muito prazer, e ergueram para ele uma tenda onde dormisse e então perguntaram-lhe as donzelas onde ia.

– Para casa do rei Lisuarte – disse ele.

– E nós para lá vamos – disseram elas – para ver o que acontecerá a uma dona que, à sua maneira, era uma das boas desta terra e demais fidalga; e quanto no mundo há tem metido em prova de uma batalha, e há-de aparecer por estes dias perante o rei Lisuarte com quem faça por ela sua batalha. Mas não sabemos o que lhe acontecerá, que este contra quem se há-de defender é agora o melhor cavaleiro que há na Grã Bretanha.

– Quem é esse – disse Amadis – que tanto prezam de armas, onde tantos bons há?

– Aquele mesmo de quem agora vos partiste – disseram elas –, Dardão, o Soberbo.

– Por que razão – disse ele – há-de ser essa batalha? Dizei-mo, assim Deus vos valha.

– Senhor – disseram elas –, este cavaleiro ama uma dona desta terra que foi filha de um cavaleiro que foi casado com esta dona, e a amada disse a seu amigo Dardão que jamais lhe teria amor se a não levasse a casa d'el rei Lisuarte e dissesse que o haver de sua madrasta devia ser seu e que sobre esta razão combatesse com quem dissesse o contrário; e ele fê-lo assim como mandou sua amiga; e a outra dona não foi tão ajuizada como era preciso e disse que daria provador ante o rei por si, e isto fez pelo grande direito que tem, cuidando encontrar quem o mantivesse por ela; mas Dardão é tão bom cavaleiro de armas, que, por torto ou por direito, todos temem a sua batalha.

Amadis ficou mui alegre com estas novas, porque o cavaleiro fora contra ele soberbo e poderia vingar sua sanha defendendo o direito e porque a batalha se faria diante da sua senhora Oriana; e começou a pensar nisso mui firmemente. As donzelas atentaram no seu cuidado e uma delas disse:

– Senhor cavaleiro, rogo-vos muito por cortesia que nos digais a razão do vosso pensamento, se boamente se pode dizer.

– Amigas – disse ele – se me vós prometeis como leais donzelas de me ter a lealdade de a ninguém o dizer, eu vos direi de grado.

Elas juraram-no e ele disse:

– Eu pensava combater por aquela dona que me dissestes, e assim o farei, mas não quero que ninguém o saiba.

As donzelas muito gostaram de o ouvir, pois tanto o haviam louvado em armas, e disseram:

– Senhor, o vosso pensamento é bom e de grande esforço; Deus mande que venha a bem.

E foram dormir para suas tendas; e pela manhã cavalgaram e seguiram seu caminho; e as donzelas rogaram-lhe, pois iam em viagem e naquela floresta andavam alguns homens de má sorte, que não se separasse da sua companhia. Ele aceitou.

Então seguiram juntos, falando em muitas cousas e as donzelas rogaram-lhe, pois que assim Deus os havia juntado, que lhes dissesse o seu nome. Ele disse-o e pediu-lhes que pessoa alguma o soubesse. Pois caminhando como ouvis, albergando-se em despovoados, sendo bem servidos em suas tendas com as provisões que as donzelas levavam, aconteceu-lhes que viram dois cavaleiros armados debaixo de uma árvore, que cavalgavam em seus cavalos e se puseram ante eles no caminho, e um deles disse ao outro:

– Qual destas donzelas quereis vós, e eu tomarei a outra?

– Eu quero esta donzela – disse o cavaleiro.

– Pois eu esta outra.

E tomou cada um a sua.

Amadis disse-lhes:

– Que é isso senhores? Que quereis das donzelas?

Disseram eles:

– Fazer como com as nossas amigas.

– Tão ligeiramente as quereis levar – disse ele – sem ser a seu prazer?

– Pois quem no-las tirará? – disseram eles.

– Eu – disse Amadis – se puder.

Então tomou o seu elmo e escudo e lança e disse:

– Agora convém que deixeis as donzelas.

– Antes vereis – disse um – como sei justar.

E deixaram-se ir ambos a grande correr dos cavalos e feriram-se com suas lanças bravamente. O cavaleiro quebrou a sua lança e Amadis feriu-o tão duramente que o derrubou por cima do cavalo, a cabeça para baixo e os pés para cima, e quebrando-lhe os laços do elmo, lhe saiu da cabeça. O outro cavaleiro veio contra ele mui furioso e feriu-o de maneira que, faltando-lhe as armas, o chagou, mas a chaga não foi grande e quebrou a lança. Amadis errou o encontro e juntaram-se um com o outro, assim os cavalos como os escudos e Amadis agarrou-o e, tirando-o da sela, derrubou-o por terra, e assim ficaram os cavaleiros a pé e os cavalos soltos. Amadis tomou diante de si as donzelas e foram pelo seu caminho, até que chegaram a uma ribeira onde mandaram armar as suas tendas e que lhes dessem de comer; mas antes que ele desmontasse chegaram os cavaleiros com quem lutara e disseram-lhe:

– Convém que defendais as donzelas com a espada assim como com a lança, senão levá-las-emos.

– Não levareis – disse ele – enquanto as puder defender.

– Pois deixai a lança – disseram eles – e façamos a batalha.

– Isso o farei eu – disse ele – desde que venhais um a um.

E dando a sua lança a Gandalim, deitou mão à sua espada e foi a um deles, aquele que mais se prezava de lutar, e começaram a sua batalha; mas em pouco tempo foi o cavaleiro tão maltratado, que o seu companheiro decidiu socorrê-lo, ainda que o contrário tivesse prometido. E Amadis, que o viu, disse:

– Que é isso cavaleiro? Não mantendes a verdade? Digo-vos que não vos prezo nada.

O cavaleiro chegou folgado, e como era valente, feriu Amadis de grandes golpes. Mas ele, que com ambos na batalha se via, não quis ser preguiçoso e feriu aquele que folgado chegara com toda a sua força no elmo, e saiu o golpe de soslaio, e assim baixou ao ombro e cortou-lhe as correias do arnês, com a carne e os ossos, e caiu-lhe a espada da mão. O cavaleiro teve-se por morto e começou a fugir; e foi-se para o outro e deu-lhe no escudo de lado, direito ao punho, e cortou-o tanto que chegou até à mão e fendeu-a até ao braço e o cavaleiro disse:

– Ai, senhor, morto sou!

Então deixou cair a espada da mão e o escudo do colo e Amadis disse-lhe:

– Não há mais mister, que não vos deixarei se não jurares que nunca tomareis dona ou donzela contra sua vontade.

O cavaleiro jurou-o logo, e ele fê-lo meter a espada na bainha e pôr o escudo ao colo, e deixou-o ir para onde guarecesse. Amadis voltou para as donzelas que estavam ao pé das tendas e estas disseram-lhe:

– Certamente, senhor cavaleiro, escarnecidas fôramos se por vós não fora, em quem há mais bondade do que cuidávamos; e em grande esperança estamos que não somente tirareis satisfação das soberbas palavras que Dardão vos disse, mas ainda a dona a tirará da grande afronta em que está posta, se a fortuna quiser que por ela tomeis a batalha.

Amadis teve vergonha porque assim o louvavam, e desarmando-se, comeram e folgaram um bocado. E tornando ao seu caminho, andaram tanto por ele que chegaram a um castelo e aí se albergaram com uma dona que muita honra lhes fez. E no outro dia caminharam sem que lhes acontecesse nada para contar, até que chegaram a Vindilisora, onde estava o rei Lisuarte; e chegando perto da vila, disse Amadis às donzelas:

– Amigas, eu não quero ser de ninguém conhecido, e até que venha o cavaleiro à batalha, ficarei aqui em algum lugar encoberto. Enviai-me um donzel que saiba de mim e me chame quando for tempo disso.

– Senhor – disseram elas – daqui ao prazo faltam apenas dois dias; se o quiserdes, ficaremos nós convosco e teremos na vila quem nos diga quando o cavaleiro aí chegar.

– Assim se faça – disse ele.

Então afastaram-se do caminho e fizeram armar suas tendas junto a uma ribeira. E as donzelas disseram que queriam ir à vila e voltar logo. Amadis cavalgou no seu cavalo, assim desarmando como estava, e Gandalim com ele, e foram-se a um outeiro donde lhes pareceu que poderiam ver melhor a vila; e ali perto havia um grande caminho. Amadis sentou-se ao pé de uma árvore e começou a olhar para a vila e viu as suas torres e os muros mui altos e disse no seu coração:

– Ai Deus! Onde está ali a flor do mundo? Ai, vila, como estais agora em grande altura por estar em ti aquela senhora que entre todas as do mundo não há par em bondade e formosura, e ainda digo que é mais amada do que todas aquelas que amadas são, e isto provarei eu ao melhor cavaleiro do mundo, se ela mo outorgasse!

Depois que sua senhora louvou, um tão grande cuidado lhe veio, que as lágrimas vieram-lhe aos olhos e, enfraquecendo-lhe o coração, caiu em grande pensamento, que

todo estava entorpecido, de maneira que nem de si nem de outro sabia parte. Gandalim viu vir pelo grande caminho uma companhia de donas e cavaleiros, e que vinham em direcção de onde o seu senhor estava, e foi a ele e disse-lhe:

– Senhor, não vedes esta companhia que aqui vem?

Mas ele não respondeu nada; e Gandalim tomou-o pela mão e puxou-o contra si. E ele acordou, suspirando mui fortemente, e tinha a face toda molhada de lágrimas, e disse-lhe Gandalim:

– Assim me ajude Deus, senhor, muito me pesa o vosso pensar, que tomais tal cuidado como outro cavaleiro do mundo não tomaria; e deveríeis ter dó de vós e tomar esforço como nas outras cousas tomais.

Amadis disse-lhe:

– Ai, amigo Gandalim, como sofre meu coração! Se tu me amas, sabe que antes me aconselharias a morte que viver em tão grande coita, desejando o que não vejo.

Gandalim não se pôde conter de chorar, e disse-lhe:

– Senhor, isso é uma grande má ventura um amor tão entranhado, que, assim me ajude Deus, eu creio que não há tão boa nem tão formosa a que a vossa bondade não seja igual, e que a não tenhais.

Amadis, que isto ouviu, ficou mui sanhudo, e disse-lhe.

– Ah, louco sem sentido, como ousas dizer tal desvario? Havia eu de valer, ou algum outro, tanto como aquela em quem todo o bem do mundo está? E se outra vez o dizes, não irás nem mais um passo comigo.

Gandalim disse.

– Limpai vossos olhos e não os vejam assim aqueles que aí vêm.

– Como? – disse ele – vem alguém?

– Sim – disse Gandalim.

Então mostrou-lhe as donas e os cavaleiros que já perto do outeiro vinham. Amadis cavalgou no seu cavalo e foi contra eles, e saudou-os, e eles a ele, e viu entre eles uma dona assaz formosa e bem adornada que mui feramente chorava. Amadis disse-lhe:

– Dona, Deus vos faça alegre.

– E a vós dê honra – disse ela – que alegria tenho agora mui afastada, se em mim Deus não põe conselho.

– Deus o ponha – disse ele – Mas que coita é a que tendes?

– Amigo – disse ela – tudo quanto tenho está em aventura e prova de uma batalha.

E ele entendeu logo que aquela era a dona que lhe disseram e disse-lhe:

– Dona, haveis quem por vós a tenha?

– Não – disse ela – e o meu prazo é amanhã.

– Pois como cuidais fazer? – disse ele.

– Perder quanto tenho – disse ela – se em casa do Rei não há ninguém que tenha dó de mim e tome esta batalha por mercê e por manter direito.

– Deus vos dê bom conselho – disse Amadis – que me prazeria muito, assim por vós como porque desamo esse que contra vós está.

– Deus vos faça um homem bom – disse ela – e cedo dê a vós e a mim a vingança.

Amadis foi-se às suas tendas e a dona com sua companhia para a vila, e as donzelas chegaram pouco depois e contaram-lhe como Dardão já estava na vila, bem ataviado para fazer sua batalha. E Amadis lhes contou como tinha encontrado a dona e o que se tinha passado. Aquela noite folgaram, e pela alva do dia as donzelas levantaram-se e disseram a Amadis que iam à vila e que lhe enviariam dizer o que fazia o cavaleiro.

– Convosco quero ir – disse ele – para estar mais chegado, e quando Dardão sair ao campo, venha uma dizer-mo.

E logo se armou e foram-se todos juntos; e estando perto da vila, parou Amadis ao fim da floresta e as donzelas foram-se.

Ele desceu de seu cavalo e tirou o elmo e o escudo, e ficou esperando. E seria isto ao sair do sol.

A esta hora que ouvis cavalgou o rei Lisuarte com grande companhia de homens bons e foi-se a um campo que havia entre a vila e a floresta; e ali veio Dardão muito armado sobre um formoso cavalo, e trazia a sua amiga pela rédea, o mais ataviado que ele a pôde levar, e assim parou com ela ante o rei Lisuarte e disse:

– Senhor, mandai entregar a esta dona aquilo que deve ser seu; e se há cavaleiro que diga que não, eu o combaterei.

El rei Lisuarte mandou logo chamar a outra dona; e veio perante ele e disse-lhe:

– Dona, haveis quem combata por vós?

– Senhor, não – disse ela chorando.

E el Rei teve grande dó dela, porque era boa dona. Dardão parou na praça onde

havia de esperar até à hora terça assim armado, e se não viesse a ele nenhum cavaleiro, dar-lhe-ia o rei sua sentença, porque assim era costume. Quando as donzelas assim o viram, foi uma quanto mais pôde a dizê-lo a Amadis. Ele cavalgou, e tomando suas armas, disse a Gandalim e à donzela que se fossem por outra parte, e que se ele a sua honra na batalha perdesse, que se fossem para as tendas, que ali ele acudiria; e logo saiu da floresta todo armado e em cima de um cavalo branco; e ia até onde estava Dardão adereçado com suas armas. Quando o Rei e os da vila viram o cavaleiro sair da floresta, muito se maravilharam sobre quem seria, que ninguém o pôde conhecer, mas diziam que nunca tinham visto cavaleiro que tão formoso parecesse armado e a cavalo. El Rei disse à dona desafiada:

– Dona, quem é aquele cavaleiro que quer sustentar a vossa razão?

– Assim Deus me ajude – disse ela – não sei, que nunca o vi, que me lembre.

Amadis entrou no campo onde estava Dardão e disse-lhe:

– Dardão, agora mantém a razão da tua amiga, que eu defenderei a outra dona com a ajuda de Deus, e acabarei aquilo que te prometi.

– E que me prometeste? – disse ele.

– Que combateria contigo – disse Amadis –; e isto foi por saber o teu nome quando foste vil contra mim.

– Agora vos prezo menos do que antes – disse Dardão.

– Agora não me pesa nada que me digas – disse Amadis – que estou perto de me vingar, dando-me Deus ventura.

– Pois venha a dona – disse Dardão – e outorga-te por seu cavaleiro, e vingá-te, se puderes.

Então chegou o Rei e os cavaleiros para ver o que se passava e Dardão disse à dona:

– Este cavaleiro quer a batalha por vós; outorgais-lhe o vosso direito?

– Outorgo – disse ela – e Deus lhe dê por isso bom galardão.

O rei olhou para Amadis e viu que tinha o escudo amolgado em muitos sítios e à volta cortado por golpes de espada e disse para os outros cavaleiros:

– Se aquele cavaleiro estrangeiro pedisse um escudo, dar-lho-iam com razão.

Mas Amadis tinha tanta vontade de combater com Dardão, que não pensava em mais nada, tendo aquelas sujas palavras que lhe dissera na memória muito mais frescas e recentes que quando tinham acontecido; no que todos deviam tomar exemplo e pôr

freio nas suas línguas, especialmente com aqueles que não conhecem, porque de maneira semelhante muitas vezes aconteceram grandes e notáveis cousas. O Rei afastou-se e todos os outros. E Dardão e Amadis moveram-se um contra o outro de longe, e os cavalos eram corredores e ligeiros e eles de tão grande força que se feriram com suas lanças tão bravamente, que suas armas todas se amolgaram, mas nenhum foi chagado, e as lanças ficaram quebradas e eles juntaram os corpos dos cavalos, e com os escudos tão bravamente que maravilha era; e Dardão foi a terra naquela primeira luta, mas tão bem lhe veio, que levou as rédeas na mão, e Amadis passou por ele e Dardão levantou-se rapidamente e cavalgou como aquele que era mui ligeiro, e deitou mão à sua espada mui bravamente. Quando Amadis virou para ele o seu cavalo, viu-o pronto a acometê-lo, e deitou mão à espada, e foram-se ambos acometer tão bravamente, que todos se espantavam em ver tal batalha; e as gentes da vila estavam pelas torres e pelo muro e pelos lugares de onde os melhor podiam ver combater; e as casas da Rainha eram sobre o muro e havia aí muitas janelas onde estavam muitas donas e donzelas, e viam a batalha dos cavaleiros que lhes parecia espantosa de ver, que eles se feriam por cima dos elmos que eram de fino aço, de maneira que a todos parecia que lhes ardiam as cabeças, segundo o grande fogo que deles saía, e dos arneses e outras armas faziam cair em terra muitas peças e malhas e muitos raios dos escudos. Assim que a sua batalha era tão cruel, que mui grande espanto tomavam os que a viam; mas eles não paravam de se ferir por todas as partes, e cada um mostrava ao outro a sua força e ardor. El rei Lisuarte, que os olhava, como quer que tivesse passado por muitas cousas de armas por sua pessoa e visto por seus olhos, tudo lhe parecia tanto como nada e disse:

– Esta é a mais brava batalha que homem viu; e quero ver que fim terá, e farei pintar na porta de meu palácio aquele que a vitória tiver, para que o vejam todos aqueles que houverem de ganhar honra.

Andando os cavaleiros com muito ardor em sua batalha, como ouvis, ferindo-se de mui grandes golpes sem descansar sequer um pouco, Amadis, que muita sanha tinha de Dardão, e que naquela casa daquele Rei onde sua senhora estava esperava morar, para que por seu mandado a servisse, vendo que o cavaleiro tanto o detinha, começou a carregar com grandes e duros golpes, como aquele que se alguma coisa valia, ali mais que em outra parte onde sua senhora não estivesse o queria mostrar, de maneira que antes que a hora terça chegasse conheceram todos que Dardão perdia a batalha, mas não de maneira que não se defendesse tão bem que não estava ali outro tão valente que com

ele ousasse combater. Mas tudo isto não valia nada, que o cavaleiro estrangeiro não fazia senão melhorar na sua força e ardor; e feriu-o tão fortemente como no começo, que todos diziam que nada lhe minguava senão o seu cavalo, que já não era tão valente como era mister. E outrossim o daquele com quem combatia, porque muitas vezes tropeçavam e enrodilhavam-se com eles, que difficilmente os podiam tirar dali; e Dardão, que melhor cuidava combater a pé que a cavalo, disse a Amadis:

– Cavaleiro, nossos cavalos nos falham, porque estão mui cansados, e isto faz durar muito a nossa batalha; e eu creio que se andássemos a pé, já há um bom bocado que te teria vencido.

Isto dizia tão alto que el Rei e quantos com ele estavam o ouviam. E o cavaleiro estrangeiro teve por isso mui grande vergonha, e disse:

– Pois tu crês melhor te defender a pé que a cavalo, apiemo-nos e defende-te, que bem precisas, ainda que não me pareça que um cavaleiro deva deixar o seu cavalo enquanto puder estar nele.

Assim que logo desceram dos cavalos sem mais tardar, e tomou cada um o que lhe restava de seu escudo e com grande ardor se deixaram ir um ao outro, e feriram-se mui mais bravamente que antes, que era maravilha olhá-los. Mas muito havia melhorado o cavaleiro estrangeiro, que se podia melhor a ele chegar, e feria-o com grandes golpes, e mui amiúdo, que não o deixava folgar, ainda que visse que lhe era mister, e muitas vezes o fazia voltar de um lado ao outro, e algumas vezes ajoelhar, tanto que todos diziam:

– Loucura pediu Dardão quando quis descer a pé com o cavaleiro, que não se podia ele chegar em seu cavalo, que estava mui cansado.

Assim trazia o cavaleiro estrangeiro Dardão à sua vontade, que já lutava mais para se defender dos golpes do que para ferir, e foi-se desviando para fora em direcção do palácio da Rainha; e as donzelas e todos diziam que morreria Dardão, se porfiasse mais na batalha. Quando estavam debaixo das janelas diziam todos:

– Santa Maria, morto é Dardão!

Então ouviu falar Amadis a Donzela da Dinamarca e conheceu-a pela fala, e olhou para cima, e viu a sua senhora Oriana que estava numa janela, e a donzela com ela, e assim como a viu, assim a espada se lhe revolveu na mão, e a sua batalha e todas as outras cousas lhe escaparam por vê-la. Dardão teve algum descanso, e viu que o seu inimigo olhava para outra parte, e tomando a espada com ambas as mãos deu-lhe um tal

golpe por cima do elmo, que lho fez torcer na cabeça. Amadis por aquele golpe não lhe deu outro, não fez senão endireitar o seu elmo, e Dardão começou a feri-lo por todas as partes. Amadis feria-o poucas vezes, que tinha o pensamento alterado por ver sua senhora. A esta hora começou a melhorar Dardão e ele a piorar e a Donzela da Dinamarca disse:

– Em má hora viu aquele cavaleiro cá alguma, que, perdendo-se, fez recuperar Dardão, que à hora da morte era chegado. Por certo, não deveria o cavaleiro em tal hora sua obra falhar.

Amadis, que isto ouviu, teve tão grande vergonha, que quisera ser morto com o temor de acreditar sua senhora que havia nele covardia; e deixou-se ir a Dardão e feriu-o por cima do elmo com um golpe tão forte, que o fez dar com as mãos em terra; e assim tomou-o pelo elmo e puxou-lho tão fortemente que lho sacou da cabeça, e deu-lhe com ele tal golpe que o fez cair atordoado; e dando-lhe com a maçã da espada no rosto, disse-lhe:

– Dardão, morto és, se a dona não dás por perdida.

Ele disse-lhe:

– Ai, cavaleiro, misericórdia, não morra, eu a dou por perdida!

Então chegou o rei e os cavaleiros e o ouviram. Amadis, que estava com vergonha do que lhe acontecera, foi montar no seu cavalo e deixou-se ir o mais que pôde na direcção da floresta. A amiga de Dardão chegou ali onde em tão mau estado estava, e disse-lhe:

– Dardão, de hoje em diante não me tenhas por amiga, nem vós nem outro que no mundo seja, senão aquele bom cavaleiro que agora fez esta batalha.

– Como?! – disse Dardão – Eu fui por ti vencido e escarnecido e queres desamparar-me por aquele que em teu dano e minha desonra foi? Por Deus, és bem mulher, que tal coisa dizes, e eu te darei o galardão da tua traição.

E metendo a mão à espada que ainda tinha à cintura, deu-lhe com ela tal golpe que lhe fez cair a cabeça aos pés; aí esteve um pouco pensando e disse:

– Ai, cativo! Que fiz eu, que matei a coisa do mundo que mais amava! Mas eu vingarei sua morte.

E tomando a espada pela ponta a meteu por si, que não lhe puderiam acudir ainda que o tentassem. E como todos se chegassem para o ver, por maravilha não foi ninguém atrás de Amadis para o conhecer. Mas aquela morte agradou muito a todos os

outros porque, ainda que este Dardão fosse o mais valente e esforçado cavaleiro de toda a Grã Bretanha, a sua soberba e má condição faziam com que não o empregasse senão na injúria de muitos, tomando as cousas desaforadas, tendo em mais a sua força e grande ardor do coração que o juízo do Senhor mui alto, que com mui pouco do seu poder faz com que os mui fortes pelos mui fracos vencidos e desonrados sejam.

CAPÍTULO XIV¹

Como o rei Lisuarte fez sepultar Dardão e a sua amiga, e mandou colocar na sua sepultura letras que diziam a maneira como foram mortos.

Vencida assim esta batalha em que Dardão e a sua amiga tiveram mortes tão cruéis, mandou o rei trazer dois monumentos² e fê-los pôr sobre leões de pedra, e ali puseram Dardão e a sua amiga no campo em que a batalha fora, com letras que assinalavam o que se havia passado. Depois, a seu tempo, foi ali posto o nome daquele que o venceu, como adiante se dirá; e perguntou el Rei o que era feito do cavaleiro estrangeiro. Mas não lhe souberam dizer senão que se fora ao melhor correr do seu cavalo para a floresta.

—Ai! – disse el-Rei – quem tal homem em sua companhia haver pudesse! Que além do seu grande esforço, eu creio que é mui mesurado, que todos ouvistes a afronta que lhe disse Dardão, e ainda que o tivesse em seu poder, não o quis matar; pois bem creio eu que entendeu ele nos modos do outro que lhe não houvera mercê, se assim o tivera.

Assim falando disto, foi-se ao seu palácio, falando ele e todos do cavaleiro estrangeiro. Oriana disse à Donzela da Dinamarca:

—Amiga, suspeito que aquele cavaleiro que aqui combateu é Amadis, que já tempo seria de vir, que, pois lhe enviei mandado que viesse, não se deteria.

– Por certo – disse a donzela –, eu creio que é ele, e eu me deveria hoje ter lembrado quando vi o cavaleiro que trazia um cavalo branco, que sem falta um tal lhe deixei eu quando dali parti.

Então disse:

¹ Capítulo traduzido por Carlos Santos Marques

² Entenda-se, arcas tumulares.

– Conheceste que armas trazia?

– Não – disse ela – que o escudo era despintado dos golpes, mas pareceu-me que tinha o campo de ouro.

– Senhora – disse a donzela – ele teve na batalha do rei Abiés um escudo que tinha o campo de ouro e dois leões azuis nele alçados um contra o outro, mas aquele escudo foi ali todo desfeito e mandou fazer logo outro tal, e disse-me que aquele traria quando cá viesse, e creio que aquele é.

– Amiga – disse Oriana -, se é ele, ou virá ou enviará à vila; e saí-vos por lá mais longe do que costumais para ver se encontrais seu mandado.

– Senhora – disse ela – assim o farei.

E Oriana disse:

– Ai, Deus, que mercê me faríeis se fosse ele, porque agora poderia falar-lhe!

Assim passaram a sua fala as duas. E torna-se a contar de Amadis, do que lhe aconteceu. Quando Amadis partiu da batalha, foi-se pela floresta tão escondidamente que ninguém soube nada dele, e chegou tarde às tendas, onde encontrou Gandalim e as donzelas que tinham preparado de comer; e descendo do cavalo o desarmaram e as donzelas disseram-lhe como Dardão matara a sua amiga e depois a si e por qual razão. Ele benzeu-se muitas vezes de tão mau sucesso; e logo se sentaram a comer com muito prazer; mas Amadis nunca tirava de sua memória como faria saber a sua senhora a sua vinda e o que lhe mandava fazer. Alçados os mantéis, levantou-se, e afastando-se com Gandalim, disse-lhe:

– Amigo, vai-te à vila e trabalha como vejas a Donzela da Dinamarca, e seja mui escondidamente, e diz-lhe como eu estou aqui e que me envie dizer que farei.

Gandalim decidiu, por ir mais encoberto, ir a pé; e assim fez, e chegando à vila, foi ao palácio do Rei, e não demorou muito até que viu a Donzela de Dinamarca, que não fazia senão ir e vir. Ele chegou-se a ela e saudou-a, e ela a ele, e olhou-o mais e viu que era Gandalim, e disse-lhe:

– Ai, meu amigo, sejas muito bem-vindo; onde está o teu senhor?

– Já hoje foi tal hora que o vistes – disse Gandalim –, que ele foi o que venceu a batalha; e deixei-o naquela floresta escondido, e envia-me a vós que lhe digais o que fará.

– Ele seja bem-vindo a esta terra – disse ela – , que a sua senhora ficará com ele mui alegre; e segue-me, e se alguém te perguntar, diz que és da Rainha da Escócia e que

trazes o seu mandado a Oriana, e que vens procurar Amadis, que está nesta terra, para andar com ele, e assim ficarás depois em sua companhia sem que ninguém suspeite de nada.

Assim entraram no palácio da Rainha, e a donzela disse a Oriana:

– Senhora, vedes aqui um escudeiro que vos traz mandado da Rainha da Escócia.

Oriana foi disso muito alegre, e muito mais quando viu que era Gandalim; e ajoelhando-se diante dela, disse-lhe:

– Senhora, a Rainha vos envia muito saudar como aquela que vos ama e preza e a quem agradaria vossa honra e não deixaria por ela de a acrescentar.

– Boa ventura haja a Rainha – disse Oriana –, e muito agradeço as suas encomendas; vem-te a esta janela e dir-me-ás mais.

Então afastou-se com ele, e fê-lo assentar perto dela, e disse-lhe:

– Amigo, donde deixas o teu senhor?

– Deixo-o naquela floresta – disse ele – onde se foi à noite quando venceu a batalha.

– Amigo – disse ela – que é dele, assim hajas boa ventura?

– Senhora – disse ele – é dele o que vós quiserdes, como aquele que é todo vosso e por vós morre, e sua alma padece o que nunca nenhum cavaleiro padeceu.

E começou a chorar, e disse:

– Senhora, ele não se afastará do vosso mandado por mal nem por bem que lhe venha; e por Deus, senhora, tende dele mercê, que a coita que até aqui sofreu não há outro no mundo que a sofrer pudesse; tanto que muitas vezes esperei que caísse morto diante de mim, havendo já o coração desfeito em lágrimas; e se ele tivesse a ventura de viver, passaria a ser o melhor cavaleiro que jamais armas trouxe; e por certo, segundo as grandes cousas que por ele, desde que foi cavaleiro, passaram com sua honra, assim o é agora; mas a ele faltou ventura quando vos conheceu, que morrerá antes de seu tempo. E certamente mais lhe valera morrer no mar, onde foi lançado, sem que os seus parentes o conhecessem, pois que o veem morrer sem que o possam socorrer.

E não fazia senão chorar, e disse:

– Senhora, cruel será esta morte de meu senhor e muitos se compadecerão dele se assim, sem socorro algum, padecesse mais do que passou.

Oriana disse, chorando e apertando as suas mãos e os seus dedos uns contra os outros:

– Ai! amigo Gandalim, por Deus, cala-te, não me digas já mais, que Deus sabe como me pesa se crês tu o que dizes; que antes mataria eu o meu coração e todo o meu bem! E a sua morte quererá eu tão dificilmente como quem um dia só não viveria se ele morresse; e tu culpas-me a mim porque sabes a sua coita e não a minha, que se a soubesses, mais terias compaixão de mim e não me culparias; pois não podem as pessoas acorrer ao que desejam, antes acontece ser isso mais desviado, ficando em seu lugar o que as agrava e enoja, e assim vem a mim de teu senhor, que sabe Deus, se eu pudesse, com que vontade poria remédio a seus grandes desejos e meus.

Gandalim disse-lhe:

– Fazei o que deveis se o amais, que ele vos ama sobre todas as cousas que hoje são amadas; e, senhora, agora lhe mandai como faça.

Oriana mostrou-lhe uma horta que estava debaixo daquela janela onde falavam, e disse-lhe:

– Amigo, vai a teu senhor e diz-lhe que venha esta noite mui escondido e entre na horta, e aqui debaixo é a câmara onde eu e Mabília dormimos, que tem perto do chão uma janela pequena com uma grade de ferro; e por ali lhe falaremos, que já Mabília conhece o meu coração.

E tirando um anel mui formoso de seu dedo, o deu a Gandalim que o levasse a Amadis, porque ela o amava mais que outro anel que tivesse, e disse:

– Antes que te vás, verás Mabília, que te saberá mui bem encobrir, que é mui sabida, e entre ambos direis que lhe trazeis novas de sua mãe, assim que não suspeitarão de nenhuma coisa.

Oriana mandou chamar Mabília que viesse àquele escudeiro de sua mãe, e quando ela viu Gandalim entendeu bem a razão; e Oriana foi-se à rainha sua mãe, a qual lhe perguntou se aquele escudeiro se tornaria cedo à Escócia, porque com ele enviaria presentes à Rainha.

– Senhora – disse ela -, o escudeiro vem buscar Amadis, o filho do Rei de Gaula, o bom cavaleiro de que aqui muito falam.

– E onde está esse? – disse a Rainha.

– O escudeiro diz – disse ela – que há mais de dez meses que soube novas que vinha para cá e maravilha-se como não o encontra.

– Assim Deus me ajude – disse a Rainha -, a mim agradar-me-ia muito ver tal cavaleiro em companhia do Rei meu senhor, que lhe seria de grande descanso nos

muitos feitos que de muitas partes lhe aparecem; e eu vos digo que se ele aqui vem, que não deixará de ser seu por coisa que pedir e o rei possa cumprir.

– Senhora – disse Oriana -, de sua cavalaria não sei mais do que dizem, mas digo-vos que ele era o mais formoso donzel que se conhecia no tempo em que na casa do rei da Escócia servia ante mim e ante Mabília e ante outras.

Mabília, que com Gandalim ficara, disse-lhe:

– Amigo, está já o teu senhor nesta terra?

– Senhora – disse ele – sim; e manda-vos muito saudar como a prima do mundo que mais ama, e ele foi o cavaleiro que aqui venceu a batalha.

– Ai, Senhor, Deus – disse ela – bendito sejas porque tão bom cavaleiro fizestes na nossa linhagem e no-lo destes a conhecer!

Assim disse a Gandalim:

– Amigo, que é dele?

– Senhora – disse ele -, estaria bem, se força de amor não fosse, que no-lo tem morto; e, por Deus, senhora, acorrei-lhe e ajudai-o, que verdadeiramente se algum descanso não tem nos seus amores, perdido é o melhor cavaleiro que há na vossa linhagem e em todo o mundo.

– Por mim não lhe faltarei – disse ela – no que puder; agora vai-te e saúda-o muito e diz-lhe que venha como minha senhora manda e tu poderás falar connosco como escudeiro de minha mãe cada vez que for mister.

Gandalim partiu-se de Mabília com aquele recado que a seu senhor levava; e ele esperava-o entre a vida ou a morte, segundo as novas que trouxesse, que sem falta naquela ocasião era tão coitado, que as suas forças não bastavam para se sofrer; que o grande descanso que havia recebido em se ver tão perto de onde a sua senhora estava se lhe havia tornado em tão grande desejo de a ver e, com o desejo, em tanta coita e angústia, que era chegado a ponto de morte; e como viu vir Gandalim foi até ele, e disse:

– Amigo Gandalim, que novas me trazeis?

– Senhor, boas – disse ele.

– Viste a Donzela da Dinamarca?

– Sim, vi.

– E soubeste dela o que hei-de fazer?

– Senhor – disse ele –, melhores são as novas do que vós pensais.

Ele estremeceu todo de prazer e disse:

– Por Deus, diz-mas depressa.

Gandalim contou-lhe tudo o que com a sua senhora se passara, e as falas que trocaram entre ambos, e o que a sua prima Mabília lhe disse, e a fala que concertada deixara, assim que nada ficou que não dissesse. O prazer grande que ele com isto teve já o podeis imaginar, e disse a Gandalim:

– Meu verdadeiro amigo, tu foste mais sabido e ousado no meu feito do que eu fora, e isso não é de maravilhar, que ambas as cousas tem mui acabadamente teu pai; e agora diz-me se sabes o lugar onde mandou que eu fosse.

– Sim, senhor – disse ele –, que Oriana mo mostrou.

– Ai, Deus! – disse Amadis – como servirei eu a esta senhora a grande mercê que me faz agora? Não sei porque me queixe da minha coita.

Gandalim deu-lhe o anel e disse:

– Tomai este anel que vos envia vossa senhora, porque era o que ela mais amava.

Ele o tomou, vindo-lhe as lágrimas aos olhos, e beijando-o, pô-lo sobre o coração e esteve um momento sem poder falar; depois meteu-o no dedo e disse:

– Ai, anel, como andaste naquela mão que no mundo outra que tanto valesse não se poderia encontrar!

– Senhor – disse Gandalim – ide-vos às donzelas e sede alegre, porque este cuidado vos destrói e poderá fazer muito dano nos vossos amores.

Ele assim o fez, e naquela ceia falou mais e com mais prazer do que costumava, do que elas ficaram mui alegres, que este era o cavaleiro do mundo mais gracioso e agradável quando o pensamento e o pesar não lhe davam estorvo; e vinda a hora do dormir, deitaram-se nas suas tendas como era costume; mas vindo o tempo conveniente, levantou-se Amadis, e viu que Gandalim tinha já os cavalos selados e as suas armas aparelhadas, e armou-se, que não sabia o que lhe poderia acontecer; e cavalgando foram para a vila, e chegando a umas árvores que estavam perto da horta, que Gandalim tinha visto nesse dia, descavalgaram e deixaram ali os cavalos e foram-se a pé e entraram na horta por uma passagem que as águas tinham feito; e chegando à janela, chamou Gandalim mui baixinho. Oriana, que não tinha pensado em dormir, ouviu-o, levantou-se e chamou Mabília, e disse-lhe:

– Creio que está aqui o vosso primo.

– Meu primo é ele – disse ela -, mas vós haveis nele mais favor que toda a sua linhagem.

Então foram ambas à janela e puseram dentro umas candeias que grande lume davam e abriram-na. Amadis viu a sua senhora à luz das candeias, parecendo-lhe tão bem, que ninguém acreditaria que tal formosura em nenhuma mulher do mundo poderia caber. Ela estava vestida com uns panos de seda azul, trabalhada com muitas flores de ouro, e espessas, e estava em cabelo, que o tinha mui fermoso à maravilha, e não o cobria senão com uma grinalda mui rica; e quando Amadis assim a viu, estremeceu todo com o grande prazer que em vê-la teve; e o coração saltava-lhe muito, que folgar não podia. Quando Oriana assim o viu, chegou-se à janela, e disse:

– Meu senhor, sede mui bem-vindo a esta terra, que muito vos temos desejado e havido grande prazer de vossas boas novas venturas, assim nas armas como no conhecimento de vosso pai e mãe.

Amadis, quando isto ouviu, ainda que atónito estivesse, esforçando-se mais do que para qualquer outro combate, disse:

– Senhora, se minha discricção não bastar para satisfazer a mercê que me dizeis e a que me fizestes no recado da Donzela da Dinamarca, não vos maravilheis por isso, porque o coração, mui turbado e preso de demasiado amor, não deixa a língua no seu livre poder; e porque assim como com vossa saborosa lembrança todas as cousas subjugar penso, assim com vossa vista sou subjogado, sem sobrar em mim sentido algum para que no meu livre poder seja; e se eu, minha senhora, fosse tão digno ou os meus serviços o merecessem, pedir-vos-ia piedade para este tão atribulado coração, antes que ele todo com lágrimas seja desfeito; e a mercê que vos, senhora, peço não para meu descanso, que as cousas verdadeiramente amadas quanto mais delas se alcança muito mais o desejo e o cuidado aumenta e cresce, mas porque acabando tudo, acabaria aquele que não pensa noutra coisa senão em vos servir.

– Meu senhor– disse Oriana –, tudo o que me dizeis creio eu sem dúvida, porque o meu coração, no que sente, me mostra ser verdade; mas digo-vos que não me parece sensato o que fazeis em tomar tal coita como Gandalim me disse, porque disso não pode resultar senão o ser causa de se descobrirem nossos amores, de que tanto mal nos poderia ocorrer, o que, acabando a vida de um, a do outro suster não se poderia. E por isto vos mando, por aquele senhorio que sobre vós tenho, que, pondo temperança em vossa vida, a punhais na minha, que nunca pensa senão em buscar maneira de como

vossos desejos tenham descanso.

– Senhora– disse ele -, em tudo farei eu vosso mandado senão naquilo para o qual as minhas forças não bastam.

– E o que é? – disse ela.

– O pensamento – disse ele – , que meu juízo não pode resistir àqueles mortais desejos pelos quais é atormentado cruelmente.

– Nem eu digo – disse ela – que de tudo o aparteis, mas que seja com aquela medida que vos não deixe assim perecer perante os homens bons, porque a vida assim pondo em risco já conheceis o que se ganhará, como tenho dito; e, meu senhor, eu vos digo que fiquéis com meu pai, se ele vo-lo rogar, para que as cousas que vos ocorrerem façais por meu mandado; e de aqui em diante falai comigo sem vergonha, dizendo-me as cousas que vos mais agradarem, que eu farei o que me for possível.

– Senhora – disse ele -, eu sou vosso e por vosso mandado vim, não farei senão aquilo que mandais.

Mabília chegou-se e disse:

– Senhora, deixai-me ter alguma parte desse cavaleiro.

– Chegai – disse Oriana – que quero vê-lo enquanto com ele falais.

Então disse-lhe:

– Senhor primo, sejai mui bem-vindo, que grande prazer nos haveis dado.

– Senhora prima – disse ele -, e vós mui bem-vinda, que em qualquer parte que vos visse era obrigado a vos querer e amar, e muito mais nesta, onde acatando o que é devido haveis piedade de mim.

Disse ela:

– Em vosso serviço porei eu a minha vida e meus serviços; mas bem sei, segundo o que desta senhora conheço, que escusados podem ser.

Gandalim, que a manhã via chegar, disse:

– Senhor, ainda que vos não agrade, o dia, que vem próximo, nos obriga a partir daqui.

Oriana disse:

– Senhor, agora ide-vos, e fazei como vos disse.

Amadis, tomando-lhe as mãos, que pela grade da janela Oriana fora tinha, limpando-lhe com elas as lágrimas que pelo rosto lhe caíam, beijando-lhas muitas vezes, afastou-se delas; e cavalgando em seus cavalos, chegaram antes que a alva

rompesse nas tendas, onde, desarmando-se, se deitou no seu leito sem que de ninguém sentido fosse. As donzelas levantaram-se e uma ficou para fazer companhia a Amadis e a outra foi-se à vila; e sabeis que ambas eram irmãs e primas direitas da dona por quem Amadis a batalha fizera. Amadis dormiu até ao sol romper, e levantando-se, chamou Gandalim e mandou que se fosse à vila, assim como sua senhora e Mabília lhe tinham mandado. Gandalim foi-se e Amadis ficou falando com a donzela; e não tardou muito que viu vir a outra que à vila fora, chorando fortemente e ao melhor andar de seu palafrém. Amadis disse:

– Que é isso, minha boa amiga? Quem vos fez pesar? Que se Deus me ajude, ele será mui bem emendado, se antes não perco o corpo.

– Senhor – disse ela -, em vós está todo o remédio.

– Agora dissei-mo – disse ele –, e se vos eu não der direito, não mais façais companhia a cavaleiro estrangeiro.

Quando isto ouviu a donzela disse-lhe:

– Senhor, a dona nossa prima, por quem a batalha fizestes, está presa, que o Rei lhe manda que faça ali ir o cavaleiro que por ela combateu; se não, que não sairá da vila de nenhuma guisa; e bem sabeis vós que o não pode fazer, que nunca foi sabedora de vós; e el-Rei vos manda buscar por todas as partes com muita sanha contra ela, crendo que por sua sabedoria estais escondido.

– Mais quisera – disse ele – que fosse de outra guisa, porque eu não sou de tanta nomeada para me fazer conhecer a tão alto homem; e digo-vos que, ainda que todos os de sua casa me faltassem, eu não daria um passo para lá ir senão por força; mas não posso deixar de fazer o que quiserdes, que muito vos amo e prezo.

Elas ajoelharam-se diante dele, agradecendo-lho muito.

– Agora vão-se – disse ele – e uma de vós vá à dona e diga-lhe que faça el Rei prometer que não pedirá nada ao cavaleiro contra sua vontade, e eu lá estarei amanhã à hora da terça.

A donzela se tornou logo e disse-o à dona, com que a fez mui alegre, e foi-se diante d'el Rei e disse-lhe:

– Senhor, se outorgais que não pedireis nada ao cavaleiro contra sua vontade, estará aqui amanhã à hora da terça; e se não, nem o haverei eu nem vós o conhecereis, que, se Deus me ajude, eu não sei quem é, nem por qual razão por mim quis combater.

El Rei o outorgou, que grande desejo tinha de o conhecer. Com isto foi-se a

dona, e as novas soaram pelo palácio e pela vila dizendo: aqui estará amanhã o bom cavaleiro que a batalha venceu. E todos haviam com isso grande prazer porque desamavam Dardão pela sua soberba e má condição; e a donzela tornou-se a Amadis e disse-lhe como o pacto fora outorgado com el-Rei, como a dona tinha pedido.

CAPÍTULO XV¹

Como Amadis se deu a conhecer ao rei Lisuarte e aos grandes da sua corte e foi por todos mui bem recebido

Amadis folgou aquele dia com as donzelas, e no dia seguinte pela manhã armou-se e cavalgando em seu cavalo, apenas levando consigo as donzelas, dirigiu-se à vila. El Rei estava no seu palácio, que não sabia por onde o cavaleiro viria. Amadis foi à pousada da dona e, quando o viu, caiu de joelhos ante ele, e disse:

– Ai, senhor, tudo quanto eu tenho vós mo destes!

Ele levantou-a e disse:

– Dona, vamos ante el Rei, e dando-vos por quite², serei eu livre para voltar onde tenho de ir.

Então, tirou o elmo e o escudo e tomou consigo a dona e as donzelas e foi-se ao palácio, e por onde passavam diziam todos:

– Este é o bom cavaleiro que venceu Dardão.

El Rei, que o ouviu, saiu a ele com grande companhia de cavaleiros, e quando o viu, dirigiu-se a ele com os braços estendidos, e disse-lhe:

– Amigo, sede bem-vindo, que muito vos havemos desejado.

Amadis ajoelhou ante ele e disse-lhe:

– Senhor, Deus vos mantenha em honra e alegria.

El Rei tomou-o pela mão e disse-lhe:

– Assim Deus me ajude, eu vos tenho pelo melhor cavaleiro do mundo.

– Senhor – disse ele –, com mais razão se pode dizer serdes vós o rei que no mundo mais vale; mas, dizei-me, a dona está quite?

– Sim – disse ele –, e tanto vos deve agradecer esta vinda como a batalha que fizestes; que não sairia desta vila até que aqui vos trouxesse.

¹ Capítulo traduzido por Mónica Paula Rouxinol Machado

² Satisfeita (ou seja, tendo cumprido a promessa).

– Senhor – disse Amadis –, todas as cousas que fizerdes fareis com direito, mas crede que a dona nunca soube quem a batalha fez senão agora.

Muito se maravilharam todos com a grande formosura deste Amadis e de como, sendo tão moço, pôde vencer Dardão, que tão valente e esforçado era que em toda a Grã-Bretanha o receavam e temiam. Amadis disse ao Rei:

– Senhor, pois a vossa vontade está então satisfeita e a dona quite, a Deus ficai encomendado; e vós sois o rei do mundo a quem eu antes de todos os outros serviria.

– Ai, amigo! – disse el Rei -, essa ida não fareis vós tão cedo, se me não quizerdes causar grande pesar.

Disse ele:

– Deus me guarde disso; antes, assim Deus me ajude, tenho no coração ideia de vos servir, se eu fosse digno de o merecer.

– Pois que assim é – disse el Rei –, rogo-vos muito que fiquéis hoje aqui.

Ele o outorgou, sem mostrar que lhe prazia. El Rei tomou-o pela mão e levou-o a uma formosa câmara onde o fez desarmar e onde todos os outros cavaleiros, que ali em grande conta vinham, se desarmavam, pois este era o rei do mundo que mais os honrava e mais os tinha em sua casa; e ordenou que lhe dessem um manto que o cobrisse; e chamando o rei Arbão de Norgales e o Conde de Glocestre, disse-lhes:

– Cavaleiros, fazei companhia a este cavaleiro, que bem parece na companhia de homens bons.

E ele se foi à Rainha e disse-lhe que tinha em sua casa o bom cavaleiro que a batalha vencera.

– Senhor – disse a Rainha –, muito me praz. E sabeis qual o seu nome?

– Não – disse el rei –, que pela promessa que fiz não ousei perguntar-lhe.

– Por ventura – disse ela –, será o filho do rei Periom de Gaula?

– Não sei – disse o Rei.

– Aquele escudeiro – disse a Rainha – que com Mabília está falando anda em busca dele e diz que soube novas que vinha a esta terra.

El Rei mandou-o chamar e disse-lhe:

– Vinde atrás de mim e saberei se conheceis um cavaleiro que em meu palácio está.

Gandalim foi-se com o Rei e como sabia o que havia de fazer, logo que viu Amadis, pôs-se de joelhos ante ele, e disse:

– Ai, senhor Amadis, há muito que vos demando!

– Amigo Gandalim – disse ele – sejas bem-vindo. E que novas há do rei da Escócia?

– Senhor – disse ele –, muito boas, e de todos os vossos amigos.

Ele foi abraçá-lo e disse:

– Agora, meu senhor, não há mister de vos encobrir, que vós sois aquele Amadis, filho do rei Periom de Gaula, e o vosso conhecimento e dele foi quando matastes em batalha aquele prezado rei Abiés da Irlanda, por onde lhe restituístes o seu reino que já quase perdido tinha.

Então chegaram-se todos para o ver mais que antes, pois já dele sabiam ter feito tais cousas em armas que outro nenhum podia fazer. Assim passaram aquele dia fazendo-lhe todos muita honra; e chegada a noite, levou-o consigo à sua pousada o rei Arbão de Norgales por conselho d’el Rei e disse-lhe que trabalhasse muito para que o fizesse ficar em sua casa. Aquela noite albergou Amadis com o rei Arbão de Norgales, mui bem servido e a seu prazer. El Rei Lisuarte falou com a Rainha dizendo-lhe como não podia deter Amadis e que tinha muita vontade que um homem tão assinalado no mundo ficasse em sua casa, que com tais eram os príncipes mui honrados e temidos, e que não sabia que maneira tivesse para isso.

– Senhor – disse a Rainha -, mal ficaria a tão grande homem como vós que, vindo tal cavaleiro a vossa casa, dela se partisse sem lhe outorgardes tudo quanto ele pedisse.

– Não me pede nada – disse el Rei -, que tudo lho outorgaria.

– Pois eu vos direi como será: rogai-lho, ou alguém de vossa parte; e se não o fizer, dizei-lhe que me venha ver antes que se parta, e rogar-lho-ei, com minha filha Oriana e com sua prima Mabília, que muito o conhecem desde o tempo que era donzel e as servia; e dizer-lhe-ei que todos os outros cavaleiros são vossos e queremos que ele seja nosso para o que houvermos mister.

– Muito bem o dizeis – disse ele –, e desse modo sem dúvida ficará; e se não o fizesse, com razão poderíamos dizer ser mais curto de educação que grande de esforço.

O rei Arbão de Norgales falou aquela noite com Amadis, mas não pôde dele alcançar nenhuma esperança que ficaria; e no outro dia foram ambos ouvir missa com el Rei e depois que foi dita, Amadis foi despedir-se d’el Rei, e el Rei disse-lhe:

– Por certo, amigo, muito me pesa a vossa ida e, pela promessa que fiz, não ousou

pedir-vos nada que não sei se vos pesaria, mas a Rainha tem vontade que a vejais antes de partirdes.

– Isso farei de bom grado – disse ele.

Então tomou-o pela mão e foi-se onde a Rainha estava e disse-lhe:

– Vede aqui o filho d’el rei Périom de Gaula.

– Assim Deus me salve, senhor – disse ela –, eu tenho muito prazer e ele seja mui bem-vindo.

Amadis quis beijar-lhe as mãos, mas ela fê-lo sentar-se junto a si, e el Rei voltou para junto dos seus cavaleiros, que muitos deixara no patim; a Rainha falou com Amadis sobre muitas cousas, e ele respondia-lhe muito sagazmente, e as damas e donzelas ficavam mui maravilhadas ao ver a sua grande formosura; e ele não podia erguer os olhos sem procurar a sua senhora Oriana; e Mabília veio abraçá-lo como se não o tivesse visto. A Rainha disse à sua filha:

– Recebei vós este cavaleiro que vos tão bem serviu quando era donzel e servirá agora quando cavaleiro, se lhe não falta medida, e ajudai-me todas a rogar o que eu lhe pedir.

Então disse:

– Cavaleiro, el Rei meu senhor queria muito que ficásseis com ele e não o consegui, agora quero ver quanto mais favor conseguem dos cavaleiros as mulheres do que os homens, e rogo-vos eu que sejais meu cavaleiro e de minha filha e de todas estas que aqui vedes; com isto fareis medida e evitar-nos-eis enfrentarmo-nos com el Rei, não lhe pedindo nenhum cavaleiro para as nossas cousas, pois, tendo-vos a vós, todos os seus poderemos escusar.

E foram todas rogar-lhe, e Oriana fez-lhe sinal com o rosto que lhes o outorgasse; a rainha disse-lhe:

– Pois cavaleiro, que fareis deste nosso pedido?

– Senhora – disse ele –, quem faria al senão vosso mandado, que sois a melhor rainha do mundo e destas senhoras todas? Eu, senhora, fico pelo vosso pedido e de vossa filha e depois de todas as outras; mas digo-vos que não serei de nenhum outro senão vosso. E se ao Rei em algo servir, será como vosso e não como seu.

– Assim vos recebemos eu e todas as outras – disse a Rainha.

Logo o mandou dizer ao Rei, o qual ficou muito alegre e mandou pedir ao Rei Arbão de Norgales que o trouxesse e assim o fez; e vindo até ele, abraçando-o com

grande amor, disse-lhe:

– Amigo, agora estou muito alegre por ter acabado isto que tanto desejava, e por certo tenho vontade que de mim recebais mercês.

Amadis teve-lho por assinalada mercê. Desta maneira que ouvis ficou Amadis em casa do rei Lisuarte por mandado de sua senhora.

Aqui o autor deixa de falar disto e torna a história a falar de D. Galaor. Partido D. Galaor da companhia do Duque de Bristoia, onde lhe causara tanto mal o anão, foi-se por aquela floresta a que chamavam Arnida e andou até cerca da hora de vésperas sem saber onde estivesse, nem encontrar povoado algum; e naquela hora ele alcançou um gentil escudeiro que ia em cima de um mui galante rocim¹; e o cavaleiro Galaor, que uma mui grande e terrível chaga levava, a qual fizera um dos três cavaleiros que o anão trouxera à barca, e que tinha piorado muito ao cumprir a sua vontade com a donzela, disse-lhe:

– Bom escudeiro, saberíeis dizer-me onde poderia ser curado de uma ferida?

– Um lugar sei eu – disse o escudeiro –, mas ali não ousam ir tais como vós; e se vão, saem escarnecidos.

– Deixemos isso – disse ele. Haveria lá quem da chaga me curasse?

– Antes creio – disse o escudeiro – que encontrareis quem outras vos faça.

– Mostrai-me onde é – disse Galaor – e verei isso de que me quereis espantar.

– Isso não farei eu, se não quiser – disse ele.

– Ou tu o mostrarás – disse Galaor – ou eu farei com que o mostres, que és tão vilão que coisa que em ti se faça a mereces com razão.

– Não podeis vós fazer coisa – disse ele – pela qual a tão mau cavaleiro e tão sem virtude eu faça prazer.

Galaor deitou mão à espada para lhe pôr medo e disse:

– Ou tu me guiarás ou deixarás aqui a cabeça.

– Eu vos guiarei – disse o escudeiro – onde a vossa loucura seja castigada e eu vingado do que me fazeis.

Então foi pelo caminho e Galaor atrás dele, fora do caminho, e andando cerca de uma légua chegaram a uma formosa fortaleza que era num vale coberto de árvores.

– Vedes aqui – disse ele – o lugar que vos disse; deixai-me ir.

– Vai-te – disse ele –, que pouco me pago da tua companhia.

¹ cavalo pequeno

– Menos vos pagareis dela – disse ele – dentro em pouco.

Galaor foi-se para a fortaleza e viu que estava feita de novo; e chegando à porta viu um cavaleiro bem armado em seu cavalo e com cinco peões também armados, e disseram a Galaor:

– Sois vós aquele que traz o nosso escudeiro preso?

– Não sei – disse ele – quem é o vosso escudeiro, mas eu fiz vir aqui um que era o pior e de pior vontade que nunca em homem vi.

– Bem pode ser esse – disse o cavaleiro –; mas vós, que demandais daqui?

– Senhor – disse Galaor –, ando mal chagado de uma ferida e queria que me curassem dela.

– Pois entrai – disse o cavaleiro.

Galaor foi adiante, e os peões o cometeram por um cabo e o cavaleiro pelo outro, e foi-se a ele um vilão, e Galaor, sacando-lhe das mãos um machado, tornou ao cavaleiro e deu-lhe com ele tão grande golpe que não houve mister físico; e deu nos peões de tal maneira que matou três deles e os outros dois fugiram para o castelo, e Galaor atrás deles, e o seu escudeiro lhe disse:

– Tomai, senhor, vossas armas, que mui grande volta oiço no castelo.

Ele assim o fez e o escudeiro tomou um escudo dos mortos e um machado e disse:

– Senhor, contra os vilões ajudar-vos-ei, mas em cavaleiro não porei mão, pois perderia para sempre a possibilidade de ser cavaleiro.

Galaor disse-lhe:

– Se eu encontrar o bom cavaleiro que busco, cedo te farei cavaleiro.

E logo foram adiante e viram vir dois cavaleiros e dez peões, e vinham pelos dois que fugiam; e o escudeiro que ali a Galaor guiara estava numa janela dando vozes dizendo:

– Matai-o, matai-o, mas guardai o cavalo e será para mim.

Galaor, quando isto ouviu, crescido de grande nojo, deixou-se correr contra eles e eles contra ele, e quebraram as suas lanças, mas ao que Galaor encontrou não houve mister tomar armas, e voltou-se contra o outro com a espada na mão com grande ardimento, e no primeiro golpe que lhe deu derrubou-o do cavalo, e voltou-se mui rápido contra os peões e viu como o escudeiro havia morto dois deles, e disse-lhe:

– Morram todos, que traidores são.

E assim o fizeram que nenhum escapou. Quando isto viu o escudeiro que à janela estava olhando, foi subir com grande pressa a uma torre por uma escada, dizendo a vozes:

– Senhor, armai-vos; senão morto sois.

Galaor foi para a torre e, antes que chegasse, viu vir um cavaleiro todo armado, e ao pé da torre lhe tinham um cavalo e queria cavalgar. Galaor, que do seu descera porque não pôde entrar por um portal, chegou-se a ele e travando-lhe a rédea disse:

– Cavaleiro, não cavalgueis, que não sou de vós assegurado.

O cavaleiro virou para ele o rosto e disse:

– Vós sois aquele que matou os meus primos e a gente deste meu castelo?

– Não sei por quem falais – disse Galaor –, mas digo-vos que aqui encontrei a pior gente e mais falsa que já vi.

– Por boa fé – disse o cavaleiro –, aquele que vós matastes melhor é que vós, e vós o pagareis mui caro.

Então deixaram-se ir um ao outro assim a pé como estavam e fizeram a sua batalha mui crua, pois era mui bom cavaleiro o do castelo, e não havia homem que a visse que não se maravilhasse; e assim andaram ferindo-se um grande bocado. Mas o cavaleiro, não podendo já sofrer os grandes e duros golpes de Galaor, começou a fugir e ele atrás dele, e assim foi até debaixo de um portal, pensando saltar de uma janela para um adarve¹, mas com o peso das armas não pôde saltar para onde queria e caiu abaixo numas pedras, e tão alto era que se fez em pedaços; e Galaor, que assim o viu cair, tornou-se, maldizendo o castelo e os moradores. Assim estando ouviu vozes numa câmara que diziam:

– Senhor, por mercê, não me deixeis aqui!

Galaor chegou à porta e disse:

– Pois abri.

E disse:

– Senhor, não posso, que estou presa numa corrente.

Galaor deu com o pé na porta e, derrubando-a, entrou dentro e encontrou uma formosa dama que tinha à garganta uma corrente grossa, e disse-lhe ela:

– Senhor, que é do senhor do castelo e da outra gente?

Ele disse:

¹ Rua estreita sobre o muro da fortaleza

– Todos são mortos. E que ele viera ali buscar quem de uma chaga o curasse.

– Eu vos curarei – disse ela –; e tirai-me deste cativoiro.

Galaor quebrou o cadeado e tirou a dona da câmara; mas antes ela tomou de uma arquinha duas bocetas que ali o senhor do castelo tinha com outras cousas para aquele mister, e foram-se à porta do castelo, e ali encontrou Galaor o primeiro com quem justara¹, que ainda estava mexendo, e passou o seu cavalo para cima dele um bocado, e saíram para fora do castelo; Galaor olhou para a dona e viu que era formosa à maravilha, e disse-lhe:

– Senhora, eu vos libertei da prisão e estou nela caído, se vós não me acorreis:

– Acorrerei – disse ela – em tudo o que mandardes; que se de outra guisa o fizesse, de mau agradecimento seria, segundo a grande tribulação de onde me tirastes.

Com estas tais razões amorosas e de boa vontade, e com as manhas de D. Galaor, e com as da dona, que por ventura a elas conformes eram, puseram em obra aquilo que não sem grande embaraço deve ser em escrito posto; finalmente, aquela noite albergaram na floresta com uns caçadores nas suas tendas, e ali o curou a dona da ferida e do bom desejo que lhe havia mostrado; e contou-lhe como sendo ela filha de Lelois o Flamengo, a quem então havia dado o Rei Lisuarte o condado de Clara, e de uma dona que por amiga tinha tido; – e estando aí – disse ela – com minha mãe num mosteiro que é perto daqui, aquele soberbo cavaleiro que matastes me pediu em casamento; e porque meu pai o desprezou, aguardou um dia que eu folgava com outras donzelas e tomou-me e levou-me para aquele castelo, e pondo-me naquela mui áspera prisão, disse-me:

– Vós me recusastes como marido, e a minha fama e honra foi por vós rebaixada, e digo-vos que daqui não saireis até que vossa mãe e vós e os vossos parentes me roguem que vos tome por mulher.

– E eu, que mais que outra coisa no mundo o desamava, tomei por melhor remédio, confiando na mercê de Deus, estar ali naquela pena algum tempo, que para sempre a ter estando com ele casada.

– Pois, senhora, – disse Galaor – que farei de vós, que eu ando por muitos caminhos em cousas em que vos seria penoso acompanhar-me?

– Que me leveis – disse ela – ao mosteiro onde está minha mãe.

– Pois guiai – disse Galaor – e eu vos seguirei.

Então entraram no caminho e chegaram ao mosteiro antes que o sol posto fosse,

¹ lutara

onde tanto a donzela como Galaor foram com muito prazer recebidos, e muito melhor desde que a donzela lhes contou as estranhas cousas que em armas haviam sucedido. Ali repousou Galaor a rogo daquelas senhoras.

O autor aqui deixa de contar isto e torna a falar de Agrajes, do que lhe sucedeu depois que veio da guerra de Gaula.

CAPÍTULO XVI¹

Em que se trata do que Agrajes viu depois que veio da guerra de Gaula e de algumas cousas que fez.

Agrajes, regressado da guerra de Gaula no tempo em que Amadis, havendo em batalha morto ao rei Abiés de Irlanda, tinha conhecido seu pai e mãe, como vos foi contado, e preparando-se para passar à Noruega, onde sua senhora Olinda estava, foi um dia a correr monte; e estando na ribeira do mar, em cima de uma pedra, subitamente um granizo com grandíssimo vento sobreveio, que fez o mar embravecer-se de desigual maneira; pelo qual uma nau, revolta muitas vezes com a força das ondas e em perigo de ser afundada, viu. Movido de grande piedade, vinda a noite, grandes fogos fez acender, para que o sinal deles causa da salvação da gente da nau fosse, esperando ele ali o fim que aquele grande perigo tivesse. Finalmente, a força dos ventos, a sabedoria dos marinheiros e, sobretudo, a misericórdia do verdadeiro Senhor, aquela fusta, que muitas vezes por perda se teve, ao porto, sendo salva, fizeram chegar. De onde, tiradas algumas donzelas com grande perturbação pelo presente perigo, a Agrajes, que em cima das rochas estava gritando a seus monteiros que com grande diligência os ajudassem, foram entregues, o qual as enviou a umas casas perto de onde seu albergue tinha.

Pois saída a gente da nau e aposentados naquelas casas, depois de haverem ceado ao redor dos grandes fogos que Agrajes lhes tinha mandado fazer, muito profundamente dormiam. Neste meio tempo, as donzelas, aposentadas por seu mandato na sua própria câmara, para que mais honra e serviço recebessem, ainda por ele não tinham sido vistas. Mas estando já a gente sossegada, como cavaleiro mancebo desejoso de ver mulheres, mais para as servir e honrar do que para fazer seu coração sujeito em outra parte que antes estava, quis por entre as portas da câmara olhar o que faziam; e

¹ Capítulo traduzido por Fábio Rocha

vendo-as estar ao redor de um fogo, falando com muito prazer no remédio do perigo passado, conheceu entre elas aquela formosa infanta Olinda, sua senhora, filha do rei de Noruega; porque ele, que assim no reino de seu pai como no dela e em outras partes muitas cousas em armas havia feito, ao ver aquela que seu coração, sendo livre, com tanta força cativado e subjugado tinha, atormentado de grandes tristezas e cuidados muitas das suas forças quebradas tinha, atraindo aos seus olhos infinitas lágrimas. Pois alterado com tal vista, ocorrendo-lhe à memória o grande perigo em que a vira e a parte onde sem ela se teria visto, como fora do seu sentido, disse:

– Ai Santa Maria, valei-me, que esta é a senhora de meu coração!

O qual por ela ouvido, não suspeitando o que era, a uma de sua donzela mandou saber o que era aquilo. Esta, pois, abrindo a porta, ali a Agrajes, como transportado, viu estar; o qual, fazendo-se-lhe conhecer, e ela dizendo-o a sua senhora, não menos alegre se fazendo do que ele estava, o mandou entrar; onde, depois de muitos actos amorosos entre eles passados, dando fim a seus grandes desejos, aquela noite com grande prazer e grande gozo de seus ânimos passaram. E esteve ali aquela companhia em muito descanso seis dias, até que o mar amansado fosse, e todos eles passou Agrajes com sua senhora, sem que ninguém, nem de uns nem de outros, o sentissem, salvo as suas donzelas. Pois então soube ele como Olinda ia para a Grã-Bretanha para viver em casa do rei Lisuarte com a rainha Brisena, aonde seu pai a enviava; e ele disse-lhe como estava preparado para ir à Noruega, de onde ela era, mas pois que Deus lhe havia dado tal ventura, que a sua viagem passaria a ser para onde ela fosse, para a servir e ver o seu primo Amadis, que ali pensava encontrar. Olinda agradeceu-lho muito e rogou-lhe e mandou-lhe que assim o fizesse.

Isto acertado, ao cabo daqueles seis dias, estando o mar em tanta bonança que sem nenhum perigo por ele navegar podiam, partiram todos para o mar; despedindo-se de Agrajes, seguiram seu caminho, e sem obstáculo algum que lhes causasse estorvo, chegaram à Grã-Bretanha, onde, desembarcados, e à vila de Vindissora chegados, onde o rei Lisuarte estava, assim por ele como pela rainha e por sua filha e por todas as outras donas e donzelas, Olinda mui bem recebida foi, considerando ser de tão alta linhagem e sobrada formosura.

Agrajes, que na ribeira do mar ficara olhando aquela nau em que aquela sua muito amada senhora ia, quando a perdeu de vista, voltou para Briantes, aquela vila onde o rei Languines, seu pai, estava; e achando ali D. Galvães Sem Terra, seu tio,

achou que seria bom ir-se à corte do rei Lisuarte, onde tantos cavaleiros bons viviam, porque ali, mais que em outra parte, honra e fama podiam ganhar, o que se perdia tudo naquela terra, onde não podiam exercitar seus corações senão com gentes de pouco valor em armas. D. Galvães, que bom cavaleiro era, desejoso de ganhar honra, sem que o impedisse nenhum senhorio que tivesse de governar, porque ele não possuía senão somente um castelo, pareceu-lhe bem fazer aquele caminho que Agrajes, seu sobrinho, lhe dissera; e despedidos do rei Languines, entrando no mar e somente levando consigo suas armas e cavalos e escudeiros, o bom tempo que fazia os levou em pouco espaço de tempo à Grã-Bretanha, a uma vila que tinha nome Bristoia; e dali partindo e caminhando por uma floresta, à saída dela encontraram uma donzela, a qual lhes perguntou se sabiam se aquele caminho ia para a Penha de Galtares.

– Não – disseram eles. Mas por que o perguntais? – disse Agrajes.

– Por saber – disse ela – se encontrarei aí um bom cavaleiro que me dê remédio a uma grande coita que comigo trago.

– Errada ides – disse Agrajes – que nessa penha que dizeis não encontrareis outro cavaleiro senão aquele bravo gigante Albadão que, se vós coita levais, segundo suas más obras, ele a dobrará.

– Se vós soubésseis o que eu sei não o teríeis por erro – disse ela -, que o cavaleiro que eu demando combateu com esse gigante e matou-o em batalha de um contra um.

– Por certo, donzela – disse Galvães – maravilhas nos dizeis, que não sabemos de nenhum cavaleiro que com nenhum gigante combatesse, ainda mais com aquele que é o mais bravo e esquivo que há em todas as ilhas do mar, se não foi o rei Abiés de Irlanda que combateu com um, ele armado e o gigante desarmado, e o matou; e ainda assim acharam que foi a maior loucura do mundo.

– Senhores – disse a donzela –, mais à maneira de bom cavaleiro o fez esse outro que eu digo.

Então lhes contou como fora a batalha e eles ficaram maravilhados; e Agrajes perguntou à donzela se sabia o nome do nobre cavaleiro que tal esforço cometera.

– Sim, sei – disse ela.

– Pois rogo-vos muito – disse Agrajes – por cortesia, que no-lo digais.

– Digo-vos – disse ela – que o seu nome é D. Galaor, e é filho do rei de Gaula.

Agrajes estremeceu todo e disse:

– Ai donzela, como dizeis as novas no mundo que mais alegre me fazem em saber daquele meu primo que mais por morto que por vivo tinha.

Então contou a D. Galvães o que sabia de Galaor, como o tomara o gigante e que até ali ninguém soubera dele novas.

– Por certo – disse Galvães –, a vida dele e de seu irmão Amadis não tem sido senão maravilhas, bem como o começo de suas armas, tanto que duvido que no mundo outros iguais a eles se pudessem encontrar.

Agrajes disse à donzela:

– Amiga, que quereis vós a esse cavaleiro que buscais?

– Senhor – disse ela –, queria que acesse a uma donzela que por ele está presa; e fê-la prender um anão traidor, a mais falsa criatura que há em todo o mundo.

Então lhes contou tudo quanto aconteceu a Galaor com o anão, como já foi contado, mas de Aldeva, sua amiga, não lhes disse nada.

– E, senhores, porque a donzela não quer consentir no que o anão diz, o Duque de Bristoia jura que a fará queimar daqui a dez dias; e isto é motivo de coita para as outras donas, se a donzela, com medo da morte, quiser condenar alguma delas dizendo que levou Galaor ali para aquele fim. E dos dez dias são passados quatro.

– Pois que assim é – disse Agrajes –, não passeis mais adiante, que nós faremos o que Galaor faria; se não for à força, será por vontade, e agora guiai-nos em nome de Deus.

A donzela voltou pelo caminho que tinha vindo e eles a seguiam, e chegaram a casa do Duque um dia antes que a donzela fosse queimada, no momento em que o Duque se sentava a comer; e descendo dos cavalos, entraram assim armados onde ele estava. O Duque saudou-os, e eles a ele, e disse-lhes que comessem.

– Senhor – disseram eles –, antes vos diremos a razão de nossa vinda.

E D. Galvães lhe disse:

– Duque, vós tendes uma donzela presa por palavras falsas e más que vos disse um anão; e muito vos rogamos que a mandeis soltar, pois que não tem culpa; e se sobre isto for mister batalha, nós a defenderemos contra outros dois cavaleiros que o desafio tomar queiram.

– Muito haveis dito – disse o Duque.

E mandou chamar o anão, e disse-lhe:

– Que dizes a isto que os cavaleiros dizem, que me fizeste prender a donzela

com falsidade e que a defenderão em batalha? Digo-te que convém que hajas quem te defenda.

– Senhor – disse o anão –, eu encontrarei quem faça verdade quanto eu disse.

Então chamou um cavaleiro, seu sobrinho, que era forte e membrudo, e que não parecia haver dívida para com ele, e disse-lhe:

– Sobrinho, convém que defendas a minha razão contra estes cavaleiros.

O sobrinho disse:

– Cavaleiros, que dizeis vós contra este leal anão que tomou grande desonra do cavaleiro que a donzela aqui trouxe? Por acaso sois vós? E provar-vos-ia que ele errou com o anão e que a falsa donzela deve morrer, porque o meteu na câmara do Duque.

Agrajes, que mais se queixava, disse:

– Por certo, nenhum de nós é esse, ainda que lhe queríamos parecer em seus feitos, nem ele errou; e eu combaterei convosco já; e a donzela digo que não deve morrer, e que o anão foi contra eles desleal.

– Pois seja logo a batalha – disse o sobrinho do anão.

E pedindo suas armas, se armou e cavalgou num bom cavalo, e disse para Agrajes:

– Cavaleiro, quisesse Deus que fôsseis vós o que aqui trouxe a donzela, que eu o faria comprar caro a sua desmesura.

– Por certo – disse Agrajes –, ele em pouco teria combater com tais dois como vós, sobre qualquer razão, quanto mais sobre esta, em que direito manteria.

O Duque deixou de comer e foi-se com eles e meteu-os num campo onde já algumas outras provas tinham sido lidadas. E disse-lhes:

– A donzela que eu tenho presa não ponho como razão de vossa batalha, pois a ela não se estende a ofensa que o anão recebeu.

– Senhor – disse Agrajes –, vós a prendestes pelo que o anão disse, e eu digo que vos disse falsidade; e se eu vencer este cavaleiro que mantém a sua razão, dar-no-la-eis com direito.

– Já vos disse o que penso – disse o Duque – e mais não farei.

E saindo de entre eles, foram-se acometer a grande correr dos seus cavalos; e ferindo-se bravamente com as lanças, que logo foram quebradas, e juntados dos corpos dos cavalos e dos escudos, caíram ambos, e cada um se levantou bravamente, e com grande raiva que se tinham, deitaram mão às suas espadas e acometeram-se a pé, dando-

se tão grandes e duros golpes, que todos os que olhavam estavam maravilhados. As espadas eram afiadas e os cavaleiros de muita força, e em pouco tempo foram suas armas de tal maneira maltratadas, que já não havia nelas muita defesa; os escudos estavam cortados em muitas partes e os elmos amassados. Galvães viu andar seu sobrinho esforçado e ligeiro e com mais iniciativa do que o outro, e ficou muito alegre; e se antes o apreciava, agora muito mais. E Agraies tinha tal manha que, ainda que ao começo muito vivo se mostrasse, parecendo por isso poder ficar depressa cansado, mantinha-se de tal forma em sua força, que muito mais ligeiro e acometedor se mostrava no final, assim que em algumas partes foi ao princípio em tão pouco tido que ao fim houve a vitória da batalha; pois assim o olhando, Galvães viu como o sobrinho do anão desistia e dizia para Agraies:

– Assaz combatemos, e parece-me que não é culpado o cavaleiro por quem vós combateis nem meu tio, o anão, que de outra maneira a batalha não durara tanto; e se quiserdes, acabe-se, dando por leal o cavaleiro e o anão.

– Por certo – disse Agraies – o cavaleiro é leal e o anão falso e mau, e não vos deixarei até que vossa boca o diga; e fazei por vos defenderdes.

O cavaleiro mostrou o seu poder, mas pouco proveito lhe teve, que já era muito chagado. E Agraies o feria com grandes golpes e amiúde; o cavaleiro não atendia a mais nada senão em cobrir-se com seu escudo. Quando o Duque assim o viu em aventura de morte, houve grande pesar, que o muito amava, e foi indo para o seu castelo para não o ver matar, e disse:

– Agora juro que não farei a cavaleiro andante senão todo o escárnio.

– Louca guerra cometeste – disse Galvães – em vos virar contra os cavaleiros andantes que querem emendar as ofensas.

Neste momento veio a cair aos pés de Agraies o cavaleiro, e ele lhe tirou o elmo, e deu-lhe grandes golpes com a maçã da espada no rosto e disse:

– Convém que digais que o anão fez torto ao cavaleiro.

– Ai, bom cavaleiro – disse o outro – não me mateis; e eu digo do cavaleiro por quem combatestes que é bom e leal e prometo-vos fazer tirar a donzela de prisão; mas, por Deus, não queirais que diga do anão, que é meu tio e me criou, que é falso.

Isto ouviam todos os que em redor olhavam. Agraies teve dó do cavaleiro e disse:

– Pelo anão não faria eu nada, mas por vós, que vos tenho por bom cavaleiro,

farei eu tanto que vos darei por quite, fazendo vós soltar a donzela da prisão.

O cavaleiro o outorgou. O Duque, que nada disso ouvia, ia já perto do castelo; e agarrou-o Galvães pelo freio e mostrou-lhe o sobrinho do anão aos pés de Agrajes, e disse:

– Aquele morto está, ou vencido. Que nos dizeis da donzela?

– Cavaleiro – disse o Duque –, sois mais que louco se pensais que eu faço outra coisa da donzela senão o que decidi e jurei.

– E o que jurastes vós? disse Galvães.

– Que a queimaria amanhã – disse o Duque –, se não me dissesse porque meteu o cavaleiro em meu palácio.

– Como! – disse Galvães – não no-la dareis?

– Não – disse o Duque –, nem vos detenhais mais neste lugar; senão eu mandarei tratar disso doutra maneira.

Então chegaram muitos de sua companhia e Galvães tirou a mão do freio e disse:

– Vós ameaçais-nos e não soltaste a donzela, que é o justo; eu vos desafio, por isso, por mim e por todos os cavaleiros andantes que me ajudar quiserem.

– E eu desafio-vos, a vós e a todos eles – disse o Duque – e em mau ponto andarão por minha terra.

D. Galvães voltou para onde Agrajes estava e disse-lhe o que com o Duque se passara e como eram os seus desafiados, de que foi muito raivoso e disse:

– Tal homem como este, em que direito não se pode alcançar, não deveria ser senhor de terra.

E cavalgando em seu cavalo, disse para o sobrinho do anão:

– Lembrai-vos do que me prometestes sobre a donzela e cumpri-o logo, a vosso poder.

– Eu farei tudo o que puder – disse ele.

Isto era já perto da hora de vésperas, que em tal hora acabou a batalha, e logo se foram dali e entraram numa floresta, que chamavam Arunda, e disse Galvães:

– Sobrinho, nós desafiámos o Duque; aguardemos aqui e prendê-lo-emos, e algum outro que passar.

– Bom é – disse Agrajes.

Então se desviaram do caminho e meteram-se numa mata espessa; e ali

desceram dos cavalos e enviaram os escudeiros à vila para que lhes trouxessem o que haviam mister; assim albergaram aquela noite. O Duque ficou mui sanhudo contra a donzela ainda mais do que antes, e fê-la vir ante si e disse-lhe que tratasse da sua alma, que no outro dia seria queimada se logo não dissesse a verdade do cavaleiro; mas ela não quis dizer nada. O sobrinho do anão ajoelhou ante o duque e disse-lhe a promessa que fizera, rogando-lhe por Deus que a donzela lhe desse, mas isto fora escusado, que o Duque antes perderia todo o seu estado do que quebrar o que jurara. Ao cavaleiro isto pesou muito, porque quisera quitar sua menagem. Pois no outro dia de manhã mandou o Duque trazer ante si a donzela, e disse:

– Escolhei entre o fogo ou dizer o que vos pergunto, que de uma destas não podereis escapar.

Disse ela:

– Fareis a vossa vontade, mas sem razão.

Então a mandou o Duque tomar a doze homens armados e dois cavaleiros armados com eles; e ele cavalgou sobre um grande cavalo com somente um bastão na mão, e foi-se com eles a queimar a donzela na beira da floresta; e ali chegados, disse o Duque:

– Agora lhe ponham fogo e morra com sua porfia.

Isto tudo viram muito bem D. Galvães e seu sobrinho, que estavam em vigia, não daquilo, mas de outra qualquer coisa com que o Duque enojar pudessem; como estavam armados, montaram rapidamente e mandaram a um escudeiro que não atendesse a mais nada senão em tomar a donzela e colocá-la a salvo. E partindo para lá, viram o fogo e como queriam já deitar donzela, mas ela teve tão grande medo que disse:

– Senhor, eu direi a verdade.

E o Duque, que se chegava para a ouvir, viu como vinham pelo campo D. Galvães e Agraes, e diziam a grandes vozes:

– Deixar vos convém a donzela.

Os dois cavaleiros saíram a eles e encontraram-se com suas lanças muito bravamente. Mas os cavaleiros do Duque foram ambos a terra e o que Galvães derrubou não precisou de físico. O Duque meteu a sua companhia entre si e eles. E Galvães lhe disse:

– Agora verás a guerra que tomaste.

E deixaram-se ir a ele; e o Duque disse a seus homens:

– Matai-lhes os cavalos e não se poderão ir.

Mas os cavaleiros se meteram entre eles tão bravamente, ferindo por todas as partes com suas espadas e atropelando-os com os cavalos, assim que os espalharam pelo campo, uns mortos e outros feridos, e os que ficaram fugiram a mais andar. Quando isto viu o Duque, não ficou seguro e começou a ir em direcção à vila quanto mais pôde e Galvães foi atrás dele um bocado dizendo:

– Ficai, senhor Duque, e vereis com quem tomaste guerra.

Mas ele não fazia senão fugir e chamar a grandes vozes que lhe acudissem; e voltando Galvães e seu sobrinho, viram que o escudeiro tinha a donzela em seu palafrém e ele estava num cavalo dos cavaleiros mortos, e foram-se com ela até à floresta. O Duque se armou com toda a sua companhia e chegando à floresta não viu os cavaleiros; e mandou os seus, cinco a cinco, a todas as partes, e ele foi-se com outros cinco por um caminho e esforçou-se muito de andar, tanto que, estando em cima de um vale, olhou para baixo e viu-os como iam com a sua donzela; e o Duque disse:

– Agora a eles, e não os poupem.

E foram ao mais correr dos cavalos. Galvães, que assim os viu, disse:

– Sobrinho, apareça a vossa habilidade em vos saberdes defender, que aí vem o Duque e os de sua companhia; eles são cinco, nem por isso se sintam em nós covardia.

Agrajes, que muito esforçado era, disse:

– Por certo, senhor tio, estando eu convosco, pouco daria por cinco da mesnada do Duque.

Nisto chegou e disse-lhes.

– Em mal ponto me desonrastes, e pesa-me que não serei vingado em matar tais como vós.

Galvães disse:

– Agora a eles.

Então se deixaram correr uns contra os outros, e feriram-se com as lanças nos escudos tão duramente que logo foram quebradas, mas os dois se mantiveram tão bem que não se moveram das selas, e deitando mão às suas espadas deram grandes golpes como aqueles que o bem sabiam fazer. E os do Duque os acometiam bravamente, assim que a batalha das espadas era entre eles brava e crua. Agrajes foi ferir o Duque com grande sanha e feriu-o sob a viseira do elmo, e foi o golpe tão certo que, cortando-lhe o elmo, lhe cortou o nariz até às bochechas. E o Duque, tendo-lhe por morto, começou a

fugir quanto mais pôde, e Agraes atrás dele; e não o podendo alcançar, voltou e viu como seu tio se defendia dos quatro e disse entre si: – Ai Deus, guarda tão bom cavaleiro destes traidores! E foi-os ferir bravamente, e Galvães feriu a um de tal maneira que a espada lhe escapou das mãos, e como o viu em braços, tomou-o pelo brocal do escudo e puxou-o tão fortemente que o derrubou em terra; e viu que Agraes derrubara um dos outros; e deixou-se ir Galvães aos que o feriram, mas eles não esperaram, que, fugindo pela floresta, não os puderam alcançar; e voltando para onde a donzela estava, perguntaram-lhe se havia ali perto algum povoado.

– Sim – disse ela –, que há uma fortaleza de um cavaleiro que se chama Olivas, que, por ser inimigo do Duque por um seu primo que lhe matou, vos acolherá de bom grado.

Então os guiou até que a ela chegaram; o cavaleiro os acolheu muito bem, e muito melhor quando soube o que lhes acontecera. Pois no outro dia se armaram e seguiram o seu caminho; mas Olivas os levou à parte e lhes disse:

– Senhores, o Duque me matou um primo direito, bom cavaleiro, à traição e eu o quero denunciar ante o rei Lisuarte; peço-vos conselho e ajuda como a cavaleiros que se andam metendo em grandes combates para manter lealdade e fazê-la manter aos que sem temor de Deus e de suas vinganças a quebram.

– Cavaleiro – disse Galvães –, obrigado sois à demanda dessa morte que disseste, se feiamente se fez, e nós a ajudar-vos se preciso for, tendo vós nisso justa causa; e assim o faremos, se o Duque na batalha alguns cavaleiros quiser meter; porque, como vós, não o amamos e somos seus desafiados.

– Muito vos agradeço – disse ele -, e quero ir convosco.

– Em nome de Deus – disseram eles.

Então armou-se e meteu-se com eles a caminho de Vindilisora, onde o rei Lisuarte cuidavam encontrar.

CAPÍTULO XVII¹

Como Amadis era mui bem quisto em casa do rei Lisuarte e das novas que soube de seu irmão Galaor

Foi-vos contado como Amadis ficou em casa d'el-rei Lisuarte, como cavaleiro da Rainha, no tempo em que na batalha matou aquele soberbo e valente Dardão; e ali, assim do Rei como de todos, era mui amado e honrado; e um dia enviou por ele a Rainha para lhe falar; e estando ante ela, entrou pela porta do palácio uma donzela, e dobrando os joelhos ante a Rainha disse:

– Senhora, está aqui um cavaleiro que traz as armas dos leões?

Ela entendeu logo que se referia a Amadis, e disse:

– Donzela, que lhe quereis?

– Senhora – disse ela –, eu lhe trago mandado de um cavaleiro novel que fez o mais alto e grande começo de cavalaria que nunca fez cavaleiro em todas as ilhas.

– Muito dizeis – disse a Rainha –, que muitos cavaleiros há nas ilhas e vós não sabereis a fazenda de todos.

– Senhora – disse a donzela –, verdade é; mas quando souberdes o que este fez, outorgareis em minha razão.

– Pois rogo-vos – disse a Rainha – que o digais.

– Se eu visse – disse ela – o mui bom cavaleiro que ele mais que todos os outros preza, eu lhe diria isto e outras muitas cousas que lhe manda dizer.

A Rainha, que teve vontade de o saber, disse:

– Vedes aqui o bom cavaleiro que demandais, e digo-vos verdadeiramente que é ele.

– Senhora – disse a donzela –, eu o creio, que tão boa senhora como vós não diria senão a verdade.

Então disse para Amadis:

– Senhor, o formoso donzel que fizeste cavaleiro ante o castelo de Baldoíde, quando vencestes os dois cavaleiros da ponte e os três da calçada e prendestes o senhor do castelo e tirastes por força de armas o amigo de Urganda, manda-se-vos encomendar, assim como aquele que vos tem em lugar de senhor; e envia-vos dizer que ele pugnaré por ser homem bom ou pagará com a morte; e que se ele for tal no preço e na honra da cavalaria, que vos dirá de sua fazenda mais do que agora vós sabeis; e se tal não

¹ Capítulo traduzido por Marco António Sousa Amaro

acontecer que o deveis prezar, que se calará.

Nisto Amadis se lembrou logo que era seu irmão, e as lágrimas lhe vieram aos olhos, em que repararam todas as donas e donzelas que aí estavam, e sua senhora mais que todas, de que mui maravilhada foi, considerando que, se por ela lhe podia vir coita tal que chorar o fizesse, que aquilo não de dor mas de grande prazer lhe vinha; a Rainha disse:

– Agora nos dizei do começo do cavaleiro que tanto louvais.

– Senhora – disse a donzela –, o primeiro lugar onde desafio tomou foi na Penha de Galtres, combatendo com aquele bravo e forte Albadão chamado, ao qual, em campo de um por um, venceu e matou.

Então contou a batalha como se tinha passado e ela a vira, e a razão por que fora.

A Rainha e todos foram mui maravilhados de coisa tão estranha.

– Donzela – disse Amadis –, sabeis vós para onde foi o cavaleiro, quando o gigante matou?

– Senhor – disse ela –, eu parti-me dele depois que a batalha venceu e deixei-o com outra donzela que o havia de guiar a uma sua senhora, que ali a enviara, e não vos posso dizer mais.

E partiu-se dali.

A Rainha disse:

– Amadis, sabeis quem seja aquele cavaleiro?

– Senhora, sei, ainda que não o conheça.

Então lhe disse como era seu irmão, e como o levava o gigante sendo menino, e o que Urganda dele lhe dissera.

– Por certo – disse a Rainha –, estranhas duas maravilhas são a criação vossa e sua, e como pôde ser que a vossa linhagem não conhecêsseis, nem eles a vós; e muito me prazeria ver tal cavaleiro em companhia d' el-Rei meu senhor.

Assim estiveram falando, como ouvis, um grande bocado. Mas Oriana, que de longe estava, não ouvia nada disto e estava mui sanhuda porque vira Amadis chorar; e disse para Mabilia:

– Chamai vosso primo e saberemos o que foi aquilo que lhe aconteceu.

Ela o chamou. E Amadis se foi para elas, e quando se viu ante sua senhora, todas as cousas do mundo se lhe puseram em esquecimento; e disse Oriana com semblante irado e turbado:

– De quem vos lembrastes com as novas da donzela que vos fez chorar?

Ele contou tudo como à Rainha o dissera. Oriana perdeu toda a sua turbção e ficou mui alegre, e disse-lhe:

– Meu senhor, rogo-vos que me perdoeis, que suspeitei do que não devia.

– Ai, senhora! – disse ele –, não há que perdoar, pois que nunca em meu coração entrou sanha contra vós.

Demais disto, lhe disse:

– Senhora, praza-vos que vá buscar meu irmão e o traga aqui em vosso serviço, que de outra guisa não virá ele.

E isto dizia Amadis para o trazer, que muito o desejava, e porque lhe parecia que folgaria muito por buscar algumas aventuras onde prez e honra ganhasse. Oriana lhe disse:

– Assim Deus me ajude, eu seria mui alegre que tal cavaleiro aqui viesse e morásseis juntos, e outorgo-vos a ida, mas dissei-o à Rainha e pareça que por seu mandado ides.

Ele lhe agradeceu mui humildemente, e foi-se à Rainha e disse:

– Senhora, bem seria que houvéssemos aquele cavaleiro em companhia d' el-Rei.

– Por certo – disse ela –, eu seria disso mui alegre, se se pode fazer.

– Sim, pode – disse ele –, dando-me vós, senhora, licença que o busque e o traga, que de outra forma não o haveremos cá, sem que muito tempo passe que ele haja ganhado mais honra.

– Em nome de Deus – disse ela –, eu vos outorgo a ida, com tal que, achando-o, vós volteis.

Amadis foi mui alegre, e despedindo-se dela e de sua senhora e de todas as outras, se foi à sua pousada; e no outro dia de manhã, depois de ter ouvido missa, armou-se e subiu em seu cavalo, apenas com Gandalim, que as outras armas lhe levava, e entrou em seu caminho. Por onde andou até à noite, que passou em casa de um infanção velho; e no outro dia, seguindo caminho, entrou numa floresta; e havendo já as duas partes do dia por ela andado, viu vir uma dona que trazia consigo duas donzelas e quatro escudeiros, e traziam um cavaleiro numas andas e eles choravam todos feramente. Amadis chegou a ela e disse:

– Senhora, que levais nestas andas?

– Levo – disse ela –, toda a minha coita e a minha tristura, que é um cavaleiro

com quem era casada, e vai tão mal chagado, que cuido que morrerá.

Ele se chegou às andas e alçou um pano que o cobria, e viu dentro um cavaleiro assaz grande e bem feito; mas de sua formosura não aparecia nada, que o rosto tinha negro e inchado e em muitos lugares ferido; e pondo a mão nele, disse:

– Senhor cavaleiro, de quem recebestes este mal?

Ele não respondeu e volveu um pouco a cabeça; então disse à dona:

– De quem houve este cavaleiro tanto mal?

– Senhor – disse ela –, de um cavaleiro que guarda uma ponte aqui adiante por este caminho; que nós, querendo passar, disse que antes convinha que dissesse se era de casa do rei Lisuarte; e o meu senhor disse que por que é que o queria saber. O cavaleiro lhe disse: «Porque não passará por aqui nenhum que seu seja que não o mate.» E o meu senhor lhe perguntou por que desamava tanto cavaleiros do rei Lisuarte. «Eu o desamo muito e quereria tê-lo em meu poder para dele me vingar.» Ele lhe respondeu por que tanto o desamava. Disse ele: «Porque tem em sua casa o cavaleiro que matou aquele esforçado Dardão, e por este receberá de mim e de outros muitos desonra.» E quando isto ouviu o meu marido, pesando-lhe aquelas palavras que o cavaleiro dizia, lhe disse: “Sabei que eu sou seu e seu vassalo, que por vós nem por outro não o negaria.» Então o cavaleiro da ponte, com grande raiva que dele houve, tomou suas armas o mais depressa que pôde e começaram sua batalha, mui crua e fera à maravilha, e no fim o meu senhor foi tão maltratado como agora vós, senhor, vedes; e o cavaleiro pensou que morto era e mandou-nos que o levássemos a casa do rei Lisuarte ao terceiro dia.

Amadis disse:

– Dona, dai-me um destes escudeiros que o cavaleiro me mostre, que pois ele recebeu este dano por amor de mim, a mim convém mais do que a outro vingá-lo.

– Como – disse ela –, vós sois aquele por quem ele desama o rei Lisuarte?

– Esse sou eu – disse –, e se posso, eu farei que não desame a ele nem a outro.

– Ai, bom cavaleiro – disse ela –, Deus vos dê boa viagem e vos esforce!

E dando-lhe um escudeiro que com ele fosse, se despediram. E a dona seguiu o seu caminho como antes e Amadis o seu; e tanto andou que chegaram à ponte e viu como o cavaleiro jogava às távolas com outro, e logo deixou o jogo e veio-se contra ele em cima de um cavalo e armado de todas suas armas, e disse:

– Quedai-vos, cavaleiro; não entreis na ponte se antes não jurais.

– E que jurarei? – disse ele.

– Se sois da casa do rei Lisuarte; e se seu sois, eu vos farei perder a cabeça.

– Isso não sei eu – disse Amadis –, mas digo-vos que sou de sua casa e cavaleiro da Rainha, sua mulher, mas isto não há muito.

– Desde quando o sois? – disse o cavaleiro da ponte.

– Desde quando aí veio uma dona desafiada.

– Como! – disse o cavaleiro – sois vós o que por ela combateu?

– Eu a fiz alcançar o seu direito – disse Amadis.

– Pela minha cabeça – disse o cavaleiro – eu vos faça perder a vossa cabeça, se puder, que vós matastes um dos melhores de minha linhagem.

– Eu não o matei – disse Amadis –, mas fi-lo desistir da soberba demanda que ele fazia e ele se matou como um mau descrente.

– Isso não vos adianta – disse o cavaleiro –, que por vós foi morto e não por outro, e vós morrereis por ele.

Então dirigiu-se para ele ao maior correr de seu cavalo, e Amadis a ele; e feriram-se ambos das lanças nos escudos e foram logo quebradas; mas o cavaleiro da ponte foi em terra sem tardança nenhuma, de que ele foi mui maravilhado que assim tão ligeiro o derrubara. E Amadis, que o elmo se lhe torcia na cabeça, endireitou-o, e em tanto teve o cavaleiro tempo de subir no cavalo e deu-lhe três golpes com a espada antes que Amadis à sua deitasse mão; mas deitando a ela mão, foi para o cavaleiro e feriu-o pela borda do elmo contra o fundo e cortou-lhe dele um bocado, e a espada chegou ao pescoço, e cortou-lho tanto que a cabeça não se pôde aguentar e ficou pendurada sobre os peitos, e logo foi morto. Quando isto viram os da ponte, fugiram. O escudeiro da dona foi espantado por tais golpes, um de lança e outro da espada. Amadis lhe disse:

– Agora vai-te e diz à tua senhora o que viste.

Quando ele isto ouviu, logo se foi sua via, e Amadis passou a ponte sem mais ali se deter; e andou pelo caminho até que saiu da floresta e entrou em uma mui formosa veiga e mui grande à maravilha, e pagou-se muito das ervas verdes que viu em todas as partes, como aquele que florescia na verdura e alteza dos amores; e olhou à sua direita e viu um anão de mui disforme gesto¹ que ia num palafrém; e chamando-o, lhe perguntou donde vinha. O anão respondeu-lhe e disse:

– Venho de casa do Conde de Clara.

– Por ventura – disse Amadis –, viste tu lá um cavaleiro novel que chamam

¹ Rosto.

Galaor?

– Senhor, não – disse o anão –; mas sei onde estará neste terceiro dia¹ o melhor cavaleiro que nesta terra entrou.

Ouvindo isto Amadis, disse:

– Ai, anão, pela fé que a Deus deves, leva-me lá e vê-lo-ei.

– Sim, levarei – disse o anão –, com tal que me outorgueis um dom, e ireis comigo onde vo-lo pedir.

Amadis, com grande desejo que tinha de saber de Galaor, seu irmão, disse:

– Eu to outorgo.

– Em nome de Deus – disse o anão – seja nossa ida; e agora vos guiarei onde vereis o mui bom cavaleiro e mui esforçado em armas.

Então disse Amadis:

– Eu te rogo por meu amor que me leves pelo caminho em que mais depressa iremos.

– Eu o farei – disse ele.

E logo deixaram aquele caminho, e tomando outro, andaram todo aquele dia sem aventura achar; e caiu-lhes a noite junto de uma fortaleza.

– Senhor – disse o anão – aqui albergareis, onde há uma dona que vos fará serviço.

Amadis chegou àquela fortaleza e encontrou a dona, que mui bem o albergou, dando-lhe de cear e um leito assaz rico em que dormisse; mas isso não o fez ele, que seu pensar era tão grande em sua senhora, que quase não dormiu nada de noite; e no outro dia despediu-se da dona, entrou na guia do anão e andou até ao meio-dia; e viu um cavaleiro que combatia com dois, e chegando a eles lhes disse:

– Quedai-vos, senhores, se vos aprouver, e dizei-me porque combateis.

Eles se tiraram fora, e um dos dois disse:

– Porque este diz que ele só vale tanto para cometer um grande feito como nós ambos.

– Por certo – disse Amadis –, pequena é a causa, que o valor de qualquer um não faz perder o do outro.

Eles viram que dizia boa razão e deixaram a batalha e perguntaram a Amadis se conhecia ele o cavaleiro que combatera pela dona em casa do rei Lisuarte, por quem foi

¹ Dentro de três dias.

morto Dardão, o bom cavaleiro.

– E porque o perguntais? – disse ele.

– Porque o queríamos achar – disseram eles.

– Não sei – disse Amadis – se o dizeis por bem ou por mal, mas eu o vi não há muito em casa do rei Lisuarte.

E assim partiu-se deles e foi em seu caminho.

Os cavaleiros falaram entre si, e dando de esporas aos cavalos foram em busca de Amadis; e ele, que os viu vir, tomou suas armas; e nem ele nem eles traziam lanças, que as tinham quebrado em suas justas. O anão lhe disse:

– Que é isso, senhor? Não vedes que os cavaleiros são três?

– Não curo disso – disse ele –, que se me cometem sem razão, eu me defenderei se puder.

Eles chegaram e disseram:

– Cavaleiro, queremos pedir-vos um dom, e dai-no-lo; se não, não vos partireis de nós.

– Antes vo-lo darei – disse ele –, se com direito fazê-lo posso.

– Pois dizei-nos – disse um –, como leal cavaleiro, onde cuidais que acharemos o cavaleiro por quem Dardão foi morto.

Ele, que não podia al fazer senão dizer a verdade, disse:

– Eu sou, e se soubera que tal era o dom, não vo-lo outorgara, para me não loar disso.

Quando os cavaleiros o ouviram, disseram todos:

– Ai, traidor, morto sois!

E metendo mão às espadas se deixaram ir a ele mui bravamente. Amadis meteu mão à sua espada, como aquele que era de gram coração, e deixou-se ir a eles, mui sanhudo por os haver tirado de sua batalha e o acometerem tão maldosamente; e feriu um deles por cima do elmo de tal golpe que lhe alcançou no ombro, que as armas, com a carne e ossos, foi tudo cortado, até descer a espada aos costados; assim, ficando-lhe o braço pendurado, caiu do cavalo abaixo; e deixou-se ir aos dois que o feriam bravamente e deu a um pelo elmo tal golpe, que lho fez saltar da cabeça, e a espada desceu ao pescoço e cortou-lho o mais dele, e caiu o cavaleiro. O outro, que isto viu, começou de fugir para donde viera. Amadis, que o viu em cavalo corredor e que se lhe alongava, deixou de o seguir e tornou a Gandalim. O anão lhe disse:

– Por certo, senhor, melhor recado levo para o dom que me prometestes do que eu cria; e agora vamos adiante.

Assim foram naquele dia albergar a casa de um ermitão, onde houveram mui pobre ceia. De manhã, tornou ao caminho por onde o anão o guiava e andou até à hora terça e ali lhe mostrou o anão, num vale formoso, dois pinheiros altos, e debaixo deles um cavaleiro todo armado sobre um grande cavalo, e dois cavaleiros que andavam pelo campo atrás de seus cavalos que fugiam, que o cavaleiro do pinheiro os havia derrubado; e debaixo do outro pinheiro estava outro cavaleiro, deitado sobre o seu elmo e com o seu escudo perto de si, e mais de vinte lanças ao redor do pinheiro, e perto dele dois cavalos selados. Amadis, que os mirava, disse ao anão:

– Conheces tu estes cavaleiros?

O anão lhe disse:

– Vedes, senhor, aquele cavaleiro que jaz encostado ao pinheiro?

– Vejo – disse ele.

– Pois aquele é – disse o anão – o bom cavaleiro que devia mostrar-vos.

– Sabes seu nome? – disse Amadis.

– Sim, sei, senhor, que se chama Angriote d’Estravaus, e é o melhor cavaleiro que vos eu em grande parte poderia mostrar.

– Agora diz-me por que tem ali tantas lanças.

– Isso vos direi eu – disse o anão –. Ele amava uma dona desta terra e ela não a ele, mas tanto a guerreou que seus parentes por força a meteram em seu poder. E quando em seu poder a teve, disse que se tinha pelo mais rico do mundo. Ela lhe disse: «Não vos tereis por cortês em haver assim uma dona por força; bem me podeis haver, mas nunca de grado meu amor havereis, se antes não fizerdes uma coisa.» «Dona – disse Angriote –, é coisa que eu possa fazer?» «Sim – disse ela –.» «Pois mandai-o, que eu o cumprirei até à morte.» A dona, que o muito desamava, cuidou de o pôr onde morresse ou ganhasse tantos inimigos que com eles se defenderia dele; e mandou-lhe que ele e seu irmão guardassem este vale dos pinheiros de todos os cavaleiros andantes que por ele passassem, e que os fizessem prometer por força de armas que, aparecendo na corte do rei Lisuarte, outorgariam ser mais formosa a amiga de Angriote que as deles; e se por ventura este cavaleiro, seu irmão, que vedes a cavalo, fosse vencido, que não pudesse sobre esta razão mais combater, toda a intimação ficasse em Angriote só, e guardassem um ano o vale; e assim o guardam os cavaleiros de dia, e à noite albergam

num castelo que jaz atrás daquele outeiro que vedes. Mas digo-vos que há três meses que isto começaram, e que até aqui nunca Angriote meteu mão em cavaleiro, que seu irmão a todos venceu.

– Eu creio – disse Amadis – que me dizes a verdade, que eu ouvi dizer em casa do rei Lisuarte que estivera aí um cavaleiro que outorgava aquela dona por mais formosa que sua amiga, e cuido que o seu nome é Grovenesa.

– Verdade é – disse o anão –; e, senhor, pois cumpri convosco, mantende-me o que me prometestes e ide comigo onde haveis de ir.

– Mui de grado – disse Amadis –; qual é o caminho?

– Pelo vale – disse o anão –; mas não quero que por ele vamos, pois tal embaraço tem.

– Não cures disso – disse ele.

Então se meteu adiante, e à entrada do vale achou um escudeiro que lhe disse:

– Senhor cavaleiro, não passareis mais adiante se não outorgais que é mais formosa a amiga daquele cavaleiro que ao pinheiro está encostado que a vossa.

– Se Deus quiser – disse Amadis –, tão grande mentira nunca outorgarei, se por força não mo fazem dizer ou a vida não me quitam.

Quando isto lhe ouviu o escudeiro, disse-lhe:

– Pois volta; se não, haveis com eles de combater.

Disse Amadis:

– Se me eles cometem, eu me defenderei, se puder.

E passou adiante sem temor nenhum.

CAPÍTULO XVIII¹

De como Amadis combateu com Angriote e com seu irmão e os venceu, os quais guardavam a entrada de um vale, em que defendiam que ninguém tinha uma amiga mais formosa do que Angriote.

Assim que o irmão de Angriote o viu, tomou as suas armas e foi indo em direção a ele e disse:

– Por certo, cavaleiro, gram loucura vós fizestes em não outorgar o que vos pediram, que vós haveis de combater comigo.

¹ Capítulo traduzido por Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

– Praz-me mais isso – disse Amadis – do que outorgar a maior mentira do mundo.

– E eu sei – disse o cavaleiro – que o outorgareis noutra parte, onde vos será maior a vergonha.

– Não o cuido eu assim – disse ele –, se Deus quiser.

– Defendei-vos então – disse o cavaleiro.

Então foram ao mais correr dos seus cavalos um contra o outro e feriram-se nos escudos, e o cavaleiro amolgou o escudo a Amadis, mas deteve-se no arnés e a lança quebrou-se, e Amadis bateu contra ele tão fortemente que o arremessou para cima das ancas do cavalo; e o cavaleiro, que era mui valente, puxou as rédeas, que se partiram e levou-as nas mãos e deu de pescoço e de costas contra o chão, e ficou tão maltratado que não soube de si nem de mais nada. Amadis desceu até ele e tirou-lhe o elmo da cabeça e viu que estava sem sentidos, que não falava, e agarrando-lhe pelo braço, puxou-o para si; e o cavaleiro acordou e abriu os olhos, e Amadis disse-lhe:

– Morto sois, se vos não outorgais por preso.

O cavaleiro, que viu a espada sobre a sua cabeça, temendo a morte, outorgou-se por preso. Então cavalgou no seu cavalo, que viu que Angriote cavalgava e tomava as suas armas e lhe enviava uma lança pelo seu escudeiro. Amadis tomou a lança e foi para o cavaleiro, e ele veio contra ele ao mais correr do seu cavalo e feriram-se com as lanças nos escudos, que por isso se quebraram, sem outro mal que se fizessem; e passaram por si cavalgando perfeitamente, como noutras partes não se achariam outros cavaleiros tais. Amadis deitou mão à sua espada e virou o cavalo contra ele, e Angriote disse-lhe:

– Sossegai, senhor cavaleiro, não vos apresseis numa batalha de espadas, que bem a podereis haver e creio que será por vosso dano.

Isto dizia ele porque pensava que não havia no mundo cavaleiro que melhor manejasse a espada do que ele.

– E justemos até que estas lanças nos falhem ou um de nós caia do cavalo.

– Senhor – disse Amadis –, eu tenho que fazer noutra parte e não posso deter-me tanto.

– Como! – disse Angriote – tão ligeiramente pensais ir-vos de mim? Não o tenho eu assim, mas rogo-vos muito que antes das espadas justemos com as lanças outra vez.

Amadis outorgou-lho, pois que lhe prazia, e logo se foram ambos e tomaram cada um a sua lança, aquelas que mais lhes agradaram, e afastando-se um do outro,

deixaram-se vir contra um contra o outro e feriram-se com as lanças mui bravamente; e Angriote foi a terra e o cavalo sobre ele, e Amadis, que passava, tropeçou no cavalo de Angriote e foi cair com ele da outra parte; e um pedaço da lança que lhe entrara pelo escudo, com a força da queda, entrou-lhe pelo arnês e pela carne, mas não muito; ele levantou-se mui ligeiro, como quem não queria para si a vergonha, ainda menos sobre caso de sua senhora, e tirou asinha de si o pedaço da lança, e levando a mão à espada deixou-se ir contra Angriote, porque o viu com a sua espada na mão, e Angriote disse-lhe:

– Cavaleiro, eu tenho-vos por bom mancebo e rogo-vos que antes que mais mal recebais outorgueis ser mais formosa a minha amiga do que a vossa.

– Calai-vos – disse Amadis –, que tal mentira nunca será pela minha boca outorgada.

Então foram-se acometer e ferir com as espadas com tão fortes golpes, que espantavam tanto os que os olhavam como a eles mesmos que os recebiam, considerando entre si podê-los sofrer; mas esta batalha não pôde durar muito porque Amadis combatia por razão da formosura da sua senhora, pelo que achara ele melhor ser morto do que falhar um ponto do que devia, e começou a dar golpes com toda a sua força, tão duramente, que nem a grande sabedoria nem a grande valentia de ferir de espada serviram a Angriote, que em pouco tempo lhe tirou toda a força, e tantas vezes lhe fez descer a espada à cabeça e ao corpo, que por mais de vinte lugares lhe saía já o sangue; quando Angriote se viu em perigo de morte, tirou-se fora assim como pôde, e disse:

– Por certo, cavaleiro, em vós há mais bondade do que um homem pode pensar.

– Outorgai-vos por preso – disse Amadis – e será o vosso bem, que estais tão maltratado que, tendo fim a batalha, o teria a vossa vida e pesar-me-ia disso, que vos prezo mais do que cuidais.

Isto dizia ele pela sua grande bondade de armas e pela cortesia que usara com a dona, tendo-a em seu poder. Angriote, que mais não pôde, disse:

– Eu me outorgo a vós por preso, assim como ao melhor cavaleiro do mundo e assim como se devem outorgar todos os que hoje trazem armas; e digo-vos, senhor cavaleiro, que não o tomo por míngua, mas por grande perda, que hoje perco a coisa do mundo que mais amo.

– Não a perdereis – disse Amadis –, se eu puder, que mui desaguisado¹ seria se aquela grande mesura que contra essa que vós dizeis usastes não tivesse a recompensa e o galardão que merece, e vós a havereis, mais cedo do que tarde. Isto vos prometo eu, como leal cavaleiro, quando voltar de uma demanda em que vou.

– Senhor – disse Angriote –, onde vos acharei?

– Em casa do rei Lisuarte – disse Amadis –, que aí voltarei, se Deus quiser.

Angriote quisera levá-lo ao seu castelo, mas ele não quis deixar o caminho que antes levava; e despedido deles, começou a seguir o anão, para lhe dar o dom que lhe prometera; e andou cinco dias sem aventura encontrar; ao fim deles, mostrou-lhe o anão um mui formoso castelo e mui forte à maravilha e disse-lhe:

– Senhor, naquele castelo haveis de me dar o dom.

– Pelo nome de Deus – disse Amadis –, eu to darei, se puder.

– Essa confiança tenho eu – disse o anão –, e ainda mais, depois que vi as vossas grandes cousas; senhor, sabeis qual é o nome deste castelo?

– Não – disse ele –, que nunca nesta terra entrei.

– Sabei – disse o anão – que tem por nome Valderim.

E assim falando chegaram ao castelo, e o anão disse:

– Senhor, tomai as vossas armas.

– Como! – disse Amadis –, serão precisas?

– Sim – disse ele –, que não deixam dali sair tão facilmente àqueles que entram.

Amadis tomou as suas armas e pôs-se à frente, e o anão e Gandalim atrás dele; e quando entrou pela porta, olhou para um e outro lado, mas não viu nada, e disse ao anão:

– Despovoado me parece este sítio.

– Por Deus – disse ele –, a mim também.

– Pois para que me trouxeste aqui ou que dom queres que te dê?

O anão disse-lhe:

– Por certo, senhor, eu vi aqui o mais bravo cavaleiro e o mais forte em armas que cuido ver, e matou ali naquela porta dois cavaleiros, e um deles era o meu senhor, e a este matou-o tão cruelmente como aquele que nunca teve mercê; e eu queria-vos pedir a cabeça daquele traidor que o matou, que já trouxe aqui outros cavaleiros para o vingar, e, por desgraça, uns morreram e os outros prenderam-nos cruelmente.

¹ Fora de razão.

– Por certo, anão – disse Amadis –, tu fazes lealdade, mas não deverias trazer os cavaleiros sem lhes dizer antes com quem teriam de combater.

– Senhor – disse o anão –, o cavaleiro é muito conhecido por um dos bravos do mundo, e se o dissesse, não haveria nenhum tão valente que comigo ousasse vir.

– E sabes qual é o seu nome?

– Sei, sim – disse o anão –, chama-se Arcalaus, o Encantador.

Amadis olhou para todas as partes e não viu ninguém, e desmontou do seu cavalo, e esperou até à hora de vésperas, e disse:

– Anão, o que queres que eu faça?

– Senhor – disse ele –, a noite chega e não tenho por bem que aqui alberguemos.

– Por certo – disse Amadis –, daqui não partirei até chegar o cavaleiro ou alguém que me dê notícias dele.

– Por Deus, eu não ficarei aqui – disse o anão –, que tenho um grande medo, porque Arcalaus me conhece e sabe que eu tento matá-lo.

– Mas aqui ficarás – disse Amadis –, e não me quero furtar ao dom, se puder.

E Amadis viu um curral adiante e entrou por ele, mas não viu ninguém; e viu um sítio muito escuro, com uns degraus que iam para baixo da terra; e Gandalim levava o anão para que não fugisse, que tinha grande medo, e disse-lhe Amadis:

– Entremos por estes degraus e veremos o que há ali.

– Ai, senhor – disse o anão –, mercê, que não há nada que me fizesse entrar em sítio tão horrível, e, por Deus, deixai-me ir embora, que o meu coração se assusta muito.

– Não te deixarei – disse Amadis –, até que tenhas o dom que te prometi ou vejas como faço o meu poder.

O anão, que grande medo tinha, disse:

– Dexai-me ir embora, e eu vos quito do dom e dou-me por contente.

– Em quanto depender de mim – disse Amadis –, eu não te mando quitar o dom, nem depois digas que eu faltei do que devia fazer.

– Senhor, dou-vos por livre e a mim por pagado – disse ele –; e eu quero-vos esperar fora por onde viemos, até ver se ides.

– Vai-te com boa ventura – disse Amadis – e eu ficarei aqui esta noite até amanhã, à espera do cavaleiro.

O anão foi-se e Amadis desceu os degraus, e foi em frente, que nenhuma coisa via, e tanto desceu que se encontrou num plano; e era tão escuro que não sabia onde

estava, e foi assim em frente e deu com uma parede, e passando as mãos por ela deu numa barra de ferro em que estava uma chave pendurada e abriu uma grade, e ouviu uma voz que dizia:

– Ai, senhor Deus, até quando durará esta grande coita? Ai, morte, porque tardas onde serias mais precisa!

Amadis escutou um bocado e não ouviu mais; e entrou dentro pela cova, com o seu escudo ao colo, e o elmo na cabeça e a espada nua na mão; e logo se encontrou num formoso palácio onde havia uma lâmpada que o alumia, e viu numa cama seis homens armados que dormiam e tinham junto a si escudos e machados; e ele chegou-se e tomou um dos machados e passou adiante e ouviu mais de cem vozes altas que diziam:

– Deus, Senhor, envia-nos a morte, para que tão dolorosa coita nós não soframos.

Ele ficou mui maravilhado de as ouvir; e ao ruído das vozes acordaram os homens que dormiam e disse um a outro:

– Levanta-te e toma o açoite e faz calar aquela cativa gente, que não nos deixam folgar no nosso sono.

– Isso farei de bom grado – disse ele –, e que sofram o sono de que me despertaram.

Então levantou-se muito ligeiro e, tomando o açoite, viu ir à sua frente Amadis, do que mui maravilhado ficou de o aí ver, e disse:

– Quem vai aí?

– Vou eu – disse Amadis.

– E quem sois?

– Sou um cavaleiro estrangeiro – disse Amadis.

– Pois quem vos meteu aqui sem licença nenhuma?

– Ninguém – disse Amadis –, que entrei eu.

– Vós? – disse ele – Isso foi em mau ponto para vós, que convirá que sejais logo metido naquela coita em que são aqueles cativos que dão tão grandes vozes.

E, virando-se, fechou rapidamente a porta; e despertando os outros, disse:

– Companheiros, eis aqui um mal andante cavaleiro que por sua própria vontade cá entrou.

Então disse um deles, que era carcereiro e tinha o corpo e a força mui grandes

em demasia:

– Agora deixai-me com ele, que eu pô-lo-ei com aqueles que ali jazem.

E tomando um machado e uma adarga foi contra ele, e disse:

– Se temes a tua morte, deixa as tuas armas, e se não, espera-a, que cedo a irás ter deste meu machado.

Amadis enfureceu-se ao ouvir-se ameaçar e disse:

– Eu não daria por ti uma palha, que podes ser grande e valente, mas és mau e de mau sangue, e fraquejar-te-á o coração.

E logo levantaram os machados e feriram-se ambos com eles; o carcereiro deu-lhe por cima do elmo e o machado entrou bem por ele; e Amadis deu-lhe na adarga de tal maneira que a atravessou, e o outro, que se afastou, levou o machado no escudo, e deitou mão à espada, e deixou-se ir contra ele e cortou-lhe a haste do machado; o outro que era muito valente, cuidou metê-lo sob si, mas de outra maneira aconteceu, que em Amadis havia mais força do que em nenhum outro que vivesse naquele tempo; o carcereiro apanhou-o entre os seus braços e tentava derrubá-lo, e Amadis deu-lhe com o punho da espada no rosto, que lhe partiu uma queixada e derrubou-o ante si atordoado e feriu-o na cabeça de maneira que não houve mister físico; os outros que os olhavam deram vozes que não o matasse; se não, que ele seria morto.

– Não sei como acontecerá – disse Amadis –, mas deste, seguro serei; e metendo a espada na bainha, tirou o machado do escudo e foi para eles, que contra ele a tentar feri-lo vinham todos juntos, e descarregaram nele os seus golpes o mais forte que puderam, mas ele feriu um deles que até os miolos lhe fendeu e deu com ele aos seus pés, e deu-lhe logo a outro que mais o tinha atacado num dos costados e abriu-lho e derrubou-o, e travou a outro com o machado tão fortemente que o atirou de joelhos no chão, e assim este como o outro que o queriam ferir pediram-lhe mercê, que não os matasse.

– Pois deixai logo as armas – disse Amadis – e mostrai-me essa gente que dá vozes.

Eles deixaram-nas e foram logo ante ele; Amadis ouviu gemer e chorar numa câmara pequena, e disse:

– Quem jaz aqui?

– Senhor – disseram eles –, uma dona que é mui coitada.

– Pois abri essa porta – disse ele – e vê-la-ei.

Um deles voltou onde jazia o grande carcereiro e, tomando-lhe duas chaves que tinha no cinto, abriu a porta da câmara; e a dona, que cuidou que fosse o carcereiro, disse:

– Ai, varão, por Deus, tende mercê de mim e dai-me a morte, e não tantos martírios como me dais.

Outrossim disse:

– Ó Rei, em mau dia fui eu tão amada por vós, que tão caro me custa o vosso amor!

Amadis teve grande dó dela, tanto que as lágrimas lhe vieram aos olhos, e disse:

– Dona, não sou quem pensais; antes aquele que vos tirará daqui, se puder.

– Ai, Santa Maria! – disse –, quem sois vós, que pudestes aqui entrar?

– Sou um cavalheiro estrangeiro – disse ele.

– Pois o que foi feito do grande e cruel carcereiro e dos outros que guardavam?

– O que será de todos os maus que não se emendam – disse ele.

E mandou a um dos homens trazer lume, e ele assim o fez, e Amadis viu a dona com uma grossa cadeia na garganta e os vestidos rotos por muitas partes, que as carnes se lhe viam; e como ela viu que Amadis olhava para ela com piedade, disse:

– Senhor, como queira que me assim me vejais, já houve um tempo que era rica, como filha de rei que sou, e por rei sou nesta coita.

– Dona – disse ele –, não vos queixeis, que essas são voltas e viragens da fortuna, que ninguém lhes pode fugir nem delas se apartar; e se é pessoa que algo valha aquele por quem este mal sofreis e passais, a vossa pobreza e baixo trajar se tornarão riqueza, e a coita em grande alegria; mas em nada nos devemos fiar.

E fez-lhe tirar a cadeia e mandou que lhe trouxessem qualquer coisa com que se pudesse cobrir; e o homem que as cadeias levava trouxe um manto de escarlata que Arcalaus tinha dado àquele seu carcereiro. Amadis cobriu-a com ele, e tomando-a pela mão, tirou-a fora do palácio, dizendo-lhe que não temesse ali voltar, se antes a ele não matassem; e levando-a consigo, chegaram onde o grande carcereiro e os outros mortos estavam, do que ela ficou muito espantada, e disse:

– Ai, mãos, quantas feridas, quantas crupezas haveis feito e dado, a mim e a outros que aqui jazem sem o merecer!; e ainda que vós a vingança não sintais, sente-a aquela desventurada alma que vos sustinha.

– Senhora – disse Amadis –, tanto que vos ponha com um meu escudeiro, eu

voltarei para os tirar a todos, que nenhum fique.

Assim foram em frente, e chegando à grade, veio ali um homem e disse ao que levava as candeias:

– Pergunta-vos Arcalaus onde está o cavaleiro que aqui entrou, se o matastes ou se foi preso.

Ele teve tão grande medo que não falou e as candeias caíram-lhe das mãos; Amadis tomou-as e disse:

– Não tenhas medo, velhaco, de que temes estando na minha guarda? Segue adiante.

E subiram pelos degraus até sair ao curral e viram que grande parte da noite era passada e o luar era mui claro; quando a dona viu o céu e o ar, ficou mui leda à maravilha, como quem não o tinha visto por grande tempo e disse:

– Ai, bom cavaleiro, Deus te guarde e dê o galardão que por me sacar daqui mereces!

Amadis levava-a pela mão e chegou onde deixara Gandalim, mas não o achou e temeu tê-lo perdido, e disse:

– Se o melhor escudeiro do mundo está morto, por ele se fará a maior e mais cruel vingança que jamais se fez, se eu vivo.

Estando assim, ouviu dar umas vozes, e indo até lá, achou ao anão que dele se partira, pendurado pela perna de uma viga, e por baixo dele um fogo com cousas de maus cheiros, e viu na outra parte Gandalim, que ainda estavam a atá-lo; e querendo ir desatá-lo, disse:

– Senhor, acorrei antes ao anão, que mui coitado é.

Amadis assim fez, que, sustendo-o com o braço, com a espada cortou a corda e o pôs no chão; e foi desatar Gandalim, dizendo:

– Por certo, amigo, não te prezava tanto como eu quem te pôs aqui.

E foi-se à porta do castelo e encontrou-a fechada com uma porta corrediça; e como viu que não poderia sair, afastou-se até um dos lados do curral onde havia um alto, e sentou-se ali com a dona, e estavam consigo Gandalim e o anão e os dois homens do cárcere. Gandalim mostrou-lhe uma casa onde tinham metido o seu cavalo, e foi lá, e arrombando a porta, achou-o selado e enfreado, e trouxe-o para perto de si; e de grado quisera voltar pelos presos, mas teve receio que a dona recebesse dano de Arcalaus, pois já estava no castelo, e decidiu esperar pelo dia; e perguntou à dona quem era o rei que a

amava e por quem aquela coita sofria:

– Senhor – disse ela –, sendo este Arcalaus mui grande inimigo do rei por quem eu sou amada e sabendo-o ele, não podendo dele tomar vingança, decidiu tomar-me a mim, acreditando que este era o maior pesar que lhe fazia; e como quer que ante muita gente me tomasse, meteu-se comigo num ar tão escuro que ninguém me pôde ver; isto foi pelos encantamentos que ele faz; e pôs-me ali onde me achastes, dizendo que, sofrendo eu em tal tenebrosidade e aquele que me ama em não me ver nem saber de mim, folgava o seu coração com esta vingança.

– Dizei-me – disse Amadis –, se vos prouguer, quem é esse rei.

– Arbão de Norgales – disse a dona –, não sei se dele tendes notícia.

– A Deus mercê! – disse Amadis – que ele é o cavaleiro do mundo que eu mais amo; agora não tenho de vós tanta piedade como antes, pois que por um dos melhores homens do mundo o sofrestes, por aquele que com dobrada alegria e honra a vossa vontade será satisfeita.

Falando nisto e noutras cousas estiveram ali até de manhã e o dia claro; então viu Amadis nas janelas um cavaleiro que lhe disse:

– Sois vós o que matou o meu carcereiro e os meus homens?

– Como! – disse Amadis –, vós sois aquele que injustamente matais cavaleiros e prendeis donas e donzelas? Por certo, eu vos tenho pelo mais desleal cavaleiro do mundo, por terdes mais crueza do que bondade.

– Ainda vós não sabeis – disse o cavaleiro – toda a minha crueza; mas eu farei com que a saibais dentre em pouco e farei com que não vos preocupeis em emendar ou criticar coisa que eu faça a torto ou a direito.

E afastou-se da janela; e não demorou muito até que o viu sair ao curral muito bem armado e em cima de um grande cavalo; e ele era um dos grandes cavaleiros do mundo que gigante não fosse; Amadis olhava-o, acreditando que nele havia grande força em lugar de razão; e Arcalaus disse-lhe:

– O que estás a olhar para mim?

– Olho-te – disse ele – porque, segundo o teu parecer, poderias ser homem muito assinalado, se as tuas más obras não o estorvassem e a deslealdade que tens vontade de manter.

– A bom tempo – disse Arcalaus – me trouxe a fortuna, se de um tal como tu tinha de ser repreendido.

E foi para ele, com a lança baixa, e Amadis também, e Arcalaus feriu-o no escudo e ficou a lança em pedaços, e juntaram-se os cavalos e eles um com o outro tão bravamente que caíram de ambas as partes, mas logo foram em pé, como aqueles que muito vivos e esforçados eram; e feriram-se com as espadas de tal maneira que foi entre eles uma batalha tão cruel e brava, que ninguém poderia acreditar se não a visse, que durou muito por terem ambos muita força e valor; mas Arcalaus afastou-se e disse:

– Cavaleiro, tu estás em aventura da morte e não sei quem és; diz-me, para que o saiba, que mais penso em te matar que em vencer.

– A minha morte – disse Amadis – está na vontade de Deus, a quem eu temo; e a tua no diabo, que está já cansado de te sustentar e quer que o corpo a quem tantos vícios maus deu com a alma pereça; e pois desejas saber quem sou, digo-te que o meu nome é Amadis de Gaula e sou cavaleiro da rainha Brisena; e agora cuida de dar fim à batalha, que não te deixarei mais folgar.

Arcalaus tomou o seu escudo e a sua espada e feriram-se ambos com golpes muito fortes e duros, de tal maneira que a praça estava semeada dos pedaços dos escudos e das malhas das armas; e sendo já a hora de terça, tendo Arcalaus perdido muita da sua força, foi dar um golpe por cima do elmo a Amadis, e não podendo segurar a espada, saiu-lhe da mão e caiu em terra; e como a quis tomar, empurrou-o Amadis com tanta força que lhe fez dar com as mãos no chão, e como se levantou, deu-lhe com a espada um golpe tal por cima do elmo, que o entonteceu; quando Arcalaus se viu em aventura de morte, começou a fugir para o palácio donde saíra, e Amadis atrás dele, e ambos entraram no palácio, mas Arcalaus acolheu-se numa câmara, e à porta dela estava uma dona que olhava como combatiam. Arcalaus, assim que se viu na câmara, tomou uma espada e disse para Amadis:

– Agora entra e combate comigo.

– Antes combatamos neste palácio, que é maior – disse Amadis.

– Não quero – disse Arcalaus.

– Como! – disse Amadis –; disso te crês amparar?

E pondo o escudo ante si, entrou com ele; e alçando a espada para feri-lo, perdeu a força de todos os membros e o sentido, e caiu em terra como morto. Arcalaus disse:

– Não quero que morras de outra morte senão desta.

E disse à dona que olhava para eles:

– Parece-vos, amiga, que me vingarei bem deste cavaleiro?

– Parece-me – disse ela – que vos vingareis à vossa vontade.

E logo desarmou Amadis, que não dava acordo de si, e armou-se ele com aquelas armas e disse à dona:

– Que a este cavaleiro não o mova daqui ninguém, por quanto amais, e assim o deixai até que a alma lhe tenha saído.

E saiu assim armado ao curral e todos cuidaram que o matara; e a dona que da prisão saíra fazia grande dó, mas no de Gandalim nem vale a pena falar; e Arcalaus disse:

– Dona, procurai outro que daqui vos tire, que o que vistes acabado está.

Quando por Gandalim isto ouviu, caiu em terra como morto. Arcalaus tomou a dona e disse:

– Vinde comigo e vereis como morre aquele mal-aventurado que comigo combateu.

E levando-a onde Amadis estava, disse-lhe:

– O que vos parece, dona?

Ela começou a chorar amargamente, e disse:

– Ai, bom cavaleiro, quanta dor e tristeza causará a muitos bons a tua morte!

Arcalaus disse à outra dona, que era sua mulher:

– Amiga, assim que este cavaleiro morrer, fazei voltar essa dona à prisão de onde ele a tirou; e eu irei a casa do rei Lisuarte e direi ali como combati com ele, e que por sua vontade e minha foi acordado fazer esta batalha com a condição de que o vencedor cortasse ao outro a cabeça e o fosse dizer àquela corte dentro de quinze dias; e desta maneira ninguém terá razão de me reclamar esta morte, e eu ficarei com a maior glória e alteza nas armas que tenha cavaleiro em todo o mundo, por vencer este que não tinha par.

E voltando ao curral fez meter na escura prisão Gandalim e o anão. Gandalim queria que o matasse e ia-o chamando:

– Traidor, que mataste ao mais leal cavaleiro que nasceu!

Mas Arcalaus mandou-o levar aos seus homens, arrastado pela perna, dizendo:

– Se te matasse, não te daria pesar, ali dentro o terás muito maior que a própria morte.

E montando no cavalo de Amadis, levando consigo três escudeiros, meteu-se a caminho para onde o rei Lisuarte estava.

CAPÍTULO XIX

Como Amadis foi encantado por Arcalaus o Encantador porque quis desencantar e tirar da prisão D. Grindalaia e outros, e como escapou dos encantamentos que Arcalaus lhe tinha feito

Grindalaia, que assim se chamava a dona presa, fazia mui gram dó por Amadis, que triste era de ouvir, dizendo à mulher de Arcalaus e às outras donas que com ela estavam:

– Ai, senhoras, não vedes que formosura de cavaleiro e que em tão tenra idade era um dos melhores cavaleiros do mundo? Mal hajam aqueles que encantamentos sabem, que tanto mal e dano aos bons podem fazer! Oh Deus meu, que tais podes suportar!

A mulher de Arcalaus que, tanto como seu marido era subjugado à crueza e à maldade, tanto o era ela à virtude e à piedade e pesava-lhe muito de coração o que o seu marido fazia e sempre em suas orações rogava a Deus que o emendasse, consolava a dona quanto podia; e estando assim, entraram pela porta do palácio duas donzelas e traziam na mão muitas velas acesas, e puseram-nas nos cantos da câmara onde Amadis jazia; as donas que ali estavam não lhes puderam falar nem mexer-se donde estavam; e uma das donzelas tirou um livro de uma arquinha que sob o sovaco trazia e começou a ler por ele; e respondia-lhe uma voz algumas vezes; e lendo desta guisa um pedaço, ao cabo responderam-lhe muitas vozes juntas dentro da câmara, que pareciam mais de cento; então viram como apareceu pelo chão da câmara rodando um livro, como se o vento o levasse; e parou aos pés da donzela; e ela tomou-o e partiu-o em quatro partes, e foi-as queimar nos cantos da câmara onde as velas ardiam; e voltou-se para onde Amadis estava, e tomando-o pela mão direita, disse:

– Senhor, levantai-vos, que muito jazeis coitado.

Amadis levantou-se e disse:

– Santa Maria! Que foi isto, que por pouco fora morto?

– Por certo, senhor – disse a donzela –, tal homem como vós não devia assim morrer, que antes quererá Deus que à vossa mão morram outros que melhor o mereçam.

E voltaram ambas as donzelas por onde tinham vindo, sem mais dizer; Amadis perguntou por Arcalaus, que fora feito; e Grindalaia lhe contou como fora encantado e tudo o que Arcalaus dissera, e como tinha ido armado com as suas armas e no seu

cavalo à corte d'el Rei Lisuarte a dizer como o matara. Amadis disse:

– Eu bem senti quando me ele desarmou, mas tudo me parecia como em sonhos.

E logo voltou para a câmara e armou-se com as armas de Arcalaus, e saiu do palácio e perguntou que tinham feito a Gandalim e ao anão. Grindalaia lhe disse que os tinham metido na prisão. Amadis disse à mulher de Arcalaus:

– Guardai-me esta dona como à vossa cabeça até que eu volte.

Então desceu pela escada e entrou no curral; quando os homens de Arcalaus assim armado o viram, fugiram e espalharam-se para todas as partes; e foi-se logo à prisão e entrou no aposento onde os homens matara, e dali chegou à prisão onde estavam os presos; e o lugar era muito estreito e os presos muitos; e tinha de comprimento mais de cem braçadas e de largura uma e meia, e era assim escuro como aonde claridade nem ar podiam entrar, e eram tantos presos que já não cabiam. Amadis entrou pela porta e chamou por Gandalim, mas ele estava como morto; e quando ouviu a sua voz, estremeceu e não cuidou que era ele, que por morto o tinha, e pensava que ele mesmo estava encantado. Amadis gritou mais e disse:

– Gandalim, onde estás? Ai, Deus, que mal fazes em não me responder!

E disse aos outros:

– Dizei-me, por Deus, se é vivo o escudeiro que aqui meteram.

O anão, que isto ouviu, conheceu que era Amadis e disse:

– Senhor, aqui estamos e vivos somos, ainda que muito a morte tivéssemos desejado.

Ele ficou mui alegre ao ouvi-lo e tomou umas velas que cabo à lâmpada do aposento estavam e, acendendo-as, voltou à prisão, e viu onde Gandalim e o anão estavam e disse:

– Gandalim, sai para fora e atrás de ti todos os que aqui estão, que não fique nenhum; e todos diziam:

– Ai, bom cavaleiro, Deus te dê bom galardão, porque nos acorreste!

Então tirou a corrente a Gandalim, que era o último, e depois ao anão e a todos os outros que ali estavam cativos, que foram cento e quinze, e trinta deles cavaleiros; e todos iam atrás de Amadis a sair fora da cova, dizendo:

– Ai, cavaleiro bem-aventurado, que assim saiu Nosso Senhor Jesus Cristo dos infernos quando dele tirou os seus servidores. Ele te dê graças pela mercê que nos fazes!

Assim saíram todos para o curral, onde, vendo o sol e o céu, caíam de joelhos

com as mãos ao alto, dando muitas graças a Deus, que tal esforço dera àquele cavaleiro para os tirar de lugar tão cruel e esquivo. Amadis olhava-os, havendo grande dó de os ver tão maltratados, que mais pareciam nos seus semblantes mais mortos que vivos; e viu entre eles um assaz grande e bem feito, ainda que a pobreza o desfigurasse; este veio para Amadis e disse:

– Senhor cavaleiro, quem diremos que nos livrou desta cruel prisão e trevas espantosas?

– Senhor – disse Amadis –, eu vo-lo direi de mui bom grado. Sabei que o meu nome é Amadis de Gaula, filho d’ el rei Periom, e que sou da casa d’ el rei Lisuarte e cavaleiro da rainha Brisena, sua mulher; e, vindo em busca de um cavaleiro, me trouxe aqui um anão, por um dom que lhe prometi.

– Pois eu – disse o cavaleiro – de sua casa sou, e mui conhecido do Rei e dos seus, onde me vi com mais honra do que agora estou.

– De sua casa sois? – disse Amadis.

– Sim sou, por certo – disse o cavaleiro – e dali saí quando fui posto nesta má ventura de onde me tirastes.

– E como haveis nome? – disse Amadis.

– Brandoívas – disse ele.

Quando Amadis o ouviu, houve mui gram prazer e foi-o abraçar e disse:

– A Deus mercê, por me ter deixado tirar-vos de tão cruel pena; que muitas vezes ao rei Lisuarte ouvi falar de vós, e a todos os da corte, enquanto eu ali estive, louvando vossas virtudes e cavalarias, e havendo grande sentimento por nunca saberem novas da vossa vida.

Assim que todos os presos foram diante de Amadis e disseram-lhe:

– Senhor, aqui estamos em vossa mercê; que nos mandais fazer, que de grado o faremos, pois que tanta razão para isso há?

– Amigos – disse ele –, que cada um vá onde lhe mais agrade e faça proveito.

– Senhor – disseram eles –, ainda que vós não nos conheçais nem saibais de que terra somos, todos vos conhecemos para vos servir, e quando for razão de vos ajudarmos, não esperaremos pelo vosso mandado, que sem ele acudiremos onde quer que sejais.

Com isto se foram cada um sua via quanto mais puderam, que bem mister haviam. Amadis tomou consigo Brandoívas e os seus escudeiros que ali tinham sido

presos e foi-se aonde a mulher de Arcalaus com outras mulheres estava, e encontrou com ela Grindalaia, e disse:

– Dona, por vós e por estas vossas mulheres deixo de queimar o castelo, que a grande maldade de vosso marido me dava causa para isso; mas deixar-se-á por aquele acatamento que os cavaleiros devem a donas e donzelas.

A dona disse-lhe, chorando:

– Deus é testemunha, senhor cavaleiro, da dor e pesar que a minha alma sente com o que Arcalaus, meu senhor, faz; mas não posso eu senão, como marido, obedecer-lhe e rogar a Deus por ele; em vossa mesura está fazerdes contra mim o que, senhor, quiserdes.

– O que eu farei – disse ele – é o que dito tenho, mas rogo-vos muito que nos façais dar uns panos ricos para esta dona, que é de gram guisa, e para este cavaleiro umas armas, que aqui lhe foram tomadas as suas, e um cavalo; e se com isto sentis agravo, não se pedirá, senão que eu levarei as armas de Arcalaus pelas minhas e o seu cavalo pelo meu; e bem vos digo que a espada que ele me leva quereria mais do que tudo isto.

– Senhor – disse a dona –, justo é o que pedis, e que o não fosse, conhecendo vossa mesura, o faria de grado.

Então mandou trazer as armas a Brandoívas e fez-lhe dar um cavalo; e à dona, meteu-a na sua câmara e vestiu-a com uns panos seus assaz bons, e trouxe-a ante Amadis e rogou-lhe que comesse antes que se fosse e ele lho outorgou; e depois a dona lho fez dar o melhor que haver se pôde. Grindalaia não podia comer, antes reclamava muito para se irem do castelo, do que Amadis e Brandoívas se riam muito, e muito mais do anão, que estava tão espantado¹ que nem podia comer nem falar e a cor tinha perdida. Amadis disse-lhe:

– Anão, queres que esperemos por Arcalaus e dar-te-ei o dom de que me livraste?

– Senhor – disse ele –, tão caro me custa esse, que a vós nem a nenhum outro nunca dom pedirei enquanto viva; e vamo-nos daqui antes que o diabo cá volte, que não posso aguentar esta perna pela qual estive pendurado, e tenho o nariz cheio da pedra de enxofre que debaixo me pôs, que não tenho feito mais do que espirrar e mesmo pior.

Grande foi o riso que Amadis e Brandoívas e também as donas e donzelas

¹ Entenda-se, aterrorizado.

tiveram com o que ele disse; e quando levantaram os mantéis, Amadis despediu-se da mulher de Arcalaus e ela encomendou-o a Deus e disse:

– Deus ponha paz entre o meu senhor e vós.

– Por certo, dona – disse Amadis –, ainda que a não tenha com ele, tê-la-ei convosco, que o mereceis.

E houve depois um tempo em que esta palavra que ali lhe disse aproveitou muito à dona, assim como no quarto livro desta história vos será contado. Então cavalgaram nos seus cavalos e a dona num palafém e, saindo do castelo, andaram todo aquele dia juntos até à noite, em que albergaram em casa de um infanção que a cinco léguas do castelo morava, onde lhes foi feita muita honra e serviço; e no outro dia, tendo ouvido missa, e despedidos do seu hospedeiro, seguiram o seu caminho; e Amadis disse a Brandoívas:

– Bom senhor, eu ando em busca de um cavaleiro, como vos disse; e vós andais fatigados; bem será que nos separemos.

– Senhor – disse ele –, a mim convém-me ir à corte d’ el rei Lisuarte mas, se me mandardes, acompanhar-vos-ei.

– Muito vo-lo agradeço – disse Amadis –, mas a mim convém-me andar só e pôr esta dona no lugar onde queira ir.

– Senhor – disse ela –, eu irei com este cavaleiro onde ele vai, porque aí encontrarei aquele por causa de quem fui presa, que terá prazer com a minha vista.

– Em nome de Deus! – disse Amadis – E a Ele vos encomendo.

Assim se partiram, como ouvis; e Amadis disse ao anão:

– Amigo, que farás de ti?

– O que vós mandardes – disse ele.

– O que eu mando – disse Amadis – é que faças o que mais te prouguer.

– Senhor – disse ele –, pois em mim o deixais, quereria ser vosso vassalo, para vos servir, que não sinto eu agora com quem melhor viver possa.

– Se a ti te praz – disse Amadis –, assim me praz a mim, e eu te recebo por meu vassalo.

O anão beijou-lhe a mão. Amadis andou pelo caminho como a ventura o guiava, e não tardou muito que encontrou uma das donzelas que o tinham salvo, chorando fortemente, e disse:

– Senhora donzela, por que chorais?

– Choro – disse ela – por uma arquinha que me tomou aquele cavaleiro que ali vai, e a ele não tem prol¹; ainda que, pelo que nela vai, tivesse escapado de morte não há três dias o melhor cavaleiro do mundo; e também por outra minha companheira que outro cavaleiro levou à força, para a desonrar.

Esta donzela não conheceu Amadis pelo elmo que tinha posto quando de longe tinha visto os cavaleiros; e como aquilo ouviu, passou por ela e alcançou o cavaleiro e disse-lhe:

– Por certo, cavaleiro, não agis com cortesia ao fazer com que a donzela vá atrás de vós chorando; aconselho-vos que cesse a vossa desmesura e que lhe torneis a arca

O cavaleiro começou a rir, e Amadis perguntou-lhe:

– Porque ris?

– De vós me rio – disse ele –, que vos tenho por sandeu² em dar conselho a quem vo-lo não pede nem fará nada do que disserdes.

– Poderá ser – disse Amadis – que não vos venha bem daí; e dai-lhe a sua arca, pois não vos tem prol.

– Parece – disse o cavaleiro – que me ameaçais.

– Ameaça-vos a vossa grande soberba – disse Amadis –, que vos leva a fazer esta força a quem não devíeis.

O cavaleiro pôs a arquinha numa árvore e disse:

– Se a vossa ousadia é tal como as palavras, vinde por ela e dai-a ao seu dono.

E virou a cabeça do cavalo contra ele. Amadis, que já com sanha estava, foi-se a ele, e ele veio quanto mais pôde para o ferir, e encontrou-o no escudo, que lho amolgou, mas não passou ao arnês, que era forte, e quebrou a lança; e Amadis encontrou-o tão duramente que o derrubou por terra e o cavalo sobre ele, e ficou tão maltratado que não se pôde levantar. Amadis tomou a arca, deu-a à donzela e disse:

– Esperai aqui enquanto socorro a outra.

Então foi a mais poder para onde tinha visto o cavaleiro, e em pouco tempo encontrou-o entre umas árvores, onde tinha atado o seu cavalo e o palafrém da donzela, e viu-o com ela, forçando-a para a desonrar, e ela dava grandes vozes, e ele arrastava-a pelos cabelos para uma mata, e ela dizia com gram coita:

– Ai traidor, inimigo meu, asinha morras de má morte por isto que me fazes, em assim me querer desonrar, de mim não tendo recebido dano.

¹ Não lhe serve para nada.

² Louco.

Nisto estando, chegou Amadis dando vozes e dizendo que deixasse a donzela; e o cavaleiro, que o viu, foi logo tomar as suas armas e, cavalgando em seu cavalo, disse:

– Em mau ponto me estorvastes de fazer a minha vontade.

– Deus confunda tal vontade – disse Amadis – que assim faz perder a vergonha a cavaleiro.

– Por certo, se me não vingasse de vós – disse o cavaleiro – nunca mais traria armas.

– O mundo perderia muito pouco – disse Amadis – em que as abandonásseis, pois com tanta vileza usais delas, forçando as mulheres, que mui guardadas devem ser pelos cavaleiros.

Então se acometeram ao melhor correr dos seus cavalos, e encontraram-se tão duramente que foi maravilha; e o cavaleiro quebrou a sua lança, mas Amadis atirou-o por cima do arção traseiro e ele deu com o elmo no chão, e como o corpo todo caiu sobre o pescoço, torceu-lho de tal guisa que ficou mais morto do que vivo; e Amadis, que assim o viu tão maltratado, passou com o cavalo sobre ele, dizendo:

– Assim perdereis o zelo desonesto.

E disse à donzela:

– Amiga, deste já não vos temereis.

– Assim me parece, senhor – disse ela –, mas temo pela outra donzela minha companheira, a quem tomaram uma arquinha, que receba algum dano.

– Não temais – disse Amadis – que eu já lha fiz dar, e ei-la que vem com o meu escudeiro.

Então tirou o elmo, e a donzela o conheceu e ele a ela, que esta era a que o tinha levado, vindo ele da Gaula, a Urganda a Desconhecida, quando tirou o seu amigo, por força de armas, do castelo de Baldoíde; e descendo do cavalo, foi-a abraçar, e assim o fez com a outra, quando chegou; e disseram-lhe:

– Senhor, se soubéramos que tal defensor tínhamos, pouco temeríamos ser forçadas; e bem podeis dizer que, se vos acorremos, foi por vosso merecimento, porque nos acorrestes.

– Senhoras – disse Amadis – em maior perigo era eu, e rogo-vos que me digais como o haveis sabido.

A donzela que por sua mão o levantara disse-lhe:

– Senhor, a minha tia Urganda mandou-me, há bem dez dias, que trabalhasse por

chegar ali àquela hora, para vos livrar.

– Deus lho agradeça – disse ele –, e eu servi-la-ei no que mandar e quiser, e a vós, que tão bem o haveis feito; e dizei se haveis mais mister de mim.

– Senhor – disseram elas –, voltai ao vosso caminho, que por nós deixastes, e nós seguiremos o nosso.

– Ide com Deus – disse ele –; e encomendai-me muito a vossa senhora, e dizei-lhe que já sabe que sou seu cavaleiro.

As donzelas seguiram o seu caminho e Amadiu tomou o seu, onde ficará, para se contar o que Arcalaus fez.

CAPÍTULO XX¹

Como Arcalaus levou novas à corte do rei Lisuarte como Amadis era morto e os grandes prantos que em toda a corte por ele se fizeram, em especial Oriana.

Tanto andou Arcalaus, depois que se partiu de Amadis, onde o deixou encantado, em seu cavalo e armado com suas armas, que aos dez dias chegou a casa do rei Lisuarte, uma manhã quando o sol saía; e nesta sazão o rei Lisuarte cavalgava com mui grande companhia; e andava entre o seu palácio e a floresta, e viu como vinha Arcalaus contra ele; e quando conheceram o cavalo e as armas, todos cuidaram que Amadis era. E o rei foi-se a ele mui alegre, mas sendo mais perto, viram que não era o que pensavam, que ele trazia o rosto e as mãos desarmadas, e foram maravilhados. Arcalaus foi ante el rei e disse-lhe:

– Senhor, eu venho a vós porque fiz tal preito de aparecer aqui a contar como matei numa batalha um cavaleiro; e por certo, eu venho com vergonha, porque antes dos outros que de mim queria ser louvado; mas não posso al fazer, que tal foi o acordo entre ele e mim: que o vencedor cortasse a cabeça ao outro e se apresentasse ante vós hoje neste dia; e muito me pesou, que me disse que era cavaleiro da Rainha. E eu lhe disse que, se me matasse, que matava Arcalaus, que assim é o meu nome. E ele disse que se chamava Amadis de Gaula; assim ele desta guisa recebeu a morte, e eu fiquei com a honra e prez da batalha.

– Ai Santa Maria val! – disse o Rei – morto é o melhor cavaleiro e mais esforçado do mundo. Ai Deus, senhor! E por que vos prougue de fazer tão bom começo

¹ Capítulo traduzido por Augusto César Filho

e em tal cavaleiro?

E começou a chorar mui esquivo¹ pranto, e todos os outros que ali estavam. Arcalaus voltou por donde viera, e maldiziam-no os que o viam, rogando e fazendo petição a Deus que lhe desse cedo má morte; e eles mesmos lha dariam, se não fosse porque, segundo a sua razão², não havia causa nenhuma para isso. O Rei foi-se para o seu palácio mui pensativo e triste à maravilha. E as novas soaram por todas as partes, até chegarem a casa da Rainha; e as donas que ouviram ser Amadis morto, começaram a chorar, que de todas era mui amado e querido. Oriana, que na sua câmara estava, pediu à Donzela de Dinamarca que fosse saber que cousa era aquele pranto que se fazia. A donzela saiu e, quando o soube, voltou, ferindo com as suas mãos o rosto e, chorando mui feramente, olhava para Oriana; e disse-lhe:

– Ai, senhora, que coita e que grande dor!

Oriana estremeceu toda e disse:

– Ai, Santa Maria, é morto Amadis?

A donzela disse:

– Ai, cativa, que morto é!

E fraquejando a Oriana o coração, caiu em terra como morta. A donzela, que assim a viu, deixou de chorar e foi-se a Mabília, que fazia grande dó, arrancando os seus cabelos, e disse-lhe:

– Senhora Mabília, acorrei a minha senhora, que morre.

Ela voltou a cabeça e viu Oriana jazer no estrado como se morta fosse; e ainda que a sua coita fosse mui grande, que mais não podia ser, quis remediar o que convinha e mandou a donzela fechar a porta da câmara, para que ninguém assim a visse, e foi tomar Oriana nos braços e fez-lhe deitar água fria pelo rosto, com que logo acordou um pouco; e como falar não pôde, disse chorando:

– Ai, amigas! Por Deus, não estorveis a minha morte, se o meu descanso desejais, e não me façais tão desleal que só uma hora viva sem aquele que, não com a minha morte, mas com a minha má vontade, não poderia viver sequer uma hora.

Outrossim disse:

– Ai, flor e espelho de toda a cavalaria, que tão grave e estranha é para mim a vossa morte! Que por ela não somente eu padecerei, mas todo o mundo, ao perder aquele grande chefe e capitão, assim nas armas como em todas as outras virtudes, e em

¹ Horrível.

² Segundo as suas palavras (pelo que ele tinha dito).

quem os que vivem exemplo podiam tomar! Mas se algum consolo ao meu triste coração consolo dá, não é senão que, não podendo ele sofrer tão cruel ferida, despedindo-se de mim vá para o vosso; que, ainda que na terra fria seja a sua morada, onde desfeitos e consumidos serão aquele grande acendimento de amor que, sendo nesta vida separados, com tanto alento sustinham, muito maior na outra, sendo juntos, se possível fosse ser-lhes outorgado, sustentarão.

Então esmoreceu de tal guisa que de todo em todo cuidaram que morta fosse; e aqueles seus mui formosos cabelos tinha revoltos e estendidos por terra, e as mãos tinha sobre o coração, onde a raivosa morte lhe sobrevinha, padecendo em maior grau aquela cruel tristeza do que os prazeres e deleites até ali em seus amores havido haviam, assim como em semelhantes cousas desta qualidade continuamente acontece. Mabília, que verdadeiramente cuidou que morta era, disse:

– Ai, Deus Senhor! Não te praza de eu mais viver, pois as duas cousas que neste mundo mais amava estão mortas.

A donzela disse-lhe:

– Por Deus, senhora, não falte em tal hora vossa discrição, e acorrei ao que remédio tem.

Mabilia, ganhando esforço, levantou-se e, tomando Oriana, puseram-na no seu leito. Oriana suspirou então, e mexia os braços por uma e outra parte, como se a alma se lhe arrancasse. Quando isto viu Mabília, tomou um pouco de água e tornou a deitar-lha pelo rosto e pelos peitos; e fez-lhe abrir os olhos e acordar um pouco mais, e disse-lhe:

– Ai, senhora! Que que pouco siso esse, que assim vos deixais morrer com novas tão levianas como aquele cavaleiro trouxe, não sabendo ser verdade; o qual, ou por ter pedido aquelas armas e cavalo a vosso amigo, ou quiçá por lhos haver roubado, os poderia alcançar, que não por aquela via que ele disse; que não o fez Deus tão sem ventura a vosso amigo para assim tão cedo do mundo o tirar; o que vós fareis, se de vossa coita tão grande algo se sabe, será perder-vos para sempre.

Oriana se esforçou um pouco mais, e tinha os olhos postos na janela onde falara com Amadis, no tempo que ali primeiro chegou, e disse com voz mui fraca, como aquela que as forças havia perdidas:

– Ai, janela, que coita é para mim aquela formosa fala que em ti foi feita; eu sei bem que não durarás tanto que em ti outros dois falem tão verdadeira e desenganada fala!

Outrossim disse:

– Ai, meu amigo, flor de todos os cavaleiros, quantos perderam socorro e defesa com a vossa morte, e que coita e dor a todos eles será, mas a mim muito maior e mais amarga, como aquela que, muito mais que sua, vossa era! Que assim como em vós era todo meu gozo e minha alegria, assim vós faltando, é tornado no contrário de graves e incomportáveis tormentos; o meu ânimo assaz será fatigado, até que a morte, que eu tanto desejo, me venha, a qual, sendo causa que a minha alma com a vossa se junte, de mui maior descanso que a atribulada vida me será ocasião.

Mabília, com semblante sanhudo, disse:

– Como, senhora! Pensais vós que, se eu estas novas acreditasse, que teria esforço para consolar alguém? Não é assim pequeno nem leviano o amor que a meu primo tenho; antes, assim Deus me salve, se com razão o pudesse crer, nem a vós nem a quantos neste mundo bem o querem daria vantagem naquilo que por sua morte se devia mostrar e fazer; assim que o fazeis não vos tem prol, e poderia muito dano trazer, pois que com isso mui asinha se poderia descobrir o que tão encoberto temos.

Oriana, ouvindo isto, disse-lhe:

– Disso já pouco cuidado tenho, que agora, tarde ou cedo, não pode tardar de ser a todos manifesto, ainda que eu pugne por o encobrir; que quem viver não deseja, nenhum perigo pode temer, mesmo se viesse.

Nisto que ouvis estiveram todo aquele dia, dizendo a Donzela de Dinamarca a todos como Oriana não se ousava afastar de Mabília, para que se não matasse, tão grande coita era a sua; mas vinda a noite, com mais fadiga a passaram, que Oriana esmorecia muitas vezes, tanto que nunca à alva pensaram que chegasse, tanto era o pensamento e a coita que no coração tinha. Pois no outro dia, na hora em que iam pôr os mantéis ao Rei¹, entrou Brandoívas pela porta do palácio, levando Grindalaia pela mão, como aquela a quem afeição tinha, que muito prazer aos que o conheciam deu, porque grande espaço de tempo havia passado que dele nenhuma novidade soubessem; e ambos ajoelharam ante el Rei. El Rei, que o muito prezava, disse assim:

– Brandoívas, sede mui bem vindo; como tardastes tanto, que muito vos temos desejado?

A esta razão que el Rei lhe dizia, respondeu e disse:

– Senhor, fui metido em tão grande prisão que dela não poderia sair de nenhuma

¹ Pôr a mesa para o almoço da manhã.

guisa, senão pelo mui bom cavaleiro Amadis de Gaula, que, pela sua cortesia, me tirou a mim e a esta dona e a outros muitos, fazendo tanto em armas qual nenhum outro fazer pudera; e tê-lo-ia morto pelo maior engano que se nunca viu o traidor Arcalaus; mas foi socorrido por duas donzelas que não o deveriam amar pouco.

El Rei, quando isto ouviu, levantou-se logo da mesa e disse:

– Amigo, pela fé que a Deus deveis e a mim, dizei-me se é vivo Amadis.

– Por essa fé, senhor, que dizeis, digo que é verdade, que o deixei vivo e são ainda não há dez dias; mas porque o perguntais?

– Porque nos veio dizer ontem à noite Arcalaus que o matara – disse el Rei.

E contou-lho em qual guisa ele lho havia contado.

– Ai, Santa Maria! – disse Brandoívas –, que traidor malvado! Pois pior se lhe fez o preto do que ele cuidava.

Então contou a el Rei quanto lhes acontecera com Arcalaus, que nada faltou, como já o ouvistes antes disto. El Rei e todos os de sua casa quando o ouviram, ficaram tão alegres que mais não podiam ficar. E mandou que levassem Grindalaia à Rainha e que lhe contasse as novas do seu cavaleiro, a qual, tanto por ela como por todas as outras, foi com muito amor e grande alegria recebida, pelas boas novas que lhes disse. A Donzela de Dinamarca, que as ouviu, foi o mais asinha que pôde dizê-las à sua senhora, que de morta a viva a tornaram; e mandou-lhe que fosse à Rainha e que lhes enviasse a dona, porque Mabília lhe queria falar; e logo o fez, que Grindalaia foi à câmara de Oriana e disse-lhes todas as boas novas que trazia. Elas lhe fizeram muita honra, e não quiseram que em outra parte comesse senão à sua mesa, para poder saber mais por extenso aquilo que tão grande alegria aos seus corações, que tão tristes haviam estado, lhes dava; mas quando Grindalaia lhes contava por onde Amadis havia entrado na prisão, e como matara os carcereiros e a tirara a ela donde tão coitada estava, e a batalha que com Arcalaus tivera, e tudo o resto que se tinha passado, grande piedade fazia ter as suas amigos. Assim como ouvis estavam no seu comer, tornada a sua grande tristeza em muita alegria. Grindalaia despediu-se delas e voltou para onde a Rainha estava, e encontrou ali o rei Arbão de Norgales, que a muito amava, e que a andava buscando, sabendo que ali era vinda. O prazer que ambos tiveram não se vos poderia contar. Ali foi acordado entre eles que ela ficasse com a Rainha, pois que não encontraria em nenhuma parte outra casa que tão honrada fosse. E Arbão de Norgales disse à Rainha como aquela dona era filha do rei Adroid de Serelois, e que, como todo o

mal que recebera havia sido ele a causa dele, que lhe pedia por mercê que a tomasse consigo, pois ela queria ser sua. Quando a Rainha isto ouviu, muito lhe prougue de em sua companhia a receber, assim pelas boas novas que de Amadis de Gaula trouxera, como por ser pessoa de tão alto lugar. E tomando-a pela mão, como a filha de quem era, fê-la sentar ante si, pedindo-lhe perdão se a não tinha honrado devidamente, que a causa disso fora não a conhecer. Também soube a Rainha como esta Grindalaia tinha uma irmã mui formosa donzela, que Aldeva se chamava, que em casa do duque de Bristoia se havia criado, e mandou a Rainha que logo lha trouxessem, para que em sua casa vivesse, porque a desejava muito ver. Esta Aldeva foi a amiga de D. Galaor, aquela por quem ele recebeu muitos nojos do anão de quem já ouvistes falar.

Assim como ouvis estava el Rei Lisuarte e toda a sua corte muito alegres e com desejo de ver Amadis, que tão grande sobressalto lhes tinham dado aquelas más novas que lhes dele haviam dito; dos quais deixará a história de falar, e contará de D. Galaor, que há muito que dele não se contou nem se fez memória.

(continua)

SOBRE AMADIS DE GAULA – BREVE NOTA

Amadis de Gaula é o mais célebre exemplar ibérico de um dos géneros literários mais apreciados e lidos na Idade Média europeia, a novela ou romance de cavalaria. Inserindo-se na tradição artúrica (o universo cujas personagens mais célebres são o rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda, de um ciclo geralmente conhecido como A Demanda do Santo Graal), Amadis é indiscutivelmente uma criação peninsular, muito embora a sua datação e o seu autor continuem a levantar inúmeros problemas (brevemente referidos mais adiante). A essa tradição artúrica deve Amadis de Gaula a sua estrutura, universo e valores (um mundo de aventuras cavaleirescas num universo de maravilha), mas também, por exemplo, o espaço (Londres, Windsor, Bristol são espaços de eleição, bem como a Normandia ou mesmo a Dinamarca e a Noruega; quanto a Gaula poderá corresponder quer a Gales, quer à Bretanha Francesa, ou Pequena Bretanha).

Inserindo-se, pois, nesta fecunda tradição literária medieval, Amadis é, no entanto, uma criação original, que ultrapassou largamente, aliás, as fronteiras da Península Ibérica e se transformou num dos romances de cavalaria mais lidos na Europa até, pelo menos, ao século XVII (com traduções quinhentistas nomeadamente para francês, inglês, italiano, alemão, holandês e hebraico). No espaço ibérico, as 19 edições castelhanas da obra apenas no período que medeia entre a primeira edição impressa conhecida (1508) e 1586 poderão exemplificar o seu enorme êxito. A sua fecundidade, em termos de obras directamente nele inspiradas, é imensa, desde as inúmeras sequelas quinhentistas (narrativas das aventuras de netos, bisnetos, tetranetos, familiares e companheiros de Amadis) até aos grandes textos, como a Tragicomédia de Amadis de Gaula, de Gil Vicente ou mesmo, no registo paródico da despedida, D. Quixote de la Mancha de Cervantes (que o abre, aliás, com um conjunto de poemas “da autoria” das principais personagens do Amadis, dedicados a D. Quixote, o novo “herói” cavaleiresco). Do ponto de vista cultural, a influência de Amadis é igualmente enorme, estendendo-se mesmo a zonas inesperadas, como é o caso do nome dado à Califórnia (directamente retirado do livro V).

Se a primeira edição impressa conhecida de Amadis data, como se disse de 1508, a criação do romance é, no entanto, muito anterior e remonta, ao que tudo

indica, ao século XIV. Foi, pois, em meados de Trezentos que o romance original foi escrito e dele circularam certamente variadas cópias manuscritas, das quais, infelizmente, nenhuma chegou até nós. Abundam, no entanto, os testemunhos da celebridade e difusão da obra desde o final do século XIV e ao longo de todo o século XV (de referências cronísticas à onomástica, incluindo um cão chamado Amadis em 1387). É exactamente em meados do século XV que o castelhano Garcí Rodríguez de Montalvo, cavaleiro de Medina del Campo, decide elaborar uma refundição “corrigida” “dos antigos originais que estavam corruptos e mal compostos em antigo estilo, por falta dos diferentes e maus escritores”, como ele próprio afirma no final do seu Prólogo (vide p. 3), versão a que acrescenta um novo livro, As Sergas de Esplandião (filho de Amadis). A única versão que temos actualmente do Amadis (pelo menos no estado actual das investigações) é, pois, esta versão castelhana, corrigida e acrescentada, de Montalvo, elaborada muito provavelmente por volta da década de 1480 (e que serviu de base à presente tradução).

Todos estes dados sobre a fortuna da obra, abundantes, mas incertos, originaram uma polémica, que subsiste, quanto à autoria e nacionalidade do Amadis de Gaula, que portugueses e castelhanos reivindicam. Para os defensores da tese de que o original seria em língua portuguesa (nomeadamente Rodrigues Lapa), o seu autor poderia ser o trovador João de Lobeira (activo na corte de D. Dinis), e a versão de Montalvo seria igualmente uma tradução. Para os defensores da tese castelhana (nomeadamente o editor que esta tradução segue, Cacho Blecua), o seu autor continua anónimo, muito embora entendam que Montalvo refunde um original castelhano, de um autor castelhano. O facto de subsistir apenas a versão de Montalvo do Amadis e nenhum texto ou fragmento em português é, seguramente, um argumento de peso em favor da tese castelhana. No entanto, há um conjunto de outros elementos que mantêm o debate em aberto, dos quais um dos mais importantes é o facto de o Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa, que reúne a obra dos trovadores e jograis galego-portugueses, incluir um poema presente em Amadis, o Lais de Leonoreta, atribuindo-o exactamente ao trovador português João Lobeira. Ao mesmo tempo, no capítulo XL do livro I de Amadis, um D. Afonso de Portugal é colocado a intervir sobre a sorte de uma formosa donzela, apaixonada pelo herói (que lhe resiste, em preito de fidelidade à sua amada Oriana), sugerindo um desfecho mais “humano” para o episódio. Embora

haja vários candidatos para este D. Afonso de Portugal, o facto de ele ser nomeado no interior do próprio texto é, para os defensores da tese portuguesa, uma prova de que o romance teria sido efectivamente escrito em Portugal¹.

Português ou castelhano, Amadis de Gaula é indiscutivelmente uma das obras mais marcantes da cultura medieval ibérica. A presente tradução pretende, assim, dar a ler em português um texto que marcou assinalavelmente o imaginário peninsular e europeu durante séculos, e irá sendo completada à medida das possibilidades da autora.

Critérios seguidos nesta tradução

A edição seguida nesta tradução foi a de Juan Manuel Cacho Blecua, 2 vols, Madrid, Ediciones Cátedra, 1996. Procurou-se que o texto português seguisse de perto o texto castelhano, mantendo mesmo, sempre que possível, os arcaísmos da edição de Montalvo. Mas actualizou-se a pontuação, de forma a procurar tornar mais explícito um discurso por vezes sintacticamente complexo.

Agradeço novamente a colaboração dos alunos do Mestrado em Estudos Portugueses de 2006/2007, na primeira versão dos capítulos indicados:

Joana Maria Lima de Oliveira (XI)

Lina Maria Reis Pereira (XII)

Ana Patrícia Barros (XIII)

Ana Lúcia Guerreiro (XIII)

Carlos Santos Marques (XIV)

Mónica Paula Rouxinol Machado (XV)

Fábio Rocha (XVI)

Marco António Sousa Amaro (XVII)

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz (XVIII)

Augusto César Filho (XX)

Graça Videira Lopes

¹ Para uma discussão mais aprofundada destes problemas, embora na perspectiva castelhana, vide a introdução de Cacho Blecua à edição citada; as posições de Rodrigues Lapa são expostas, nomeadamente, na introdução à sua tradução de textos seleccionados do *Amadis*, publicada na colecção “Textos Literários”, Seara Nova (Lisboa, várias edições).